YAGO MARTINS
SERMÕES DA PANDEMIA
ENCONTRANDO ESPERANÇA EM DIAS DE CAOS

Para meu filho não nascido,
cujo nome Deus conhece.

Paneloux endireitou-se então, respirou profundamente e continuou, num tom mais veemente: "Se hoje a peste vos olha, é porque chegou o momento de refletir. Os justos não podem temê-la, mas os maus têm razão para tremer. Na imensa granja do Universo, o flagelo implacável baterá o trigo humano até que o joio se separe do grão. [...] Sim, chegou a hora de refletir. Pensastes que vos bastaria visitar Deus aos domingos para ficardes com vossos dias livres. Pensastes que algumas genuflexões bastariam para pagar vosso desleixo criminoso. Mas Deus não é fraco. Essas atenções espaçadas não bastavam à sua ternura devoradora. Ele queria ver-vos mais tempo, é a sua maneira de vos amar, que é, a bem dizer, a única maneira de amar. Eis por que, cansado de esperar vossa vinda, deixou que o flagelo vos visitasse [...]. É aqui, meus irmãos, que se manifesta, enfim, a misericórdia divina, que colocou em todas as coisas o bem e o mal, a cólera e a piedade, a peste e a salvação. Este mesmo flagelo, que vos aflige vos eleva e vos mostra o caminho. Há muito tempo, os cristãos da Abissínia viam na peste um meio eficaz, de origem divina, para alcançar a Eternidade. Os que não eram atingidos enrolavam-se nas roupas contaminadas para terem a certeza de morrer. Sem dúvida, essa fúria de salvação não é recomendável. Ela revela uma precipitação lamentável, bem próxima do orgulho. Não se deve ser mais apressado que Deus, e tudo o que pretende acelerar a ordem imutável que ele estabeleceu de uma vez para sempre conduz à heresia. Mas, ao menos, esse exemplo comporta uma lição. Para nossos espíritos mais clarividentes, ele faz apenas valer esse clarão sublime de eternidade que jaz no fundo de todo sofrimento. Ele ilumina esse clarão, os caminhos crepusculares que conduzem à libertação. Ele manifesta a vontade divina que, sem fraquejar, transforma o mal em bem. Hoje ainda, através dessa caminhada de morte, de angústias e de clamores, ele nos guia para o silêncio essencial e para o princípio de toda a vida". [...] fosse ou não por efeito de uma coincidência, a partir desse domingo houve em nossa cidade uma espécie de medo generalizado e bastante profundo para que se pudesse

suspeitar que nossos concidadãos começavam verdadeiramente a tomar consciência da sua situação. Deste ponto de vista, a atmosfera de nossa cidade modificou-se um pouco. A questão, porém, é saber se na verdade a modificação estava na atmosfera ou nos corações. [1]

Albert Camus, *A peste*

APRESENTAÇÃO

Talvez esta epidemia nos afaste uns dos outros para nos tornarmos menos fantasmas. Parece contraditório, mas não tem de ser. É o próprio Yago quem explica melhor, quando fala no grande futuro que aguarda o cristão, no terceiro sermão: “Não seremos simplesmente ‘gasparzinhos’ desencarnados, ectoplasmas atravessando paredes, nós teremos corpo, um corpo tão fixo, tão sólido e tão profundo que passaremos pelos vazios entre os átomos, fazendo este mundo parecer de fumaça.” Carne e osso já temos nesta vida, mas na próxima o nosso corpo vai ser ainda mais corpo. Desde que o mundo é mundo e desde que o mundo sendo mundo nos mostrou que há mal nele, sempre foi tentador querer resolver os nossos problemas por via do afastamento. Afastamento do mundo, afastamento dos outros, afastamento de nós próprios. E há, de facto, espaço para termos no afastamento alguma ajuda: a Palavra de Deus mostra-nos que há ocasiões para nos afastarmos do mundo, dos outros e até de nós mesmos. Nem toda a quarentena é negativa.

No entanto, e de outra perspectiva, o escritor português Jacinto Lucas Pires escreveu: “O coronavírus assenta bem demais na doença do tempo de que já padecíamos coletivamente antes de dezembro de 2019. É quase como se, de um momento para o outro, tivessem sido cunhados termos médicos, científicos, para o que já estava em marcha. Sim, de certa forma, a quarentena de “isolamento voluntário” já existia. Não sou dado a tiradas apocalípticas, mas a *facebookização* da vida está a levar-nos para aí a passos largos. Vivemos cada vez mais em quarentena: quarentenas mentais, afetivas, políticas, espirituais.” Há quarentenas que são especialmente negativas porque nascem do erro de acharmos que nos livramos do mal se nos livrarmos dos que nos parecem maus. É como se os outros, que irremediavelmente consideramos piores do que nós, perdessem a sua própria carne e osso para se resumirem a fantasmas malignos. Não lidamos

realmente com eles porque os tornamos assombrações. Deixam de ser pessoas.

Estes sermões do Yago são especiais porque brotam da convicção de que estes estranhos dias carecem de mais carne e osso. Esta quarentena tem de ser vivida dependendo mais da Palavra porque é da Palavra que surgiu o mundo e sem a Palavra o mundo acaba. As telas e os zooms são ótimos desde que finquem unhas nas Escrituras. Esta quarentena tem de ser vivida reconhecendo a nossa dependência da igreja, agora que nem sequer a podemos frequentar da mesma maneira. As telas e os zooms são ótimos desde que nos fixem na *ecclesia*. Esta quarentena tem de ser vivida desejando que, no seu fim, busquemos mais pessoas. As telas e os zooms são ótimos desde que lembremos pelo texto inaugural de Gênesis 2 que o universo pula quando um ser humano sozinho num jardim encontra outro.

Não dá para ser menos fantasma evitando o sofrimento. O maior sofrimento do fantasma é não poder senti-lo, quem sabe? O certo é que o cristão é chamado a encarar o problema com coragem: não se trata de idolatrar o sofrimento como o preço do ingresso para conviver com Deus. Novamente, Yago explica: “Cristo não apenas está conosco durante o sofrimento, mas o sofrimento também nos deixa mais parecidos com Cristo. Esse é um dos instrumentos de Deus para nos fazer mais parecidos com aquele que é o nosso irmão. Participamos do seu sofrimento, então nos tornamos mais próximos dele.” O sofrimento de Cristo, que faz com que o cristianismo seja de carne e osso e não uma fábula em que Deus finge que é homem, transforma os nossos sofrimentos a ponto de eles não significarem expulsão, mas encontro: quando não fujo do sofrimento maior de Cristo, a cruz, sou levado a tocar os outros à minha volta. Tudo isso palpavelmente.

No ocidente, o sermão ganhou a conotação de chatice. Mas a verdade é que sem o sermão, sem o “sermo” do latim original que significa discurso, a nossa existência seca. Sem sermões mirramos, desidratamos, encarquilhamos. A nossa carne emagrece e os nossos ossos esmigalham-se. A obra de Yago, cada vez mais desavergonhadamente homilética, corrige quem cedo o limitou a um fenômeno virtual: quanto mais este jovem pastor prega, maior é a

esperança de a internet, tantas vezes feita fantasma frenético, finalmente morrer e nascer de novo.

Tiago Cavaco

Pastor da Igreja da Lapa em Lisboa, Portugal. É autor de “Ter fé na cidade”, “Seis sermões contra a preguiça”, “Cuidado com o alemão” e “Milagres no coração”, todos publicados por Vida Nova. Formado em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa, trabalhou dez anos em televisão, colabora com a revista Ler e mantém desde 2003 o blog Voz do Deserto. Casado com Ana Rute e pai de Maria, Marta, Joaquim e Caleb.

PREFÁCIO

Meus pais são idosos. Muito idosos. Quando eu nasci, minha mãe tinha 43 anos e meu pai estava prestes a completar 52 anos bem vividos. Ser filho de pais mais velhos permitiu que minha criação ostentasse algumas peculiaridades. Uma delas foi crescer ouvindo histórias muito antigas, de natureza histórica ou pessoal, contadas por suas testemunhas diretas ou por seus protagonistas. Por exemplo, enquanto a maioria dos pais da minha geração tinha nascido nos anos 1960, eu sempre achei divertido pensar que, quando meu pai nasceu, sequer havia começado a Segunda Grande Guerra. Quando minha mãe nasceu, a Segunda Guerra ainda não havia terminado. Meus pais testemunharam boa parte dos eventos marcantes na história do Brasil durante o século 20: a morte de Getúlio Vargas, a inauguração de Brasília, o golpe militar de 1964, a campanha pelas Diretas Já (sem mencionar a Guerra Fria, a criação da ONU, a guerra do Vietnã, a ida do homem à lua etc.). Enfim, chegando mais ao final do século 20, as memórias passam a ser minhas, não dos meus pais, o que indica que eu mesmo já começo a sentir o peso dos anos que passam.

Não foram poucas as vezes que sentei para ouvir com muito interesse as histórias que meus pais tinham para contar de anos tão remotos. Lembro-me de minha mãe contando que se recorda quando a notícia da morte do chamado “pai dos pobres” chegou lá na roça. Segundo ela, foi a maior choradeira por Getúlio. Lembro-me de meu pai contando sua saga de Recife ao Rio, depois do Rio a Brasília, em busca de melhores condições de vida, de emprego. Ele chegou à nova capital ainda em 1960, quando a cidade preservava boa parte do aspecto de um grande canteiro de obras. Segundo ele, nesse início da cidade, uma poeira vermelha subia por causa das ruas ainda não pavimentadas.

Além da idade avançada dos meus pais, outra particularidade que sempre me chamou a atenção (e encheu de orgulho) na minha família é sua origem nordestina. Meu pai é pernambucano; minha mãe, baiana. Ambos têm origem muito humilde e lutaram no nível

de romances épicos contra as agruras da vida para que eu pudesse crescer com muito conforto e sofisticação. Só para ficar em alguns exemplos anedóticos, minha mãe se lembra de muitas experiências das quais não é comum nos lembrarmos, como a primeira vez que vemos um carro, que calçamos sandália, que comemos batata frita ou que bebemos Coca-Cola. Não nos lembramos porque é comum que isso tenha ocorrido em tenra idade, como algo sem relevância. Com minha mãe, não, pois só foi viver tudo isso em sua juventude. Ela conta que se lembra de não ter dormido quando ganhou sua primeira sandália. De tempos em tempos, ao longo da noite, "riscava o talo de fósforo" e colocava sobre a sandália, para ver se ainda estava lá. Uma sandália! Creio que se deve a esse contexto pessoal o fato de algumas caricaturas de nordestinos não fazerem o menor sentido na minha cabeça. Por exemplo, tratando especificamente da origem baiana da minha mãe, não conheço um baiano preguiçoso. Muito pelo contrário, sobram motivos para eu sentir orgulho do meu sangue nordestino. De lá é que vieram gigantes como Ruy Barbosa, João Gilberto, João Ubaldo Ribeiro, Pontes de Miranda, Joaquim Nabuco, Clóvis Beviláqua, Patativa do Assaré, entre tantos outros.

No entanto, o motivo de maior orgulho em relação aos meus pais não é sobre eles haverem testemunhado fatos históricos importantes ou sobre serem nordestinos. Meu maior orgulho e minha maior alegria provêm do fato de que meus pais me ensinaram a andar no Caminho. Eles me ensinaram a crer e confessar que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Ter a salvação da morte eterna é uma herança mais valiosa que qualquer bem cultural; ter minhas lembranças recheadas por momentos na igreja, testemunhando vidas transformadas pelo poder do evangelho, é algo muito mais precioso que ouvir histórias pitorescas de um passado relativamente distante.

Exatamente por gostar tanto de ouvir histórias da minha família e de eventos históricos narrados sob a perspectiva única dos meus pais, valorizar a herança nordestina e ser grato por ter nascido em um lar cristão, eu costumava fazer o exercício de imaginar como eu faria com meus filhos quando eles nascessem. Quais eventos históricos eu contaria sob meu ponto de vista por tê-los testemunhado? Eu contaria a eles o que me lembro do período de

inflação galopante? Contaria onde eu estava quando as torres gêmeas do World Trade Center foram atingidas pelos aviões? Quais eventos marcantes eu testemunharia antes que meus filhos passassem a ser, eles mesmos, testemunhas de sua própria época?

Ora, no momento em que escrevo este prefácio, tenho uma filha de menos de um mês e outra de dois anos de idade. Nem nos meus exercícios mais férteis de imaginação eu poderia conceber que a primeira infância das minhas filhas seria marcada por uma rotina tão inesperada quanto a provocada pelo isolamento social decorrente da pandemia causada pela Covid-19. Estamos vivendo dias de caos com poucos precedentes na História. Não ficarei surpreso se, quando minhas filhas estiverem estudando História na escola, for dada maior ênfase a eventos como peste bubônica, pandemias de cólera e gripe espanhola.

O fato é que esse contexto de pandemia no qual estamos inseridos pelo menos desde março de 2020 impõe tantos desafios que temos mais perguntas que respostas. E essas dúvidas se situam nas mais diversas áreas, não dizendo respeito apenas a questões políticas e de saúde pública. Quando eu poderia conceber que ficaria por quatro, cinco meses sem ir à igreja? Não me recordo de ter ficado mais de três domingos consecutivos sem participar de cultos dominicais. Agora tenho o desafio de cuidar das minhas filhas prestando especial atenção aos cultos domésticos, a rotinas que envolvam contação de histórias bíblicas e conversas que lembrem à mais velha alguma coisa da igreja. Existe o risco real de termos uma geração inteira prejudicada em sua vida com Deus por não ir à igreja e não ter pais e mães que se ocupem com seu discipulado.

Como vi alguém dizer por esses dias, é cansativo viver dias históricos. É muito cansativo mesmo. Ainda não conseguimos mensurar as consequências emocionais, psicológicas, relacionais, materiais e espirituais de tudo que estamos vivendo. Em dias como estes que vivemos, é fácil o desespero bater à porta, crises de ansiedade se tornarem constantes, quadros depressivos se agravarem. São dias que parecem aqueles de densa neblina em uma viagem de carro, quando não conseguimos enxergar muitos palmos à frente, mas precisamos seguir viagem, não sabendo

quando a neblina será dissipada, mas tendo de prosseguir no percurso proposto.

É certo que, no meio de todo esse caos, ter Jesus como salvador não nos torna imunes ao vírus e às suas consequências. Com efeito, é como Yago afirma no segundo sermão: “A pandemia alcança maus e bons; a cura chega a justos e injustos; há leitos para maus e para bons; há morte por asfixia para justos e injustos”. Desse modo, há algo de especial que possa ser reclamado pelos cristãos no momento da adversidade? Temos alguma vantagem em razão de nossa condição de crentes em Jesus quando o dia de caos chega e fica? Certamente. Nossa vantagem é a esperança. Mas não é qualquer esperança, não é aquela esperança genérica que se confunde com pensamento positivo, mas incapaz de florescer na tribulação.

Patativa do Assaré, outro “caba invocado” que o Ceará nos deu, escreveu:

Amanhã, ilusão doce e fagueira, Linda rosa molhada pelo orvalho: Amanhã, findarei o meu trabalho, Amanhã, muito cedo irei à feira.

Desta forma, na vida passageira, Como aquele que vive do baralho, Um espera a melhora no agasalho E outro, a cura feliz de uma cegueira.

Com o belo amanhã que ilude a gente, Cada qual anda alegre e sorridente, Como quem vai atrás de um talismã.

Com o peito repleto de esperança, Porém, nunca nós temos a lembrança De que a morte também chega amanhã.[2]

Se você gostou dessa poesia, vai chorar lendo este livro, pois aqui temos oito sermões inundados de lições bíblicas aplicadas a dias de caos. Essas lições nos ensinam que a esperança em Cristo não é como essa esperança ilusória da qual fala Patativa do Assaré. Yago nos lembra no quarto sermão, à luz de Romanos 5.3-5, que “Deus está nos dando a calamidade todos os dias para que possamos ser aprovados, depurados e, por fim, purificados. É por

isso que essa perseverança deve agir de modo completo". Portanto, "não é uma perseverança média, não é uma perseverança condicional, não é só um pouquinho de perseverança". Essa perseverança é capaz de produz esperança, uma esperança única, concreta, que nos faz olhar para o amanhã, não com um pessimismo niilista, mas, sim, com a alegria de quem sabe que "Deus está nos fazendo perfeitos, e, por isso, vamos sofrer até encontrar a perfeição que está reservada para nós no fim deste tempo".

É nesse contexto que este livro que você tem em mãos assume relevância ímpar. Os oito sermões aqui escritos falam de dor, separação, luto, tragédia, caos, vírus e morte. Todos esses temas, porém, servem apenas como instrumentos empregados para realçar força, união, alegria, restauração, harmonia, cura e vida. Não tenho a menor dúvida de que os oito sermões aqui contidos ficarão para as gerações posteriores como um lembrete de que vivemos dias de caos, mas nesses dias difíceis também houve esperança, não se apagou a chama do Espírito em nossos corações, Deus não se calou. Estes sermões serão lidos daqui a cem, duzentos anos como um lembrete de que Deus fala, consola, alimenta e fortalece seu povo por meio de sua Palavra.

Yago fez uma pesquisa muito cuidadosa de sermões pregados em dias de caos parecidos com os dias que vivemos hoje e utilizou alguns trechos desses sermões como epígrafes aos capítulos deste livro. Acontece que o próprio Yago se revela como um talento diferenciado da minha geração. Ele não é apenas um "garoto que faz vídeo para o YouTube". Yago evidencia, com estes sermões, que é um esmerado expositor das Escrituras, um teólogo que consegue travar debates sobre os mais intrincados temas teológicos sem perder de vista o chão de fábrica, que é a igreja local. Os sermões que você tem em mãos aplicam com maestria e beleza os mais pertinentes textos bíblicos, mostrando-nos que Deus está no controle de toda e qualquer situação.

Sou grato a Deus porque contarei às minhas filhas sobre estes dias estranhos que vivemos não como quem enxerga no amanhã uma ilusão doce e fagueira, mas como quem sabe que, "através da obra da ressurreição de Jesus, seremos livres da morte,

teremos novos corpos, e toda dor, doença, miséria e os nossos inimigos serão extirpados da nossa vida eterna ao lado de Cristo Jesus. Podemos orar pelo fim de todas as doenças. Podemos orar pelo fim de todos os inimigos. Podemos pedir por um novo tempo, completamente diferente do que estamos vivendo, que nos será dado por toda a eternidade em Cristo Jesus", como destaca Yago no sexto sermão.

Os últimos meses têm sido desafiadores. Preciso cuidar bem dos meus pais, para que não sejam expostos ao vírus. Precisei cuidar da minha esposa, que viveu boa parte da gravidez em isolamento social. Precisarei cuidar das minhas filhas, para que entendam o sofrimento como cuidado de Deus para fortalecer seus corações. No que depender de mim, elas não ouvirão apenas histórias de dor e angústia sobre 2020; elas saberão que em todos os momentos somos consolados pelo Espírito Santo, em todas as circunstâncias somos cuidados por Deus, em todos os desafios temos Jesus como bom amigo.

O que você vai levar como lição deste período? Quais impactos a pandemia tem provocado na sua rotina? Como está seu emocional? Como está sua vida com Deus? Como eu disse, ainda temos mais perguntas que respostas sobre tudo que estamos vivendo. Mas pode ter certeza: neste livro você encontra as melhores respostas para as perguntas mais importantes.

Como Yago afirma no final do último sermão, "os livros de História falarão disso, contaremos aos nossos netos como passamos por tudo isso, mas, ao olharmos para o que não pode ser visto, não terá sido nada. Pelo contrário, terá sido muito pouco". Diante da eternidade que nos aguarda, tudo isso é muito pouco. Como canta Marcos Almeida, "toda dor é por enquanto, a tua alegria, daqui até o fim e eternamente".

Momentos de peste e pandemia pedem bons sermões que comuniquem esperança em dias de caos. Somos muito felizes por contar com estes sermões da pandemia, de modo a termos esperança em dias de caos.

João Guilherme Anjos

Editor
Brasília, julho de 2020

INTRODUÇÃO

Eu não ouvi a exposição do sermão naquele 15 de março de 2020. Davi Madureira, pastor de jovens da nossa igreja, estava designado para pregar. Eu aproveitei para cuidar da Catarina, nosso bebê de sete meses, a fim de permitir uma noite pacífica de culto para minha esposa. Após o período de louvor, levei nossa filha ao berçário e me dediquei a entretê-la enquanto ouvia um eco distante do que era pregado. Era uma exposição de Colossenses 1.21-23 sobre a centralidade da reconciliação. Eu devo ter conseguido pescar duas ou três frases, uma das quais me chamou a atenção: “Nenhum de nós pode sair daqui achando que sofreu o suficiente para ser salvo”.

Poucos poderiam imaginar que um tempo de intenso sofrimento viria tão cedo. Na manhã seguinte, foi decretada emergência em saúde no Ceará, onde vivemos, em decorrência da Covid-19, síndrome respiratória provocada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2). Devido à curva exponencial de contágio e à altíssima taxa de internação causada pela doença, levando ao risco de colapso de todo sistema de saúde, um período longo de intenso isolamento social foi imposto pelos governos estaduais brasileiros. Foram fechadas escolas e universidades, comércios e shoppings, estádios e... igrejas. Por decreto governamental, comunidades religiosas não deveriam mais se reunir. As opiniões nas redes sociais foram diversas, mas pareceu de comum acordo entre pastores que essa não era uma decisão infundada. Questões políticas à parte, não parecia um momento para desobediência civil. Os casos da doença só cresciam no Ceará, e era prudente evitar aglomerações de qualquer natureza.

Não apenas no Ceará, mas em todo o país e em vários lugares do mundo, igrejas fecharam suas portas e começaram a transmitir virtualmente os sermões aos membros. Assim como novos debates entreteram os teólogos, indo da validade de cultos virtuais à eficácia de ceias online, novas dificuldades assolaram os ministros locais, que precisavam pregar à distância e consolar famílias de mortos enterrados sem funerais. É tempo de lembrar que

nenhum de nós sofre o suficiente para ser salvo. Autônomos precisam de auxílios, pequenos empresários estão fechando suas portas, professores triplicaram a carga horária, pastores estão morrendo e toda uma nova conjuntura de fé começou a se formar.

Foi no dia 29 de março que começamos a transmitir os *Sermões da Pandemia* aos irmãos da Igreja Batista Maanaim. Mesmo com objetivo de edificar os irmãos da nossa pequena família de fé em Fortaleza, dezenas de milhares de pessoas passaram a ter acesso àquelas mensagens de esperança e consolo. Foi então que João Guilherme Anjos, competente editor que encabeça as publicações do Dois Dedos de Teologia e do RE:VIEW Clube, abraçou a ideia de transcrever os sermões e disponibilizá-los como literatura. Depois de intenso e dedicado trabalho editorial, os *Sermões da Pandemia* podem ser lidos por todos que desejarem consolo neste tempo de caos. A pandemia ainda está às portas e não encerrou seu período de terror. Os mortos que ela deixou não nos serão devolvidos antes da ressurreição final dos justos. Os desgastes econômicos são conhecidos por todos. Mas se eu puder ajudá-lo a lembrar que nenhum de nós pode sair daqui achando que sofreu o suficiente para ser salvo, então estes sermões fizeram o trabalho para o qual foram designados. Membros de nossa igreja foram infectados pela doença e alguns lidaram com a perda de entes queridos, mas apenas Jesus sofreu o bastante, e é de seu sofrimento que procede o bálsamo para nossos corações.

Fortis est veritas.

Yago Martins
Fortaleza, julho de 2020.

Se, no próprio Antigo Testamento, Deus ordenou que os leprosos fossem banidos da comunidade e obrigados a viver fora da cidade para evitar a contaminação [Levítico 13-14], devemos fazer o mesmo com esta pestilência perigosa para que qualquer pessoa infectada fique longe de outras pessoas [...]. Como aprendemos, todos nós temos a responsabilidade de afastar esse veneno da melhor maneira possível, porque Deus nos ordenou cuidar do corpo, protegê-lo e nutri-lo para que não fôssemos expostos desnecessariamente. [3]

"Ob man vor dem Sterben fliehen möge" [Se alguém pode fugir de uma praga mortal], carta do reformador alemão Martinho Lutero para Johann Hess, por volta de 1527, durante um surto da Peste Negra.

PRIMEIRO SERMÃO: QUANDO OS CRENTES SE ESPALHAM

Atos 8.1-8

A história do cristianismo é uma história de sofrimento. Quando voltamos às primeiras páginas da religião cristã, vemos que delas escorre sangue. Não é por pouco que em sua Apologia, Tertuliano diz que o sangue dos mártires é a semente dos cristãos. O cristianismo foi pavimentado com sangue de muitos homens que foram mortos por causa da fé. Atos 8 narra o início dessa grande perseguição contra a igreja em Jerusalém. Em Atos 7, Estevão, um dos grandes pregadores daquele período, é martirizado por causa da pregação do evangelho, e uma ferrenha repressão se instaura após sua morte.

Diante desse martírio, os crentes se espalham. Os crentes fogem da perseguição que se instaura sobre a igreja e saem de Jerusalém. É muito significativo que o texto de Atos 8.1 diga que eles foram dispersos pelas regiões da Judeia e da Samaria, pois essa construção frasal lembra muito o texto de Atos 1.8, onde é dito que os cristãos receberiam poder do alto, vindo do Espírito Santo, e seriam testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, Samaria, até os confins da terra. De Atos 1 até o começo de Atos 8, o que encontramos é uma igreja que nasce, se desenvolve e cresce, mas continua em Jerusalém. Aquilo que foi ordenado que a igreja fizesse não se manifesta até que a perseguição venha sobre ela.

Muitas vezes, somos colocados em momentos anormais. A igreja parece viver momentos comuns de reunião durante seis primeiros capítulos de Atos, mas então se vê em uma situação fora do comum. No oitavo capítulo, a igreja de Atos está em um momento extraordinário. Eles estavam reunidos em paz com suas famílias em suas casas, quando são dispersos para outras regiões, fugindo da morte. Estamos estudando um relato de quando os crentes se espalham. Esses oito versículos de Atos 8 nos dão algumas lições importantes acerca de como lidamos com períodos

extraordinários do cristianismo, que podem nos ajudar a viver nossa fé e nossa vida de igreja em tempo de pandemia.

Muitas vezes, Deus coloca a igreja em circunstâncias de diáspora Primeiramente, é importante percebermos pelo texto que, algumas vezes, Deus coloca seu povo em circunstâncias de diáspora. Não é uma novidade o que encontramos no livro de Atos. Quantas vezes na história Deus espalhou seu povo ou mesmo os membros de outros povos? Se voltarmos ao começo do Gênesis, encontramos Deus ordenando que o povo se espalhe (Gn 1.28). Mas nem sempre as pessoas cumprem a ordem divina. No relato da Torre de Babel, elas tentam ficar unidas ao invés de se espalharem pela terra, quando Deus, de forma sobrenatural e para cumprir o seu propósito, espalha suas criaturas pelo mundo alterando seu idioma (Gn 11.1-9). Em seguida, chegamos ao relato de Deus tirando Abraão de sua terra, do meio de sua parentela, e o lançando em novos ambientes justamente para cumprir o seu propósito (Gn 12.1). Temos José na terra do Egito (Gn 37-50), Israel no período exílico no Êxodo e o reino de Judá no cativeiro babilônico nos dias de Jeremias, Ezequiel e Daniel. O Antigo Testamento é repleto de relatos sobre Deus espalhando seu povo.

Em Atos, a igreja que estava reunida também foi colocada em uma circunstância de diáspora. Em Atos 2.42, lemos que a igreja se reunia todos os dias. Todos os dias eles estavam juntos, rodeados de outros crentes, e, de repente, diante da perseguição, eles se viram sozinhos ou talvez em grupos muito pequenos. Deus espalha o seu povo. Ele já fez isso outras vezes, e passar por isso novamente não deveria ser assustador para nós. Temos o relato de uma igreja que se reunia e que de repente estava espalhada. Após o período bíblico, o mesmo aconteceu outras vezes. Pense no que acorreu com a igreja no tempo de Martinho Lutero durante a peste negra, ou quando a cólera atingiu Londres nos tempos de Charles Spurgeon, ou nas igrejas americanas durante a gripe espanhola. O que nós estamos passando hoje não deveria ser surpresa, porque faz parte daquilo que Deus já fez com seu povo outras vezes. Deus já nos espalhou, e estamos diante de circunstâncias que não são alheias aos cristãos. Nós somos uma igreja outrora reunida que

agora está espalhada. Nosssa geração nunca passou por isso. Nunca passamos por algo sequer próximo dessa sensação de separação da comunhão normal da igreja, mas Deus já separou o seu povo antes, seja no Antigo Testamento, no relato da igreja de Atos ou na história da igreja ao longo do período pós-bíblico.

Estamos passando por um momento que não é comum, não é ordinário, mas está entre as coisas que Deus já fez. Desse modo, não precisamos ficar assustados. Pedro motiva os irmãos em sofrimento dizendo que provações parecidas com essas são vividas por irmãos de todo o mundo (1Pe 5.9). O povo de Deus no Antigo Testamento, na época da igreja primitiva e no decorrer da história da igreja, conheceu provações parecidas com as que temos passado agora. Temos que ter alguma paz nisso, pois não estamos vivendo um momento alheio ao plano do Senhor. Deus não está dormindo, Deus não esqueceu o seu povo, Deus não está agindo de uma forma diferente de como ele sempre agiu. Ele não cometeu erros e não existe pânico nos céus. O Senhor sabe o que está fazendo. Ele nos colocou nessa circunstância e, assim como ele livrou o seu povo outras vezes, ele nos livrará agora, se for da sua vontade. A igreja no livro de Atos sobreviveu, assim como nós podemos sobreviver agora. O povo de Deus no Antigo Testamento sobreviveu e foi trazido de volta do exílio. Deus cuidou do seu povo mesmo em circunstâncias de diáspora.

Deus já separou o seu povo antes, mas também o reuniu. Nós, como cristãos protestantes, acreditamos na existência de uma diferença entre a igreja visível e a igreja invisível. Mesmo que a igreja visível acabe, que uma igreja específica feche, a igreja universal nunca acaba, pois as portas da morte nunca prevalecem sobre ela. Nesse momento, de forma visível, a igreja está separada, mas nós estamos unidos em Cristo de forma espiritual. Paulo escreve aos Coríntios dizendo que, mesmo ausente fisicamente, ele estava com eles em espírito (1Co 5.3). Nós, em espírito, estamos unidos como uma só igreja, um só corpo, ainda que separados fisicamente. Aquilo que nos une é espiritual, ou seja, transcende as barreiras das nossas paredes e nos une de forma única na obra perfeita de Cristo Jesus. Você pode não ver isso se manifestando fisicamente, mas essa é a realidade espiritual que confiamos ter em

Cristo. Em Cristo Jesus, os crentes que estão separados estão unidos em uma obra maior do que nós. Deus já fez isso antes. Estamos separados agora, e cremos que ele vai nos unir como uniu seu povo outras vezes. Deus vai nos restaurar e nos devolver à comunhão, como já fez outras vezes. Cremos nisso, oramos por isso e esperamos que essa realidade se manifeste o mais brevemente possível.

Eles fugiram por escolha própria, pressionados pelas circunstâncias O texto de Atos tem uma segunda informação que nos chama a atenção. Em Atos 8.1-8, encontramos a igreja que fugiu por escolha, pressionada pelas circunstâncias. Aqueles crentes fugiram por opção própria quando foram pressionados por situações adversas. Eles não foram expulsos de Jerusalém. Os cristãos não saíram de Jerusalém porque houve algum decreto proibindo que lá eles habitassem, mas eles fugiram da perseguição naquela cidade. As circunstâncias os levaram a tomar a decisão de fugir.

Veja, não é pecado fugir da perseguição e do sofrimento. Às vezes, acreditamos que, como cristãos, somos obrigados a passar por toda e qualquer situação de dor e dificuldade que surja sem nos defendermos de nenhum modo. Como cristãos, nós também possuímos interesse de preservar a nossa própria vida (não queremos que ela seja tirada de nós sem razão) e se nós pudermos protegê-la, vamos fazê-lo. Somos muito mal ensinados – com testemunhos às vezes um tanto sensacionalistas acerca de mártires da igreja primitiva que escolhiam conscientemente o martírio porque achavam que isso iria torná-los mais próximos de Deus – de que sempre temos que escolher a situação mais difícil em nossa vida, de que ser santo é sempre escolher a situação de maior dificuldade, de maior perigo, dor e sofrimento, mas foi Jesus quem disse em Mateus 10.23: “Quando, porém, perseguirem vocês numa cidade, fujam para outra”. Em Mateus 24.16 lemos: “então os que estiverem na Judeia fujam para os montes”. Atos 8 mostra a igreja fugindo. Não é vergonha fugir da dor e da dificuldade. O cristão não é um masoquista que procura a dor. Ele procura a glória de Cristo, ainda que custe a dor. Não temos um relacionamento amoroso com aquilo

que faz sofrer, não somos pessoas que se autoflagelam; somos pessoas que procuram a glória de Cristo, que procuram honrá-lo acima de tudo, mesmo que custe a dor.

O que acontece é que precisamos pesar com cuidado as decisões que fazemos como igreja sobre o nosso sofrimento. Houve um período de perseguição aqui em Fortaleza, na última eleição presidencial, em que algumas pessoas de gangues e milícias ameaçaram invadir igrejas para se vingar dos crentes por terem elegido determinado candidato. Mesmo assim, as igrejas cristãs mantiveram os cultos, mas se prepararam: a segurança na entrada foi reforçada, e irmãos policiais com porte de arma ficaram mais atentos e prontos para defenderem a comunidade, por exemplo. O cristão não escolhe sofrer de forma tola, ele escolhe Cristo acima do bem-estar, ou seja, ainda que isso envolva sofrer – se custar nossa vida, nossa existência terrena, nossos bens, nossos relacionamentos, nós pagaremos o preço de seguir e amar Jesus, mas nós não simplesmente buscamos e corremos para o sofrimento a troco de nada. Não somos suicidas ou masoquistas, mas sim pessoas que procuram a glória de Cristo, custe o que custar.

Perceba a situação dos irmãos em Atos 8. Alguns podiam argumentar que fugir da perseguição não era uma boa decisão, ainda que Jesus os tivesse instruído a fugir daquilo para continuar levando o evangelho mais adiante. Alguns poderiam dizer: “Existem irmãos que não terão onde congregar se fugirmos da perseguição”. Eles se reuniam todos os dias, fosse nas casas ou no templo, em um ambiente de congregação. Alguns poderiam argumentar que eles não teriam mais onde congregar da mesma forma, que eles perderiam seus recursos e propriedades e que alguns ficariam sozinhos, pois talvez nem tivessem como fugir junto de alguém. Os apóstolos ficaram em Jerusalém, o que distanciava os fugitivos das lideranças estabelecidas naquele momento.

Se os irmãos estavam espalhados e os apóstolos continuavam em Jerusalém, então como os cristãos receberiam a instrução direta de suas lideranças? Amizades e comunhões seriam definitivamente quebradas, discipulados ficariam no meio do caminho e as pessoas não sabiam quando encontrariam os irmãos de novo. Mesmo assim, eles fugiram. Eles calcularam o preço

daquela situação e entenderam que era hora de a igreja estar separada. Eles tomaram uma decisão com base em uma circunstância de risco físico, de perseguição à fé.

Ora, as aplicações intelectuais e morais do cristianismo cobram de nós que calculemos o preço de cada situação em que Deus nos coloca. Não agimos como tolos, mas com inteligência. Agimos tomando cuidado com cada uma das decisões para nossa vida. Infelizmente, em épocas como a que vivemos, os homens acreditam que é sempre errado a igreja escolher se separar, fugir de uma circunstância difícil, e que nós não deveríamos manter as igrejas paradas e os cultos públicos fechados em tempo de pandemia, pois isso seria agir contra a fé e desonraria os crentes que foram perseguidos. No entanto, é exatamente o oposto. Isso é honrar os crentes que fugiram da perseguição e que preservaram as próprias vidas para que eles pudessem continuar levando o evangelho àqueles que estavam ao seu lado. Nós precisamos preservar nossas vidas se a nossa morte não traz nenhum benefício para o reino de Deus.

Os homens acreditam que devemos tomar decisões irresponsáveis acerca da nossa vida e da vida dos outros para honrar Cristo. Alguns da teologia da prosperidade pregam que Deus vai nos proteger e que devemos continuar realizando cultos, pois o mal não vai nos alcançar: “Mil pegarão o coronavírus à tua direita, e dez mil serão atingidos pela Covid-19 à tua esquerda, mas tu não serás atingido!”, gritam nos programas de TV. O problema é que não existe nenhuma promessa bíblica nesse sentido. Nada nas Escrituras promete que os crentes não irão adoecer. Nada nas Escrituras promete que o crente não morrerá, nem orienta que não devemos tomar decisões prudentes para fugir de situações adversas. Nós estamos em uma situação adversa, estamos no meio de uma pandemia mundial. Os nossos cultos, com vários outros ajuntamentos, são ambientes perigosos não só para a igreja, mas para outras pessoas. Não apenas colocaríamos nossas vidas em risco, mas também a vida de qualquer pessoa que tenha contato conosco, caso nos ajuntemos para adorar como igreja. Entenda, não existe nenhuma promessa de Deus de que não pegaremos essa doença. As promessas bíblicas que envolvem a proteção de

Deus falam de nos guardar das obras do diabo, do pecado, da condenação, e, sim, muitos males não nos alcançam por causa da proteção constante e diária de Deus, que envia seus anjos. Mas a promessa não é que mal algum vai nos tocar. Deus permite que o mal nos toque e ele deseja que sejamos prudentes nesta vida para fugir de situações adversas quando ele intenta que a nossa postura seja de inteligência.

Outros irão se basear em uma teologia mais fundamentalista que prega que precisamos nos reunir custe o que custar: “Pegaremos coronavírus? Pegaremos. Iremos adoecer? Sim. Não importa! O que importa é obedecer a Deus! Ele manda reunir, temos que nos reunir e ponto!”. Nós devemos, sim, lutar para nos reunir. Devemos sofrer a dor da distância. Precisamos entender que essas circunstâncias extraordinárias tiram de nós algo muito precioso, mas não significa que a Igreja, de forma extraordinária, não pode estar sem aquela reunião normal da comunidade. Ora, os cristãos em Atos 8 estavam fugindo de um ambiente de culto comum, de reuniões nas quais eles poderiam estar juntos e próximos dos apóstolos. Talvez eles estivessem fugindo em família, em duplas ou até individualmente. Onde eles encontrariam uma igreja organizada e estabelecida? As pessoas teriam que desenvolver a fé longe do ambiente comum de congregação ao qual elas estavam acostumadas. Situações adversas extraordinárias cobram de nós posturas diferentes daquilo que é a vida normal da igreja. Se a pandemia se estender por muito tempo, será extremamente doloroso, e nós teremos que descobrir o que fazer e tomar precauções. Mas o que nós sabemos é que neste momento precisamos permanecer separados, ainda que isso doa profundamente em cada um de nós.

Infelizmente, muitos ainda insistem em um caminho anticiência: dizem que tudo não passa de histeria da mídia, de um plano de instituições internacionais e se apegam aos artigos menos recomendados e a notícias sem muita lógica, assumindo posturas das mais erradas acerca da atual pandemia. Por não lerem bem os tempos ou não possuírem a mente de Cristo, em absurda falta de sabedoria, essas pessoas acabam propagando posturas que põem muita gente em risco. Imagine os crentes em Atos 8 dizendo: “Não

pessoal, nunca seremos mortos, esse mal nunca nos alcançará!” ou “O número de mortos pela perseguição é bem inferior aos mortos por gripe”. A verdade é que o cristianismo subserviente a discursos políticos e teorias da conspiração acaba contradizendo evidências médicas e faz com que se pense que a nossa circunstância não é tão grave como parece. Podemos ver facilmente os efeitos dessa doença em países próximos de nós (à época que este sermão foi proferido, o Brasil ainda era pouco atingido pela pandemia. Quatro meses depois, no mês de sua publicação, somos o epicentro global da crise. Portanto, podemos ver e sentir na própria pele os efeitos da doença).

Quando a crise do Coronavírus começou, vários colegas pastores fizeram pouco caso. Muita notícia falsa nos grupos do *WhatsApp*. China para cá, Bolsonaro para lá. “Histeria e exagero”, disseram. Tudo foi agravando, dia após dia, e os tons começaram a mudar. Um começou a pedir oração aqui, o conspiracionista declarou luto acolá, e não demorou para o silêncio tomar conta dos grupos. Todos estavam ocupados consolando famílias da igreja que perderam entes queridos. Vários estavam lamentando seus próprios parentes. Então alguns começaram a adoecer. Sintomas parecidos, mas não havia testes. Mandavam mensagens em isolamento, aterrorizados. Não reclamavam mais do *lockdown*. Os números viraram nomes, a conspiração chinesa bateu na porta. O mal espreitou de perto. Não existia mais negacionismo. Pastorear em tempo de pandemia se tornou um desafio. Lutos distantes, velórios privados e consolos online. Ninguém sabia bem o que fazer, e continuamos não sabendo. Pastores choram por não poderem se aproximar o bastante das ovelhas em momentos de necessidade.

Em um tempo de pós-verdade em que fatos são fluidos e interpretações ganham espaço para submissão ideológica, a igreja precisa ser coluna e baluarte da verdade. Precisamos trazer o mundo de volta à sanidade. Devemos fugir das notícias que dizem que os homens anticiência (que diminuem a gravidade dessa pandemia) são representantes do movimento evangélico, pois não são. Os prédios das igrejas estão fechados. O movimento evangélico está levando a sério a gravidade dessa situação. Os grandes falsos profetas da teologia da prosperidade não

representam a igreja neste período de dor e dificuldade; a igreja está sofrendo – sofrendo nos relacionamentos, sofrendo espiritualmente, emocionalmente, psicologicamente e financeiramente –, estamos sentindo a dor de amar o próximo. Estamos sentindo a dor de segurar as pontas, de evitar a comunhão com os irmãos, como nos é necessário e agradável, por amor, pois não só a saúde dos nossos está em risco, mas também a dos outros. O imperador romano Juliano lamentou que a caridade dos cristãos afastava os cidadãos dos deuses de Roma. Chamando o cristianismo de ateísmo pelo abandono aos deuses conhecidos do império, ele escreveu:

> O ateísmo tem avançado particularmente através do serviço prestado em amor a estranhos e através do cuidado com o enterro dos mortos. É um escândalo que não haja nenhum único judeu que seja um mendigo e que os galileus ateus não somente cuidam de seus próprios pobres, mas dos nossos também; enquanto aqueles que pertencem a nós buscam em vão pela ajuda que devíamos dar a eles.

Nós não estamos cuidando só dos nossos pobres, só dos nossos velhos, só do nosso povo. Ao não nos reunirmos agora, estamos cuidando dos outros, amando os outros e protegendo os que seriam alvo da doença por causa da nossa insistência em congregar.

Devemos aproveitar essa oportunidade para dar glória a Deus A terceira lição que encontramos em Atos 8 é esta: temos uma oportunidade de glorificar o nome de Deus que nós não podemos perder. O verso 4 afirma: “Enquanto isso, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra”. O verso 5 complementa dizendo: “Filipe foi à cidade de Samaria e anunciava Cristo ao povo dali”. Os cristãos transformaram aquela situação de diáspora em uma forma de levar o evangelho às outras cidades; eles conseguiram aproveitar um tempo de perseguição, não para olhar para si mesmos ou infligir um automartírio, mas para iniciarem um período de pregação. Eles estavam sofrendo e olharam para

fora. Eles estavam em dor e dificuldade e decidiram glorificar o nome de Cristo alcançando mais pessoas.

Em um tempo de dificuldade para a igreja, os crentes de Atos olharam para além deles próprios e conseguiram levar o evangelho para mais pessoas no mundo. Mas veja o tipo peculiar de provação que nós enfrentamos: em Atos 8.1, os cristãos são espalhados; agora nós também estamos espalhados. Eles perderam casas, enquanto nós só temos as nossas casas. Eles usaram aquele período para pregar aos de fora. Mas como iremos pregar se estamos todos trancados? É um tempo em que só podemos orar. É um tempo em que nós só podemos jejuar, pedir pela misericórdia de Deus, ler nossas Bíblias. Como evangelizar neste tempo se nós estamos presos em casa? Em Atos, reunir-se como igreja traria prejuízos para os próprios cristãos, no nosso caso, reunir como igreja trará prejuízo também aos outros. Continuamos com a confiança de que as portas do Hades não prevalecerão contra nós, mas separar a igreja é nos dar uma facada quase mortal, é nos separar de forma terrível, tirando de nós algo que amamos profundamente.

O que este período de diáspora pode nos dar de especial então? Diferentemente do contexto de Atos, nós não estamos espalhados pelas cidades, mas reclusos em nossas próprias casas. Talvez o que estava acontecendo em Atos era que a igreja estava muito fechada em si mesma – Atos 1.8 mostra que ela deveria ir aos povos. Até Atos 7, os membros ainda estão trancados em Jerusalém. A partir de Atos 8.1, Deus age para que eles se espalhem, fazendo-os parar de olhar para dentro e começar a olhar para fora. Já que nossa experiência é oposta, possivelmente o que está acontecendo conosco hoje é que a igreja precisa estar um pouco reclusa. Deus estar nos enclausurando na vida privada pode ser um alerta de que nós precisamos olhar mais para dentro, para nossa vida pessoal e olhar menos para nossa exposição pública. A igreja no Brasil (e no Ocidente em geral) é uma igreja muito midiática e baseada em performance, de modo que tudo acontece para fora, tudo tem que estar às vistas. Talvez o que Deus queira nos ensinar neste momento é que é hora de olhar mais para dentro e menos para a casca – estar menos na rua e estar um pouco mais

no quarto; orar menos com as mãos levantadas nas praças e orar mais com a porta trancada.

Este pode ser um tempo para exercer as disciplinas espirituais de forma especial: um período para orar sobre tudo aquilo que você não orou na vida e para jejuar de uma forma que você nunca jejuou. Um tempo de se preocupar menos com a performance pública de fé e gastar mais tempo com o relacionamento real em secreto com Deus. Podemos cuidar de nossa família e prepará-la para o serviço no mundo como nunca tivemos tempo para fazer antes. Se existe uma fama de que filhos de pastores são os piores membros da igreja, este talvez seja o momento de os pastores cuidarem de seus filhos, assim como de líderes ministeriais ensinarem suas esposas, de termos tempo com os da nossa casa no oculto, onde ninguém vê e prepará-los como flechas para alcançar este mundo. Deus pode estar nos chamando para passar menos tempo negligenciando a família a fim de desenvolver grandes obras aos olhos da igreja e começar a preparar serviços que têm início dentro do nosso lar, baseados em relacionamentos familiares reais.

Talvez seja um tempo para nos desgastarmos em leitura e devoção com uma intensidade que estávamos perdendo. Temos falado muito, produzido muito, gritado muito dos telhados, mas pode ser que tenhamos ouvido pouco a voz de Deus na sua Palavra. Talvez tenhamos gastado pouco tempo em torno de boas obras que nos instruam sobre o Senhor. É provável que estejamos gastando tempo demais falando e pouco tempo ouvindo. Este é um momento para maturarmos o serviço à igreja, pensarmos acerca de como servir no ministério, começar a produzir obras a longo prazo – coisas que ninguém verá hoje. É hora de usar menos o *Facebook* e o *Instagram* e usar mais um arquivo no *Word* e uma pasta salva no computador, a fim de termos tempo para pensar em coisas que têm que ser maturadas de forma privada.

O que Deus quer nos ensinar ao nos trancar em casa? Eu não sei. Eu sei que Deus espalhou uma igreja que estava muito enclausurada em si e a fez perder as casas. Talvez Deus esteja nos trancando nesta diáspora moderna porque estávamos gastando tempo demais olhando para fora, aparecendo aos outros, dando

algo de nós às câmeras. O que Deus deseja agora é que fiquemos em casa, cancelemos nossos eventos, adiemos nossos congressos para ficarmos apenas nós e Deus, nós e o Espírito, esperando que o Senhor nos transforme de uma forma que ele talvez não tenha nos transformado quando estávamos muito ocupados com os palcos. Esta pode ser a hora de a igreja “se esconder”, baixar o rosto e deixar que o Espírito nos mova dentro das nossas próprias casas.

Deus traz bons frutos dessas circunstâncias A quarta lição a ser aprendida em Atos 8 que acredito ser importante é que Deus traz bons frutos das circunstâncias difíceis da igreja. A partir do verso 6, lemos relatos extraordinários: “As multidões, unânimes, davam atenção às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele fazia. Pois os espíritos imundos, gritando em alta voz, saíam de muitos que estavam possuídos por eles; e muitos paralíticos e coxos foram curados. E houve grande alegria naquela cidade”. Coisas incríveis acontecem em tempo de provação. É na perseguição da igreja na China que vemos uma igreja forte. Foi na perseguição no período primitivo que a igreja se espalhou por todo o mundo. É na perseguição que muitas vezes encontramos Deus fazendo obras miraculosas. Talvez Paulo não fosse um pregador tão eloquente e profícuo se ele não fosse tão perseguido por causa do evangelho. Claro que nós oramos por paz, mas temos confiança que, quando a paz falta, há um Deus eterno que é acostumado a usar sua igreja em tempo de guerra. Coisas incríveis podem acontecer nesse tempo de provação. No tempo dos apóstolos, multidões inteiras ouviam pregações, exorcismos eram realizados, os doentes eram curados, a alegria alcançava as cidades.

O que devemos esperar hoje? Devemos esperar que coisas incríveis se manifestem. Temos que esperar que o agir de Deus desponte de forma sobrenatural, de forma maravilhosa. É um tempo de esperar o milagroso. Nossos sermões que antes estavam nos prédios das igrejas agora estão nas *lives* do *Instagram* e do *Youtube*, e precisamos orar para que mais pessoas ouçam essas pregações. Quantos homens e mulheres que nunca entrariam no prédio de uma igreja agora podem clicar em um link e ouvir a pregação da Palavra durante um período em que as igrejas estão

fechadas! Quantas pessoas podem ser evangelizadas e instruídas, mesmo com as portas das igrejas fechadas! Os cultos foram cancelados, e o evangelho pode estar chegando a mais pessoas por isso.

É tempo de esperar que Satanás seja repreendido e expulso. Demônios eram expulsos enquanto a igreja primitiva estava dispersa. Podemos pensar que há a mão de Satanás em todo esse sofrimento que estamos passando, pois Satanás existe e é um ser que age com uma força sobrenatural que age contra a igreja. Sabemos por meio do livro de Jó que a atuação do diabo é real, ainda que Deus seja soberano sobre ele. Então, é tempo de orar muito para que a mão do diabo não toque a nossa igreja, para lutarmos contra os principados espirituais – pedindo que Deus seja gracioso, que Satanás seja repreendido e que a força dele não nos alcance. É tempo de pedir por curas sobrenaturais. Quantos de nós estão testemunhando Deus curando pessoas doentes de modo extraordinário? É hora de pedir que Deus cure de forma sobrenatural. Vamos orar pelos nossos que foram infectados pelo coronavírus, pelos nossos que estão no hospital. Oremos pedindo a Deus que proteja sobrenaturalmente os médicos, os idosos, e peçamos também por misericórdia para os outros países. É momento de orar pedindo que Deus cure, e cure de modo extraordinário, mas também pedindo por curas ordinárias – por meio dos médicos, dos recursos, dos remédios, do desenvolvimento tecnológico, das vacinas. É preciso clamar que a cura venha e nos livre desse mal tão grave, seja de modo sobrenatural ou de modo natural.

Neste tempo de luto e dor, Cristo pode trazer a alegria de volta às cidades. As cidades podem encontrar alegria através de obras sobrenaturais se manifestando na pandemia. É claro que a nossa expectativa não é a mesma do período primitivo. Não existirão milagres hoje da mesma forma que havia na época da igreja primitiva ou no tempo dos evangelhos. Os milagres aconteciam naquele nível por causa da força do testemunho da divindade de Cristo. Lemos em João 2, por exemplo, que, em Caná da Galileia, Jesus começou a mostrar os seus sinais manifestando a sua glória para que seus discípulos cressem nele (v. 11). Em

Jerusalém, na festa da Páscoa, muitos creram no nome de Jesus por causa dos sinais que ele realizava (v. 23). Os milagres estavam relacionados ao testemunho de quem Jesus era. No evangelho de Lucas, capítulo 7, João Batista mandou perguntar se Jesus era realmente o Messias ou se deveria esperar outro. O texto diz que, naquela mesma hora, Jesus curou pessoas de doenças, de sofrimentos, de espíritos malignos, deu vista aos cegos e então respondeu: "Voltem e anunciem a João o que vocês estão vendo e ouvindo! Cegos veem, coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados" (v. 20-22). O que Jesus estava dizendo? Ele estava dizendo que os milagres realizados de modo sobrenatural eram a prova de que ele era realmente o Messias. Em Hebreus 2.2-4, lemos que

> se a palavra falada por meio de anjos se tornou firme, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, como escaparemos nós, se não levarmos a sério tão grande salvação? Esta, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, depois nos foi confirmada pelos que a ouviram. Também Deus testemunhou juntamente com eles, por meio de sinais, prodígios, vários milagres e a distribuição do Espírito Santo, segundo a sua vontade.

Nós temos confiança de que a manifestação de milagres no período primitivo estava atrelada à manifestação de Jesus como Deus e à dos apóstolos como aqueles que iniciaram a igreja, já que sobre suas doutrinas ela está fundamentada (Ef 2.20). Sabemos que não teremos uma repetição da centralidade e do poder dos sinais do período dos evangelhos e do livro de Atos. Achar que nós podemos ir aonde os doentes estão e com confiança curar todos eles ou de que qualquer um que tenha fé poderá receber cura divina como no período dos Evangelhos é ter uma expectativa errada em tempo de pandemia. As curas divinas do período primitivo estavam atreladas à manifestação de poder sobrenatural que estava em Jesus e, posteriormente, por meio dos apóstolos, como confirmação da mensagem revelacional de Deus. Ao longo da história da igreja, nunca vimos nada se repetir com essa mesma centralidade e

intensidade como acontecia com Jesus e com os apóstolos. Não podemos esperar que curas sobrenaturais alcançarão a todos e que cidades inteiras e igrejas inteiras serão curadas se apenas crerem em Jesus.

No entanto, também não devemos fazer coro àqueles que não acreditam que Deus pode realizar milagres hoje. A Bíblia deixa claro que o fim dos dons miraculosos está reservado para o fim da história – 1Coríntios 13.8 é muito claro quando diz que o amor jamais acaba, mas profecias desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará. Pois o nosso conhecimento é incompleto e a nossa profecia é incompleta, mas, quando vier o que é completo, o Cristo perfeito, então o que é incompleto será aniquilado. As profecias acabarão, as línguas cessarão e o conhecimento passará quando Jesus retornar definitivamente e nos estiver plenamente disponível aquele que é perfeito. Neste momento, nós o vemos como que por um espelho, de modo obscuro, mas um dia veremos a face de Deus. O texto está dizendo que hoje o nosso conhecimento é incompleto, mas depois conheceremos a Deus como também somos conhecidos. Hoje permanecem a fé, a esperança e amor; dos três, no entanto, o maior é o amor, porque a fé e a esperança acabarão quando o objetivo delas se concretizar, mas o alvo do nosso amor só aumentará o amor para sempre.

Cremos que Deus ainda manifesta os seus dons de forma maravilhosa e miraculosa hoje – nunca da forma como era no período primitivo, não com aquela centralidade que encontramos em Atos ou nos Evangelhos, mas Deus ainda faz obras extraordinárias e ainda cura hoje. Deus ainda salva hoje e faz milagres em corações perdidos. Nós podemos ter essa confiança de que, em tempos de caos, de luto e de falta de alegria, Deus pode manifestar o poder sobrenatural sobre as nossas vidas através de sua atuação pelo Espírito Santo. Deus pode devolver a alegria às cidades se o evangelho impactar poderosamente as pessoas que estão trancadas em suas casas através da oração, do preparo da igreja, do jejum, dos meios eletrônicos, dos telefonemas, do testemunho de uma comunidade que se importa com os vulneráveis. Precisamos

continuar lutando pela alegria da cidade através da pregação do evangelho de Cristo.

E se essa situação persistir?

Mas e se essa circunstância continuar por muito tempo? E se não forem só mais algumas semanas ou só mais um mês? E se não pudermos nos reunir indefinidamente? E se essas coisas piorarem? Os negacionistas só conseguirão permanecer em negação por um tempo, pois as previsões é que as circunstâncias ficarão cada vez mais difíceis. Sabemos que a situação persistiu contra aqueles cristãos na Ásia Menor: eles passaram um longo tempo sendo perseguidos, sem poderem voltar a Jerusalém. Eles perderam a igreja, as casas e as congregações. Perderam boa parte de seus relacionamentos e estruturas de liderança e tiveram que se acostumar com a nova realidade. Ora, lemos no Salmo 122 que nos alegramos quando podemos ir à casa de Deus, mas nós estamos sem poder encontrar essa alegria no momento. E se passarmos mais tempo como o povo no Salmo 137 quando "às margens dos rios da Babilônia sentávamos e chorávamos lembrando de Sião"? E se nós simplesmente nos sentarmos na calçada de nossas casas, chorando, porque somos como um povo sem terra; porque tiraram de nós o nosso culto, porque essa pandemia impediu que a igreja se reunisse?

Não existe resposta simples ainda, mas sabemos que Deus, pela sua maravilhosa providência, deu para aqueles homens de Atos meios tecnológicos para ajudar a igreja a passar pela provação. Deus deu a eles uma tecnologia que naquele tempo era incrível e que foi usada para continuarem se comunicando: o papiro. As cartas da igreja, as epístolas do Novo Testamento, eram textos que mostravam uma liderança falando com seus exilados. Pense: eles não conseguiam se reunir do mesmo jeito que se reuniam no templo em Jerusalém – cada um estava sozinho, criando núcleos de igreja em outros lugares –, e os apóstolos continuaram usando a tecnologia para se comunicar com eles. Em 1Pedro 1.1, lemos: "Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Diáspora no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na Ásia e na Bitínia". Em Tiago 1.1, lemos: "Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus

Cristo, às doze tribos que se encontram na diáspora, saudações". Pedro e Tiago escreveram a homens e mulheres que estavam separados e que conseguiram por meio disso criar núcleos religiosos nas cidades em que se instalavam depois que as perseguições se acirraram e não foi possível que os crentes separados voltassem para suas casas em Jerusalém.

Semelhantemente, quando estava aprisionado em Roma, incapaz de encontrar os irmãos da igreja, Paulo era um pastor atuante. As chamadas *Cartas da Prisão* trazem conteúdos profundos de cuidado pastoral. Em Efésios, ele lidou com divisões raciais. Em Filipenses, ensinou sobre alegria. Em Colossenses, condenou heresias. Em Filemon, reestabeleceu relacionamentos quebrados. Algum serviço é possível à distância. Se a pandemia se estender, se precisarmos ficar separados por mais tempo, Deus já nos forneceu, pela sua providência, alguns meios para nos comunicarmos. A providência nos deu meios eletrônicos que nos trazem alguns alentos nesse tempo difícil. Nós devemos usar isso com afinco, mas com o mesmo espírito de Paulo, que orava ansioso para ser devolvido aos seus irmãos. Paulo enviou a Carta aos Romanos dizendo que ansiava poder ir até eles para compartilhar algum dom (Rm 1.11). Paulo sabia que havia exercícios de dons, de serviço e de igreja que só eram possíveis pessoalmente, que a carta não permitia.

Perdemos muito com a distância. Como poderemos cear online, se a ceia é justamente um partir do pão que se dá através dessa comunhão íntima? Paulo fala cinco vezes no seu maior discurso sobre o Ceia do Senhor que ela se dava na assembleia reunida da igreja (1Co 11.17, 18, 20, 33, 34). Estarmos juntos não é uma mera circunstância, mas compõe o próprio significado da ordenança. Isso torna impossível cearmos separados uns dos outros. Como poderemos, também, batizar online se decretos mais intensos se colocarem sobre nós, impedindo que encontremos uns aos outros, já que ninguém pode batizar a si mesmo? O mandamento é que os discípulos sejam batizados, não que batizem a si mesmos (Mt 28.18-20). Como podemos falar de culto online, já que o culto público, diferente de um culto doméstico, se dá na união da comunidade? Como poderemos perceber as dores e os

sofrimentos do outro à distância, se tudo é tão disfarçado no mundo de internet? Como abraçar? Como dar um ombro ao rosto que chora? Muitas coisas são impossíveis para nós neste momento, por isso estamos ansiosos que este tempo acabe. Usamos os meios eletrônicos para tentar diminuir a dor do período que estamos vivendo. Louvamos a Deus por isso, mas sabemos que não é suficiente, é um arremedo, apenas um jeito de nos ajudar. Os recursos auxiliam, mas nós não estamos congregando, não estamos ceando, não estamos vivendo em verdadeira comunhão.

Talvez as igrejas comecem a se reunir em grupos menores. Quem sabe, novas congregações e lideranças podem acabar surgindo dessas pequenas aglomerações cristãs se grandes ajuntamentos permanecerem impossíveis por muito tempo. Não sabemos o que está por vir, mas sabemos que Deus está no controle. Lutero disse não saber por quais caminhos Deus nos conduz, mas que podemos confiar em nosso guia. Eu não sei o que será deste tempo de pandemia e o que acontecerá conosco como igreja, mas eu sei que usaremos todos os meios que forem necessários para continuarmos nos ajudando, nos incentivando, nos servindo, e continuaremos ansiosos para sermos devolvidos às circunstâncias que nos são naturais – juntos, no mesmo espaço, olhando nos olhos uns dos outros, nos amando em torno de Cristo Jesus.

Conclusão O contexto de Atos 8 é o martírio de Estevão. Conseguiram matar um dos maiores pregadores do cristianismo primitivo e acharam que isso poderia parar a igreja, mas isso a levou mais longe – foi aquele martírio que levou o evangelho a todos os povos. Foi aquele martírio que fez com que a igreja se espalhasse e trouxesse o evangelho a nós – de doze homens de Nazaré para todo o mundo. Pode parecer que a Covid-19 nos destruirá e que o tempo de isolamento social vai tirar coisas preciosas de nós, mas Deus pode usar isso para levar o evangelho ainda mais longe. Deus fechou os nossos prédios, mas a nossa alegria é que, mesmo com os prédios fechados, as igrejas estão abertas. Quantos aconselhamentos por telefonema e encorajamentos pelo *WhatsApp* estão acontecendo? Quantas orações foram feitas por profissionais

autônomos, quantas pessoas já se engajaram na vida dos desempregados, quanto suporte foi dado aos profissionais de saúde? Quantas fotos compartilhadas nos grupos da igreja com registros de cultos domésticos? Há tanto da igreja que ainda está viva mesmo que os prédios estejam fechados! Não se confundam: as paredes estão intocadas, as luzes estão apagadas, o ar-condicionado está desligado, o portão está trancado, mas a igreja está mais aberta do que nunca. As igrejas continuam abertas e esperamos permanecer abertos até que Cristo volte.

Podem tirar de nós o prédio, as reuniões públicas, os momentos de comunhão mais íntimos, mas nunca tirarão de nós a chama que faz a igreja continuar viva, a mesma chama da igreja primitiva que, na morte de Estêvão e na diáspora dos irmãos, levou o evangelho ainda mais longe. O mesmo espírito queima em nossos corações. Continuaremos abertos: vamos permanecer orando por igrejas cheias aos domingos, vamos continuar jejuando para que possamos voltar aos nossos prédios, abraçar uns aos outros e cantar em uníssono que o Senhor é bom e a sua misericórdia dura para sempre.

Em verdade, o pecado é comparado à praga da qual todos fogem. É tão ofensivo e repugnante que faz separação mesmo dentre as mais próximas relações. Ocorre que o pecado é chamado de praga do coração (1Rs 8.38, 39) que é muito pior do que qualquer doença no corpo. [...] O pecado alcança e se agarra em sua alma e espírito, e assim contamina o homem (Mt 15.19, 20). Esta é a úlcera, a podridão, a praga, o veneno da alma; e o pecado não é apenas pior do que todos eles – é pior do que todos juntos. Além do mais, se a nossa justiça não passa de um trapo imundo (Is 64.6), quão podre o nosso pecado não deve ser! [...] Qualquer pecado é pior do que qualquer aflição, um pecado é pior do que todos os sofrimentos do mundo; e o menor dos pecados, pior que o maior dos sofrimentos.[4]

“Sin, the plague of plagues” [Pecado, a praga das pragas], publicado pelo puritano inglês Ralph Venning, em 1669, quatro anos após a grande praga de Londres.

segundo sermão: DUAS TRAGÉDIAS E UMA PARÁBOLA *Lucas 13.1-9*

As pessoas muitas vezes me procuram diante das mais variadas fatalidades para perguntar, como perguntam geralmente a qualquer líder religioso que esteja disponível, se aquilo é uma punição de Deus. Quando há desastres naturais em lugares onde não existe uma maioria cristã, mas sim secularizada ou de religiões animistas, logo começam as especulações na internet e a seguinte dúvida se propaga no seio das comunidades religiosas: Deus estaria punindo essas pessoas? No meio desta pandemia de coronavírus, algumas mensagens que recebo acabam representando essa dúvida. As pessoas olham para aquilo que acontecia em níveis religiosos e morais na China e na Itália e, então, acabam criando relações muito íntimas entre os momentos de sofrimento e o abandono público da fé cristã.

Há até imagens que se propagam na internet que tentam relacionar a pandemia que nos alcança aqui no Brasil com blasfêmias cometidas por escolas de samba durante o carnaval, como se a conta daquilo estivesse sendo paga agora. Essa é a postura correta diante das tragédias? É assim que respondemos diante do mal que assola as pessoas? A resposta é não. Lucas 13.1-9 nos responde qual deve ser a nossa postura diante das tribulações falando de duas tragédias e uma parábola.

Nosso sofrimento é culpa de nosso pecado?

O texto fala no verso 1: “Naquela mesma ocasião, estavam ali algumas pessoas que falaram para Jesus a respeito dos galileus”. O trecho “Naquela mesma ocasião” chama a atenção para um momento que é anterior a Lucas 13, que se manifesta em Lucas 12.1: “Visto que milhares de pessoas se aglomeraram, a ponto de se atropelarem umas às outras, Jesus começou a dizer, antes de tudo, aos seus discípulos”. Ele começa a pregar sobre santidade, arrependimento e perdão, e após isso o capítulo 13 inicia com: “estavam ali algumas pessoas que falaram a Jesus” naquela mesma ocasião. Veja, temos um momento em que milhares de pessoas

estão em volta de Cristo. Nesse contexto, Jesus está ensinando verdades sobre arrependimento, perdão, santificação e vida da fé aos seus discípulos, e as pessoas que estão ali em volta o interrompem a fim de trazer uma notícia, ou melhor, contar uma tragédia. Alguns galileus haviam sido mortos por Pilatos, e o sangue deles foi misturado com o sangue dos sacrifícios que eles mesmo realizavam.

Muitos tentam encontrar paralelos na História com essa narrativa, mas a maioria desses esforços se torna um tanto inconclusiva. O que podemos descobrir, a partir do texto e a partir de outros elementos da cultura da época, é que esses galileus eram possivelmente zelotes aliciantes — eles eram judeus de um grupo radical e proselitista, que tentavam atrair pessoas para a causa deles. Entende-se historicamente que os galileus eram muito propensos a rebeliões civis, até porque eles eram desprezados pelos outros judeus e acabavam à margem em muitos aspectos. Esses galileus, principalmente por terem sido mortos por Pilatos, deveriam ser pessoas politicamente perigosas. Pilatos não mataria galileus, ainda mais dentro do templo, por nada. Esse tipo de ato geralmente estava relacionado a integrantes de movimentos relacionados a rebeliões civis contra o Império.

Desse modo, temos aqui zelotes aliciantes em Jerusalém, indo oferecer sacrifícios no templo. Pilatos aproveita que esses galileus estão em sua terra, com a guarda baixa, já que estão indo sacrificar, e manda os guardas entrarem no templo para matá-los. Se a descrição aqui for literal e não apenas uma linguagem mais dramática, ele teria mandado misturar o sangue de quem ele matou com o sangue dos sacrifícios, no intuito de blasfemar no templo e ameaçar todos os hebreus de alguma forma, como se dissesse para eles não perturbarem a *Pax Romana*. Aquele período que eles estavam vivendo que era muito precioso para o povo romano. Um ato tão terrível de blasfemar no templo matando alguns judeus e misturando o sangue derramado daqueles homens com sangue dos sacrifícios que eles estavam oferecendo a Deus continha uma mensagem a ser transmitida.

Esse caso é levado até Jesus, e não parece muito claro no texto o motivo pelo qual eles o levam. Apenas a resposta de Jesus é

que nos dá um indicativo do motivo: ela parece dar alguma certeza de que aqueles homens estavam relacionando o sofrimento dos galileus mortos com algum tipo de pecado. Jesus responde no verso 2: “Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus por terem padecido essas coisas?”. Pela forma como Jesus respondeu, ele estava respondendo a um problema que foi apresentado.

Aqueles homens devem ter ido informar a Jesus acerca do sofrimento terrível que as vítimas passaram, o tamanho da tragédia e da desgraça nas quais eles estavam envolvidos, porque eles estavam insinuando que isso aconteceu por causa do pecado particular das pessoas assassinadas; eles pecaram, então sofreram. Eles agiram com mais pecado do que os outros, então foram escolhidos para sofrerem mais do que os outros. A verdade, e esse é o nosso primeiro ponto, é que sempre há quem relacione o sofrimento com pecado. Sempre há quem ache que a tragédia alcança quem peca mais e que há uma relação diretamente proporcional entre pecado e sofrimento e entre santidade e alegria. Em certa parte, esse é o mote da teologia da prosperidade, que relaciona o nível de fé e de santificação com o nível de prosperidade física nesta terra. É próximo da teologia do *coaching*, que fala sobre a nossa fé e a nossa santificação com Deus em termos de um bem-estar psicológico e emocional. No trecho bíblico, aquelas pessoas estão relacionando o nível de santificação, de proximidade com Deus, com uma fuga, uma escapada de qualquer tragédia ou mal que possa nos alcançar na vida. Nós temos aqui alguns dos primeiros teólogos da prosperidade relacionando o sofrimento dos outros com algum tipo de pecado que foi cometido. Jesus os acusa de estarem fazendo essa relação e ele fala negativamente acerca dela: “Digo a vocês que não”, revela o verso 3. Aqueles galileus não sofreram porque eram mais pecadores, e Jesus deixa isso muito claro. Não existe uma relação direta entre pecado e sofrimento, pois muitas vezes o pecado cometido nesta vida não receberá como pagamento algum sofrimento aqui. E muitas vezes a santidade vivida nesta vida será uma santidade vivida em meio aos sofrimentos mais aterradores. Jesus conta uma segunda história para trazer a mesma lição, no verso 4: “E, quanto àqueles dezoito

sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou; vocês pensam que eles eram mais culpados do que todos os outros moradores de Jerusalém? Digo a vocês que não eram".

Jesus é muito esperto aqui, porque ele cita uma segunda tragédia, mas não uma que aconteceu com galileus. Os galileus eram considerados os judeus de segunda classe, porque a Galileia era uma terra mista, com muitos comerciantes e viajantes; muitos judeus da galileia casavam com pessoas de outros povos. Eles eram considerados, portanto, de sangue impuro por muitos judeus de Jerusalém, que, por outro lado, era considerada o centro profético e escatológico da antiga aliança. As promessas de Deus falavam constantemente acerca de uma Nova Jerusalém prometida, da promessa de um retorno a essa terra. Os judeus de Jerusalém se sentiam especiais. Quando eles acusam galileus de serem mais pecadores porque sofreram, Jesus traz à tona a notícia de moradores de Jerusalém que também sofreram. Ele pergunta: "eles eram mais pecadores que os outros habitantes de Jerusalém?". Em seguida, afirma: "Digo a vocês que não eram".

Jesus é muito sábio ao citar os habitantes de Jerusalém, pois ele está tentando provocar o público que trouxe o questionamento. É como se ele dissesse: "Vocês estão achando que aqueles outros, por terem uma raça diferente, um sangue diferente, são menores ou inferiores a vocês? O pessoal de Jerusalém também sofre. Aqueles de dentro de Jerusalém eram mais pecadores do que os outros?". Talvez, e aqui é quase uma especulação, os que foram esmagados pela torre de Siloé fossem de alguma casta especial de cidadãos de Jerusalém. Assim como judeus zelotes da Galileia eram um tipo especial e particularmente radical de judeu, aqui temos judeus relacionados a uma torre em Siloé.

Sabemos mais ou menos onde ficaria essa região do poço de Siloé, do Lago de Siloé em Jerusalém, e é possível que fosse uma zona com algum relacionamento militar. Aqueles homens talvez fossem judeus particularmente escolhidos para alguma missão ou para estarem relacionados com alguma zona nobre da região de Jerusalém, mas isso é mais uma suposição. A verdade é que ao chamar a atenção para eles, Jesus quis realçar o fato de que aqueles homens que foram esmagados por uma torre na região de

Siloé, em Jerusalém, não eram mais pecadores que os outros membros de Jerusalém. Jesus deixou muito claro não haver uma relação direta entre pecado e sofrimento. O que aqueles homens estavam fazendo, ao chegarem até Jesus para dizer aquelas coisas, era muito semelhante ao que fizeram os amigos de Jó quando o encontraram em um sofrimento terrível, sentaram em volta dele, lamentaram, até, mas então o acusaram, disseram que ele precisava se arrepender, que aquele sofrimento só podia ser fruto de algum pecado particular e que ele tinha que deixar muito claro o que havia feito contra Deus.

Quantas vezes nós somos como os amigos de Jó. Quantas vezes nós olhamos para tragédias mundiais e nossa primeira atitude é tentar acusar aqueles indivíduos de algum tipo de pecado. Olhamos para países que sofrem catástrofes e desastres naturais — sejam situações que surgem de forma não planejada, como acidentes, ou atos políticos violentos, como autoridades que matam o povo — e o que fazemos é tentar acusar aqueles povos: “eles eram animistas, eles eram pecadores, eles rejeitaram o cristianismo, eles têm elementos do islamismo dentro daquela cultura etc.”. O que fazemos é simplesmente encontrar a primeira correlação de pecado nacional e tentar aplicar isso àquele povo determinado como forma de nos sentirmos superiores, de ameaçar os outros que não seguem a nossa própria fé. É como se disséssemos: “Eles estão sofrendo tanto porque não seguiram Jesus”.

Dizer isso pode até parecer santo, mas Jesus desaprova essa correlação. Jesus nos mostra que isso é um ato mesquinho. O livro de Jó revela que isso nos coloca do lado dos inimigos, não dos amigos. Os amigos de Jó não eram amigos de verdade. Quantos de nós somos “amigos de Jó” para aqueles que sofrem. Alguém chega a nós com as mais variadas doenças e o que pensamos é: “Está vendo?! Não se protegeu direito”. Se alguém sofre depressão, pensamos: “Mas crente com depressão deve ser por falta de uma cosmovisão correta, uma boa teologia”. Vemos pessoas que são assaltadas na rua e geralmente pensamos no que a pessoa poderia ter feito para não ser assaltada: “Deu bobeira”. Mulheres são estupradas e a primeira coisa que fazemos é ver as fotos delas no

Instagram para saber se elas eram mulheres “que davam cabimento” ou não.

Muitas vezes agimos como os amigos de Jó. Achamos que os homens no sofrimento estão sob punição. Eu não estou dizendo que eles não estão nem estou dizendo que Deus não pode estar punindo pecadores por causa de suas maldades, estou afirmando que esta informação não nos é dada, não é nossa é secreta, de Deus, e não temos como ler o “livro das punições divinas”, não temos como ler o livro daquilo que Deus está fazendo neste momento no mundo para saber exatamente o motivo de cada uma das desgraças que acompanham os homens neste mundo caído. Especular sobre os motivos é tentar sentar no trono de Deus. Sabe qual informação é nossa? A de que a nossa função, como diz a Carta de Tiago, é chorar com aqueles que choram.

Quando a humanidade é posta em sofrimento, não temos que especular sobre a santificação daqueles que sofrem, temos que chorar com os que choram e nos ver como parte da humanidade caída. É que também estejamos debaixo de uma situação de desgraça em breve. Estamos olhando para os galileus do texto bíblico, mas os judeus de Jerusalém também sofrem. Olhamos para um povo no outro lado do mundo (pessoas em outros tipos de estruturas políticas, em países com outro tipo de geografia, que passam por outros graus de sofrimento) e o acusamos ao invés de nos sentirmos participantes da dor, da mesma humanidade. Os sinos tocam em luto pelos mortos, mas também por cada um de nós que somos parte da raça humana.

Quando um chinês, um italiano, um espanhol ou um americano morre pela pandemia, nós choramos com aqueles que choram, porque todos nós perdemos um pouco de quem somos. Nossa postura não é a de tentar averiguar os planos secretos de Deus e os motivos ocultos do Senhor, mas é de lamento e sofrimento, não de acusação. Em outro momento, no Evangelho de João 9.1-3, vemos algo muito parecido: enquanto Jesus caminha, ele avista um homem cego de nascença. Os discípulos olham para aquele homem e perguntam: “Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego?”. Para os discípulos, a desgraça na vida daquele homem era fruto do pecado de alguém; eles perguntam:

“Quem pecou? Foi ele ou foram os pais dele? Havia um pecado particular daquele homem para que ele ficasse cego ou os pais daquele homem pecaram para que ele fosse punido pela cegueira?”, mas Jesus responde: “Nem ele pecou, nem os pais dele; mas isso aconteceu para que se manifestassem as obras de Deus”. Então, Deus cura aquele homem.

Os discípulos tentaram relacionar sofrimento com pecado, no entanto Jesus disse que aquele sofrimento não aconteceu por causa de alguma falha ou de algum pecado particular, mas para que a glória de Deus se manifestasse na vida dele. O sofrimento tem propósitos misteriosos. Quem diria que o motivo da cegueira daquele homem era a manifestação da glória de Deus na vida dele, através da cura por Cristo Jesus? Quem sabe os motivos de cada um dos sofrimentos que acompanham os homens nesta vida? Nós não temos como averiguar isso, sabemos apenas que o sofrimento entrou no mundo por causa do pecado – não haveria sofrimento, nem dor, nem morte, se o homem não tivesse pecado na fundação do mundo. No entanto, não podemos relacionar os sofrimentos particulares com pecados particulares. Jesus não acredita em carma. Jesus não acredita em “aqui se faz, aqui se paga”, ele não acredita que existe uma lei do eterno retorno, pela qual você irá, de alguma forma, receber aquilo que você dá para os outros. A vida não funciona assim. As recompensas das boas obras são recompensadas fora daqui. A punição das más obras vem pela eternidade. Esta vida nem sempre corresponde exatamente àquilo que fazemos, seja bom ou ruim. Todos nós estamos em dívida. Aqueles homens não eram mais culpados do que os outros. O termo culpado aqui traz a ideia de alguém que está em débito. A ideia que Jesus está trazendo é: “Vocês acham que esses homens tinham mais dívidas que vocês?”. E nós, tínhamos menos ou mais dívidas do que eles? Devemos menos ou mais para Deus? Temos menos culpa diante de Deus que italianos, chineses, espanhóis e americanos? Temos menos débito? Nossa dívida com o Senhor é menor para que possamos julgá-los e ficar averiguando os motivos de Deus?

O Salmo 73 mostra um Davi que quase abandona o Senhor, que quase cai por causa da prosperidade dos ímpios, enquanto os

justos sofriam. Muitas vezes veremos isso acontecer – homens santos, membros da igreja, que amam o Senhor, adoecendo, enquanto homens ímpios que saem nas ruas e não se cuidam continuarem saudáveis. “Por que essas coisas acontecem se eu pequei menos que ele?”, alguém pode questionar. E a verdade é que nenhum de nós pode se julgar dessa forma. Nenhum de nós pode se comparar com os outros em termos de pecado porque nenhum de nós deve menos a Deus do que os outros; todos estamos num mundo quebrado. Muitas vezes o ímpio prospera enquanto o justo empobrece, e é normal que assim aconteça, porque Deus manifesta sua glória mesmo em nosso sofrimento. Em Mateus 5.45,46, Jesus nos diz que Deus levanta o sol sobre maus e bons, que Deus derrama chuva sobre justos e injustos. A pandemia alcança maus e bons; a cura chega a justos e injustos; há leitos para maus e para bons; há morte por asfixia para justos e injustos. Não sabemos o que Deus está fazendo no mundo. Não entendemos o motivo pelo qual as coisas se dão, só sabemos que Deus está construindo a História da sua forma.

Quando Jesus conta a história dos habitantes de Jerusalém, ele quer mostrar que não há juízo baseado em raça. Mas você pode olhar e dizer: “Ah, os chineses isso, os italianos aquilo, e os brasileiros...”. O vírus chegou até nós; estamos também em quarentena. Os juízos precoces que apontavam os povos de outros países e culturas acabaram se tornando ineficazes quando o vírus chegou até nós, porque todos nós podemos passar pelas mesmas misérias e desgraças debaixo do sol e do pecado que alcança todos. Ou seja, sempre há quem relacione sofrimento com pecado, mas essa é uma postura muito errada diante das dores de um mundo esfacelado.

O problema político existe, mas não é o principal problema

Há, ainda, um segundo acontecimento no texto, e ele é um tanto impressionante. Os homens chegam a Jesus com um problema político. Aqueles que morreram eram os galileus. Herodes dominava a Galileia, Pilatos dominava Jerusalém – aqui temos Pilatos matando galileus na praça do templo. Alguns teólogos acreditam que esse incidente talvez tenha gerado o conflito de relacionamento

entre Herodes e Pilatos, e que, então, essa polêmica política se aprofundou cada vez mais. Jesus era um galileu e Pilatos matou galileus em Jerusalém. Era como se um presidente de um país matasse membros de outro país, então fosse perguntado para um cidadão do país ofendido o que ele pensava daquele caso. Aqui temos Jesus como galileu, e parece que a esperança daqueles homens era que Jesus entrasse nesse conflito político em oposição a Herodes ou a Pilatos.

Estavam tentando colocar Jesus em uma berlinda como faziam constantemente tentando pregar peças nele. Mas a preocupação de Jesus não era política, e a resposta de Jesus não foi política, mas religiosa. Jesus não respondeu no nível dos relacionamentos civis, ele respondeu no nível do relacionamento com Deus. Jesus constantemente deixava de responder as curiosidades dos homens acerca de aspectos desta vida, de conflitos sociais e políticos, para focar no que realmente importa. Os homens perguntaram acerca de um conflito político e Jesus respondeu acerca de um conflito com Deus, porque, no fim das contas, esse é o principal conflito.

Em João 4, por exemplo, lembramos da história da mulher samaritana, que pergunta se o local correto de adoração era neste ou naquele monte, dentro da separação entre samaritanos e judeus, e Jesus responde que a adoração deveria ser em Espírito e em verdade – nem neste monte, nem no outro, e que ela deveria aceitar que era o Messias que falava com ela. Ela se colocou diante de Cristo com uma questão teológica, mas que era profundamente sociológica, e Jesus respondeu fazendo aquela mulher pensar sobre o próprio arrependimento e a própria adoração. Em Mateus 22, perguntam a Cristo se era lícito pagar impostos a César. A resposta de Jesus é que entregamos a César o que é de César, então, sim, pagamos impostos. Mas, entregamos a Deus o que é de Deus, e que aqueles homens deveriam estar entregando a própria vida como tributo. Jesus não se deixou enganar ou distrair pelas questões intramundanas.

Quando os homens iam a Jesus com pequenas polêmicas ou pequenas curiosidades, Jesus respondia convidando-os ao arrependimento. Jesus entende que os grandes problemas da vida

não são desta vida, vão além. Os homens contaram para Jesus uma história que possuía muitas implicações políticas; Jesus esqueceu as implicações políticas, deliberadamente, para trazer as implicações da fé. Jesus estava preocupado com o verdadeiro problema do homem, porque o problema real não é qual a melhor resposta política à pandemia, qual o melhor partido para solucionar as questões de saúde pública, quem são o ministro e o presidente mais capacitados ou qual instituição internacional, projeto ou agenda política tem as melhores respostas. Essas coisas têm a sua importância, mas, comparadas às coisas de importância eterna, elas não são nada.

Podemos, sim, gastar um tempo discutindo sobre esses tópicos, mas é importante que não estejamos tão engajados com cosmovisão cristã em questões políticas a ponto de esquecermos que nossa missão no mundo, como estrangeiros, como homens com outra cidadania, é mudar o foco das pessoas do que é terreno para o que é eterno. Não podemos esquecer que nossa função não é simplesmente entrar no mundo com um debate político melhor, mas diminuindo a importância do debate político. A solução não é simplesmente dar melhores respostas ao problema social através de uma perspectiva cristã, mas mostrar que o problema social significa muito menos do que os problemas dos homens com a eternidade.

Parte da nossa missão é apresentar a eternidade para homens cuja existência se resume àquilo que é mundano – resume-se a esta vida, aos problemas e às questões de existência terrena. Parte da nossa missão é fazer como Jesus: quando os homens estiverem perguntando qual é o melhor tratamento, o melhor modelo, a melhor política, o melhor partido ou a melhor solução para o problema de saúde, que nós estejamos aqui para dar as melhores respostas em um nível intramundano, sim, mas também para lembrar que os problemas terrenos significam muito pouco se comparados ao problema que está para além deste mundo, para além daquilo que é local, passageiro, transitório. Porque nós estamos preocupados com coisas que dizem respeito a muito mais do que nossa saúde, nossa economia, nossos divertimentos e nossos passeios, pois é melhor irmos trancados, isolados, pobres e doentes para o seio de Abraão, para o céu eterno, para o gozo do

Senhor, do que, em uma economia aquecida, plenamente saudáveis e com a política perfeita, irmos para longe de Deus por toda a eternidade.

Não estamos aqui apenas para oferecer respostas aos problemas desta existência, mas para mostrar que os problemas daqui significam muito pouco e que os homens precisam de uma resposta para além dos problemas políticos. Foi o que Jesus fez. Ele respondeu falando de arrependimento, pois era disso que os homens precisavam, e é isso que nós precisamos fazer. Em tempos como este, em que as pessoas estão morrendo, vidas estão na berlinda e qualquer um de nós, a qualquer momento, pode pegar um vírus e, então, ser enterrado sem um velório, é importante que estejamos apontando as pessoas de novo e de novo para a eternidade. Em um tempo em que homens e mulheres podem perder o emprego e ficar sem recursos para alimentar suas próprias famílias, é importante que estejamos aqui para lembrá-los de um tesouro que ladrão nenhum pode levar, recessão econômica nenhuma pode diminuir e aumento do dólar nenhum pode fazer valer menos. É nossa função lembrar daquilo que é eterno. A missão dos pastores é nos desgastarmos menos no problema político e trazermos as pessoas ao problema com Deus.

É interessante que, por tanto tempo, as esquerdas políticas encontraram na Teologia da Missão Integral, no movimento evangélico, na teologia da libertação e no movimento católico-romano um tipo de esforço por uma causa social que desprezava a transformação da alma. As pessoas acabavam muitas vezes esquecendo da pregação do evangelho, da transformação da vida, em nome de uma formação política. Diziam que era mais importante tirar o inferno da alma do que a alma do inferno. Tratavam como mais importante levar um pão terreno do que levar o pão da vida.

No cenário que estamos vivendo, é muito comum que as direitas do espectro político, nas quais estão muitos pastores, esqueçam o cuidado das almas em nome de um tipo específico de engajamento político e social. Você acessa as redes sociais dos pastores (Instagram e o Twitter, por exemplo), e os comentários são os mais violentos em nome de uma postura política específica, as conversas são cada vez mais acerca de questões sociais e

partidárias e menos sobre oferecer um caminho de esperança para as pessoas, quando a nossa missão é justamente tirar as pessoas da prisão do poder temporal, da prisão da materialidade, a fim de libertá-las para um caminho para além dos problemas políticos desta vida. As soluções políticas são debatidas entre cristãos e pastores, uns acham que a melhor resposta é essa ou aquela. Eu não estou dizendo que todas as respostas são igualmente válidas ou corretas, mas as soluções divinas são unânimes, e todos nós deveríamos estar focados nelas, porque, como diz o Salmo 20, "Uns confiam em carros, outros confiam em cavalos; mas nós invocaremos o nome do Senhor nosso Deus".

Uns confiam na quarentena, alguns confiam na hidroxicloroquina, outros confiam em imunidade coletiva, outros confiam em máscaras, outros confiam em meios profiláticos; nós confiamos na boa mão de Deus, porque só ela é livre de qualquer polêmica humana, só ela é livre de agendas e interesses políticos pessoais. A mão de Deus age pela sua glória e pelo bem do seu povo. Podemos discutir política, mas a nossa confiança não está nesta terra, ela está na mão de Deus. É triste quando as nossas redes sociais se resumem a lidar com questões intramundanas como se Deus não existisse, como se fôssemos ateus práticos, ou pior, como se fôssemos crentes políticos, servos de projetos pessoais de domínio civil. Nós estamos aqui acima das agendas deste mundo, como cidadãos de outro reino, esperando que o nosso grande rei venha solucionar os desafios que surgem neste tempo.

Vendo os problemas contra nós mesmos Outro aspecto do texto chama a atenção: nossa postura diante da tragédia não é de atribuir pecado àquele que sofre, nossa postura não é de nos desgastar nas simples questões temporais, sociais e políticas; nossa postura tem que ser de ver o problema contra nós mesmos. É isso que encontramos nos versos 3 e 5 de Lucas. Jesus diz que aqueles homens não são mais pecadores do que outros – nem os galileus, nem os habitantes de Jerusalém–, mas ele afirma: "Se, porém, não se arrependerem, todos vocês também perecerão". No verso 5, ele diz a mesma coisa: "Mas, se não se arrependerem, todos vocês também perecerão". A postura correta diante de uma

tragédia não é juízo, não é especulação sobre aqueles que estão sofrendo, mas é um julgamento acerca de nós mesmos. Nós olhamos para os problemas contra nós. Nós olhamos para o sofrimento do outro, não contra eles, mas contra nós mesmos. O sofrimento alheio é um jeito de nos lembrar do nosso próprio pecado e não do pecado do outro. A postura correta diante da tragédia é o arrependimento.

O sofrimento alheio é um chamado para analisarmos a nossa própria miséria, e não a miséria do outro. Gastar tempo com juízos acerca dos outros é fugir dos conflitos do nosso próprio interior, porque se devemos nos arrepender diante do mal que assola outras pessoas, se Deus está chamando a atenção para o nosso próprio pecado e para a nossa própria falta de arrependimento quando os outros sofrem, gastar tempo julgando os outros e os possíveis pecados alheios é de alguma forma tentar calar a voz que deveria estar nos lembrando das nossas falhas e sofrimentos.

Quem acusa é geralmente aquele que precisa calar uma voz interior. Aquele que acusa os outros e relaciona o sofrimento alheio a um pecado particular geralmente é quem está debaixo do jugo de pecados particulares e sabe que, em algum momento, esse sofrimento pode alcançá-lo também, por isso ele precisa calar essa consciência olhando para fora. É como o hipócrita do Sermão do Monte que julga o cisco do olho do outro, enquanto possui uma trave no próprio olho. Somos rápidos para passar tempo demais apontando e julgando quem sofre, muitas vezes fugindo de analisar os nossos próprios pecados, pois nos achamos melhores do que quem sofre. Achamos que nossa saúde significa que somos mais amados por Deus do que o outro que está doente. Achamos que o nosso bem-estar material quer dizer que somos mais queridos por Deus do que o outro que está em miséria. Achamos que o achatamento da nossa curva na pandemia nos permite afirmar que somos pessoas mais espirituais do que aqueles que estão em meio ao progresso da doença em outros lugares. Mas o sofrimento pode chegar a nós a qualquer momento.

Podemos estar na mesma situação a qualquer momento, e, se nós não nos arrependermos, todos nós também pereceremos. O arrependimento é aquilo que deve nos alcançar quando nós

encontramos o problema no outro, porque nós também pereceremos se não nos arrependermos. Aqueles homens não eram diferentes de nós, os que morrem não são diferentes de nós, os que sofrem não são diferente de nós, então precisamos estar constantemente próximos de Deus e encontrar o sofrimento do outro como um alerta acerca do próprio sofrimento que pode nos alcançar a qualquer tempo. E ao invés de julgar o pecado do outro, termos uma postura de lamento acerca do nosso próprio pecado e nos arrependermos com urgência.

Jim Elliot, famoso mártir e missionário ao povo Huaorani do Equador, alertou a todos nós antes de sua morte, segundo a pena da sua esposa em *Através dos portais do esplendor*: "Quando chegar a hora de morrer, certifique-se de que tudo o que você precisa fazer é morrer". Quantos de nós estão na linha de frente no combate ao coronavírus – médicos, enfermeiros, dentistas, profissionais da limpeza, prestadores de serviços essenciais, por exemplo. Quantos de nós podem acabar sendo infectados apesar de todos os cuidados. Será que, diante desses momentos de pandemia e de caos global, tudo o que falta a nós diante da morte é apenas a morte? Será que nós já nos consertamos com Deus? Será que, se as tragédias que estão alcançando o mundo inteiro alcançarem nossa vida particular, já fizemos tudo que precisávamos?

Não falo de realizar certos sonhos de viagem de comprar coisas de casamento ou de número de filhos, e sim isto: nós já nos arrependemos? Porque, no fim, é isso que importa. No fim, é unicamente o nosso relacionamento com Deus e nosso arrependimento dos pecados que importam nessa questão toda. Olhe para tudo isso com interesse de se acertar com Deus, não de julgar o acerto ou o erro alheio. Temos tanto para resolver em nós que nós não deveríamos ser rápidos em condenar os outros. Se pararmos para olhar nosso interior, nosso sangue é que deveria estar misturado com o sangue do sacrifício.

Se olharmos para dentro de nós, veremos que era sobre nossas cabeças que as pedras da torre deveriam cair. Se olharmos para dentro de nós, perceberemos que nós é que deveríamos ser afetados pela pandemia; nós é que deveríamos estar sem leitos,

sem saturação e com problemas pulmonares. Nós deveríamos estar morrendo por asfixia. Se olharmos para dentro de nós, tudo que iremos encontrar são motivos para perecer e para nos arrependermos. É por isso que Jesus chamou a atenção para a tragédia muito maior que as catástrofes humanas. Ele disse: “Se vocês não se arrependerem, todos vocês também perecerão”. O que aconteceu é que os questionadores também estavam prestes a perecer desgraças idênticas.

Existe uma tragédia muito maior que as catástrofes humanas A rebelião entre os judeus só aumentava, as ameaças de Pilatos não foram suficientes, e, no ano 70 d.C., o general Tito foi enviado por Roma para saquear Jerusalém, inclusive o templo. Eles pereceram coisas muito parecidas, e o sangue dos judeus foi derramado pelas ruas de Jerusalém. Uma desgraça muito próxima daquela que alcançou os galileus acometeu aqueles homens, mas aquele não foi o verdadeiro e maior perecimento dos judeus. Jesus não estava falando de perecimento humano que os alcançaria, mas, sim, de um perecimento eterno, consequência da falta de arrependimento.

Sem frutos dignos de arrependimento, nós pereceremos desgraças maiores. Nós pereceremos por causas muito piores do que infecção com coronavírus. Nós vamos experimentar problemas muito mais preocupantes do que adoecer, ficar sem leito ou falir. Nós encontraremos uma desgraça eterna longe de Deus. Por isso que o arrependimento é central. Sem frutos de arrependimento, nós seremos cortados. É por isso que Jesus está dizendo que uma espada muito mais afiada do que as dos soldados romanos está posta no nosso pescoço e que um edifício muito mais pesado do que a torre de Siloé está prestes a nos soterrar. Ou nós nos arrependemos, ou tudo que aconteceu com aqueles homens vai nos alcançar muito em breve. Tudo o que está acontecendo nos países tomados pela pandemia vai nos alcançar muito em breve, não de forma simplesmente terrena, mas um juízo muito mais forte, muito mais pesado, ocorrendo no nível espiritual por toda a eternidade longe de Deus se nós não nos arrependermos agora.

É por isso que, em algum nível, o sofrimento é uma bênção, não porque ele seja bom – porque o sofrimento machuca e faz doer –, mas porque ele gera algum resultado. O sofrimento nos lembra da necessidade de arrependimento. Quando estamos diante do caos, da dor e da morte, lembramos que esta vida não é tudo que há, lembramos que a qualquer momento podemos voltar ao pó da terra e que teremos um encontro com a face de Deus. A grande pergunta é se nós nos arrependemos ou não. É o arrependimento que nos livra de perecer. É o arrependimento que nos livra da ira e da condenação eterna.

Jesus contou uma parábola. A multidão traz uma tragédia, Jesus traz outra, e, com essas duas tragédias na mesa, Jesus conta uma parábola a fim ilustrar um ponto. Ele narra, a partir do verso 6, a famosa parábola da figueira infrutífera: “Jesus contou a seguinte parábola: Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha”. Sabemos que os espaços em Jerusalém eram muito disputados e havia muitas plantações de uva, porque a terra era muito boa para esse cultivo e as uvas eram muito importantes para os judeus, faziam parte dos rituais deles. Mas eles também plantavam outras culturas entre os vinhedos. Na história temos uma figueira (um pé de figo) plantada entre as vinhas. O dono dessa figueira, que era o dono do vinhedo, aparece para procurar fruto naquela figueira, mas não existem frutos na planta. Essa parábola, para qualquer membro da comunidade de Israel, já seria muito clara em um primeiro momento. Israel é constantemente chamada de figueira no Antigo Testamento (Os 9.10, 16; Mq 7.1; Jr 8.13; 24.1-10), e na parábola o que há é uma figueira infrutífera. Sabemos pelos Evangelhos que a pregação de João Batista convidava os homens a darem frutos dignos de arrependimento. Jesus havia acabado de falar que eles precisavam se arrepender, e, após isso, conta a história de uma figueira que não dá frutos.

O povo de Israel ouve aquilo e sabe do que Jesus está falando: eles eram aquela árvore sem fruto, sem arrependimento. Deus veio procurar fruto naqueles membros do povo, mas Jesus não encontrou nada, pois eles não eram frutíferos. O texto diz que o dono do vinhedo vai procurar fruto nela, não encontra e diz ao homem que cuidava da vinha: “Já faz três anos que venho procurar

fruto nesta figueira e não encontro nada”. Jesus passou três anos esperando o fruto. Lemos em Levítico que as regras no Antigo Testamento cobravam que, por três anos, os frutos não fossem tirados das árvores plantadas pelo povo de Israel, pois os frutos seriam impuros durante esse tempo (Lv 19.23). Se por três anos os frutos seriam impuros, o objetivo disso, segundo o texto, era que eles só comessem os frutos maduros. A ideia era que fosse vedado comer os frutos ainda prematuros das árvores de Israel.

É interessante a correlação pela qual Jesus passou três anos pregando ao povo de Israel e, em três anos, não surgiu fruto naquela árvore. Por três anos, o homem vai atrás de fruto e não o encontra. Por três anos, Jesus pregou o evangelho e não houve frutos de arrependimento entre o povo de Israel. Jesus estava falando diretamente deles – enquanto eles estavam preocupados em apontar os outros, falando dos galileus que foram mortos, Jesus olhou para eles e disse por meio da sua história: “Vocês que são a árvore infrutífera! Vocês que são pecadores! Vocês que estão sem arrependimento! Vocês que estão prestes a conhecer a desgraça, porque não frutificam!”. Jesus apontou novamente para eles.

Essa é uma parábola muito forte. “Já faz três anos que venho procurar fruto nesta figueira e não encontro nada. Portanto, corte-a! Por que ela ainda está ocupando inutilmente a terra?”. Jesus ordena o corte daquela árvore. A figueira sem frutos vai ser cortada, pois ela ocupa a terra de forma inútil. Israel foi posto no Antigo Testamento como luz para as nações – era uma árvore que geraria sombra, que geraria fruto –, mas Israel estava inútil sobre a terra, não estava cumprindo a sua função sacerdotal, não estava sendo luz para os povos e estava vivendo longe do arrependimento do Senhor. Aquela árvore deveria ser cortada.

Quantos de nós não estamos ocupando a terra de forma inútil por não gerarmos frutos de arrependimento? Geralmente nós consideramos a nossa utilidade em termos de produção ou do que construímos, do legado que deixamos. A maior obra, porém, a maior utilidade que nós podemos ter nesta vida, é estarmos em arrependimento diante de Deus. É uma geração arrependida que vive de acordo com os planos de Deus nesta terra que será amada e trazida para mais perto do Senhor. Geralmente as pessoas

querem ser a geração dos feitos grandiosos (“Somos a geração do avivamento!”), mas já seria o bastante – já será incrível, na verdade – se fôssemos a geração do arrependimento, se estivéssemos de cabeça baixa diante de Deus, se os nossos pecados nos incomodassem todos os dias. Porque é isso que impede que sejamos inúteis sobre a terra.

Essa parábola é muito pertinente para os judeus que a escutam, porque ela faz eco de duas passagens muito importantes do Antigo Testamento: Isaías 5 e Miqueias 7. Isaías 5.1-7 diz: “Agora cantarei ao meu amado o seu cântico a respeito da sua vinha”. Lembre-se, aquela figueira estava em um vinhedo. “O meu amado teve uma vinha numa colina fértil. Ele cavou a terra, tirou as pedras e plantou as melhores mudas de videira. No meio da vinha ele construiu uma torre [...]”. Lembre-se, Jesus chamou a atenção para a torre que caiu. “Construiu uma torre e fez também um lagar. Ele esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas”. Aqui vemos a história de um homem que construiu uma torre em um vinhedo; ele esperava que houvesse boas uvas, mas as uvas que nasceram eram ruins. “E agora, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá, peço que julguem entre mim e minha vinha. Que mais se podia fazer à minha vinha que eu não tenha feito? E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas?”. O que faltava a Deus fazer aos habitantes de Jerusalém? Ele prometeu o seu Filho, ele enviou os profetas, ele cuidou do seu povo, ele deu vitórias em guerras. Aquele era o povo eleito e prometido. Ele enviou seu próprio Filho encarnado, e ainda assim não houve frutos de arrependimento.

> E agora lhes darei a conhecer o que pretendo fazer com a minha vinha: vou tirar a cerca que está ao redor, para que a vinha sirva de pasto; derrubarei o seu muro, para que ela seja pisoteada. Farei dela um lugar abandonado; não será podada, nem cavada, mas crescerão nela espinheiros e ervas daninhas. Também darei ordem às nuvens para que não derramem chuva sobre ela. Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel e os homens de Judá são a planta preferida do Senhor.

> Este esperava retidão, mas eis aí opressão; esperava justiça, mas eis aí clamor por causa da injustiça. (Is 5.5-7)

Deus vai cortar a figueira infrutífera. Deus vai pisotear e transformar em pasto a vinha que não dá bons frutos. A promessa é que se nós não dermos frutos dignos de arrependimento diante dessa situação que estamos vivendo agora, certamente a promessa é de desgraça. A promessa é que nós também pereceremos – e será um perecimento eterno. O texto de Miqueias 7.1-6 diz algo semelhante: “Ai de mim! Porque estou como quando são colhidas as frutas do verão, como quando se procuram uvas depois da vindima: não há cacho de uvas para chupar, nem figos temporãos que eu gostaria de comer”. Veja, ele fala de vinha e figueira, e a figueira não estava dando fruto. “Desapareceram da terra os piedosos”, continua Miqueias. Aqui, vemos que a figueira sem fruto e a vinha sem uva representam os piedosos que desaparecerão da terra. Ele segue:

> e não há entre todos um só que seja reto. Todos ficam à espreita para derramar sangue; cada um caça o seu irmão com rede. As suas mãos são hábeis na prática do mal. As autoridades exigem, os juízes aceitam suborno, os poderosos manifestam os seus maus desejos e, assim, em conjunto tramam os seus projetos. O melhor deles é como um espinheiro; o mais reto é pior do que uma cerca de espinhos. É chegado o dia anunciado por suas sentinelas, o dia em que vocês serão castigados; agora começará a confusão deles. Não acredite em seu amigo, nem confie no seu companheiro. Não compartilhe os seus segredos nem mesmo com a sua mulher. Porque o filho despreza o pai, a filha se levanta contra a mãe, a nora, contra a sogra; os inimigos de uma pessoa são os da sua própria casa. (Mq 7.2-6)

Jesus disse exatamente isso em Lucas 12, no capítulo passado. Jesus está claramente fazendo uma referência, em Lucas 12 e 13, a Miqueias 7, onde os homens que deveriam estar em unidade, amando uns aos outros, servindo uns aos outros. Na verdade estão em guerra, em cólera, separados como a humanidade está

separada, irados uns contra os outros, em um tempo no qual deveríamos estar unidos. É o que encontramos em nossa realidade. Estão todos em guerra e em conflito, preocupados com os próprios interesses. Políticos se importam apenas com as próprias reeleições. Filhos saem de casa, vão para aglomerações em barzinhos, vão ver os seus amigos e sentar na calçada dos seus churrascos tendo pais idosos em casa. Alguns estocam recursos que seriam importantes para outros e fazem com que o mercado não funcione para atender todos. Não há amor, graça, cuidado e unidade em um tempo como este. Isso mostra como os homens não estão dando frutos dignos de arrependimento. Nossos corações estão separados do Senhor e nós não estamos vivendo para ele. A promessa é que ele vem cortar a árvore e pisotear a vinha. Enquanto ocupamos a terra de forma inútil, estamos esperando a volta daquele que derrubará as nossas árvores.

Jesus intercede para que não sejamos cortados A maravilha é que o texto não acaba aqui. A maravilha é que a parábola ainda tem mais dois versículos e há uma intercessão. Há alguém que intercede por uma árvore sem frutos. O verso 8 declara: “Mas o homem que cuidava da vinha respondeu: ‘Senhor, deixe-a ainda este ano, até que eu escave ao redor dela e ponha estrume. Se vier a dar fruto, muito bem. Se não der fruto, o senhor poderá cortá-la”. Alguém intercede por aquela árvore, e certamente Jesus é aquele que se coloca como o intercessor nessa história. Como alguém que pede, assim como Moisés pediu no Antigo Testamento que Deus não matasse o povo, Jesus aparece pedindo que nós não sejamos cortados pela nossa falta de arrependimento. Ainda há um ano, ainda há uma chance, ainda há um tempo para que possamos gerar esse fruto. Você está brincando com essa oportunidade? Você está fazendo pouco caso com o tempo que Deus está dando para que você se arrependa? Em Lucas 3.8, vemos João Batista cobrando nossos frutos de arrependimento. Em Pedro, lemos que Deus retarda a sua vinda para que mais eleitos se manifestem. Em Romanos 8, lemos que a terra aguarda em sofrimento que mais filhos de Deus se manifestem. Jesus intercede para que nós não

sejamos cortados agora, mas para que tenhamos mais um ano e, então, possamos nos arrepender.

As catástrofes desta vida devem nos lembrar de que há uma catástrofe muito maior vindo caso nós não nos arrependamos. Jesus está intercedendo, Jesus está pedindo, Jesus está clamando por nós diante do Pai: “Não leve eles agora”, “que o cálice da tua ira não os alcance agora”, “não derrube a torre sobre eles agora”, “não misture o sangue deles com o sangue do sacrifício agora”, “dê mais um tempo para que eles se arrependam”. Você está brincando com essa oportunidade? Porque a qualquer momento, o cálice da ira será derramado; a qualquer momento, podemos ser tragados pela morte. Então, em arrependimento, diante daquele que intercede por nós, que possamos encontrar vida eterna. Em Miqueias 7, não há somente uma mensagem de condenação, existe também uma mensagem de esperança e misericórdia, a partir do verso 7, em que Miqueias diz: “Eu, porém, olharei para o Senhor e esperarei no Deus da minha salvação; o meu Deus me ouvirá”.

Precisamos olhar para o Senhor, pois ele é a nossa salvação. Ele vai nos ouvir se nos arrependermos: “[...] ainda que tenha caído, eu tornarei a me levantar; se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz” (v. 8). Se nós estamos presos em trevas, ele vai brilhar sobre nós no caminho do arrependimento: “Quem é semelhante a ti, ó Deus, que perdoas a iniquidade e te esqueces da transgressão do remanescente da tua herança?” (v. 18a). Ele pode esquecer nossos pecados, nossas mazelas, nossas misérias. Ele pode esquecer como demoramos e como não demos frutos se agora nos aproximarmos dele em arrependimento: “O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Ele voltará a ter compaixão de nós; pisará aos pés” (v. 18b) – não mais os vinhedos, mas – “as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados na profundeza do mar” (v. 19b). É o arrependimento que nos faz participantes disso. São frutos de arrependimento que nos fazem próximos dessa mensagem maravilhosa de esperança. Ao invés de olharmos para um mundo em sofrimento julgando-o, devemos olhar para o mundo em sofrimento como um chamado ao nosso arrependimento.

Conclusão

Ao olharmos para o final da parábola, percebemos que a história fica em aberto. Nós não sabemos o que acontece. Não sabemos se, quando o homem volta à árvore, ela é cortada ou não. Justamente porque aqueles homens é que dariam o final da história, como naquele antigo programa de TV chamado *Você Decide*. Ao final, nós é que decidimos como essa história vai acabar. Eles deveriam ter sido cortados, mas Deus estava dando uma última chance. Deus estava dizendo: "É a última tentativa. Eu vou voltar e, se eu não encontrar frutos, vocês serão cortados!". Essa deve ser nossa ênfase, essa deve ser nossa mensagem. Isso deve ocupar as nossas mentes. Não deixe o coronavírus distrair você. Não deixe a Covid-19 distrair a sua mente. Você já está infectado com uma doença muito mais mortal: o pecado. A única cura conhecida é o arrependimento; não há vacina, não há tratamento experimental, não há internação, não há máscaras, não há regras de higiene que livrem você da morte terrível e eterna que o mal do pecado traz. A única forma de escapar é pelo arrependimento, é pela confiança plena e completa na obra perfeita de Cristo Jesus.

Em 1948, após a Segunda Guerra Mundial e a grande ameaça de bombas atômicas que chocou o mundo, o famoso escritor cristão C.S. Lewis escreveu um ensaio chamado *On Living in an Atomic Age* [Sobre viver em uma era atômica]. Nesse ensaio, ele diz o seguinte:

> De certa forma, pensamos demais na bomba atômica. "Como devemos viver em uma era atômica?". Fico tentado a responder: "Ora, como você teria vivido no século XVI, quando a praga visitava Londres quase todos os anos, ou como você teria vivido em uma era viking, quando invasores da Escandinávia poderiam desembarcar e cortar sua garganta a qualquer noite; ou, de fato, como você já vive em uma era de câncer, uma era de sífilis, uma era de paralisia, uma era de ataques aéreos, uma era de acidentes ferroviários, uma era de acidentes automobilísticos. [...] a primeira ação a ser tomada é nos recompor. Se todos nós formos destruídos por uma bomba atômica, deixe que ela nos encontre fazendo coisas sensíveis e

> humanas - orando, trabalhando, ensinando, lendo, ouvindo música, banhando as crianças, jogando tênis, conversando com nossos amigos sobre uma caneca e um jogo de dardos - não amontoados como ovelhas assustadas e pensando em bombas. Eles podem quebrar nossos corpos (um micróbio pode fazer isso), mas não precisam dominar nossas mentes."

À luz desse parágrafo de C.S. Lewis, eu pergunto: como o coronavírus nos encontrará? Pode ser que o vírus nos encontre, pode ser que não. De qualquer forma, a verdade é que nós pensamos demais nele. Gastamos tempo demais pensando na doença e no mal que pode nos alcançar. No fim, nós temos que pensar em outras coisas; não podemos deixar a doença nos distrair, porque ela existe para nos apontar outra realidade: que esta vida não é o bastante e que estamos debaixo de um mundo que geme por causa do pecado que nos alcançou; e porque o pecado entrou no mundo, Cristo morreu para nos dar um caminho de redenção e de santificação. Se a Covid-19 nos encontrar, ela vai nos encontrar orando, pregando, aconselhando, lendo as nossas Bíblias, nos arrependendo de nossos pecados e mantendo um relacionamento real e duradouro com Cristo Jesus. Afinal, é só isso que importa eternamente.

Eu senti, como sem dúvida todos vocês que são cristãos sentiram, a bem-aventurança de um firme domínio de Jesus Cristo — a bem-aventurança de um senso de estar ancorado em Deus e em suas preciosas promessas. Enquanto a praga estava furiosa, enquanto milhares morriam, que consolo era sentir que estávamos nas mãos de um Pai amoroso que estava cuidando de nós, que nos deu a grande garantia de que todas as coisas deveriam trabalhar juntas para o nosso bem. E, portanto, o que acontecesse — se fossemos atingidos pela epidemia ou não, ou se fossemos feridos, sobrevivêssemos ou perecêssemos, sabíamos que seria bom para nós e que não havia razão para ficarmos alarmados. Mesmo que a morte viesse, sabíamos que estava tudo bem.[5]

"Some reflections growing out of the recent epidemic of influenza that afflicted our city" [Algumas reflexões que surgem da recente epidemia de gripe que atingiu nossa cidade], sermão pregado pelo ministro presbiteriano Francis Grimke na Fifteenth Street Presbyterian Church, em Washington, D. C., em 3 de novembro de 1918, ao fim da pandemia de gripe espanhola.

terceiro sermão: PERSEVERANDO DURANTE O GEMIDO DA CRIAÇÃO

Romanos 8.16-39

Estamos em pandemia. Deus nos colocou numa situação complicada. A minha geração nunca havia experimentado nada próximo disso. A minha geração nunca passou por um momento de confinamento e nunca precisou evitar estar no culto por qualquer motivo. Agora, aprouve a Deus nos colocar nesse cenário de sofrimento. As conversas dos irmãos nos grupos de WhatsApp da igreja, enquanto estão privados de reuniões, são conversas de lamentação, pois eles sentem falta da comunidade. Alguns sofrem porque estão trancados em casa e com medo de participarem desse processo infeccioso, seja porque fazem parte de algum grupo de risco, seja porque têm medo de infectar outras pessoas. Outros irmãos têm sofrido financeiramente, pois autônomos não conseguem mais trabalhar e alguns pequenos empresários precisam demitir seus colaboradores. Todos temos sofrido, e foi Deus quem nos colocou nessa situação.

Por que sofremos? Por que passamos por tudo isso? Como perseverar enquanto isso acontece? Para muitos de nós, a tentação é largar Cristo neste momento. Quando o sofrimento se torna maior do que imaginamos ser capazes de suportar, a tentação é abandonar aquilo em que acreditamos e nos entregar a falsos deuses, seja o deus do sexo, da riqueza, do medo ou qualquer outro ídolo que surja tentando nos convencer de que Deus não é bom o bastante e nos esqueceu.

Paulo era um homem de dores. Sabemos o quanto ele sofreu e como continuou fiel mesmo no sofrimento. Suas cartas não eram escritas a partir do conforto, mas da luta. Por isso, suas falas sobre confiança em meio à dor não podem ser desprezadas. Ele falava do que vivia. Romanos 8 nos explica porque o apóstolo conseguiu perseverar numa era em que a criação geme e as pessoas sofrem no mundo caído. As formas com que Paulo apresenta isso mostram

como devemos também perseverar em meio aos males que surgiram por causa do pecado.

Romanos 8 é um dos textos mais conhecidos do Novo Testamento. A carta de Paulo aos romanos fala do evangelho da justiça de Deus. O apóstolo está interessado em levar a mensagem de Cristo à Espanha. Ele aproveita para transmitir as verdades do evangelho aos irmãos romanos, tocando em muitos pontos importantes para nós, como depravação do homem, santificação e justificação. Paulo começa a falar acerca da ausência de condenação para aqueles que vivem em Cristo: para os que são salvos, não existem mais condenação e ira divina, existem apenas amor e graça de Deus, manifestas na obra perfeita de Jesus (Rm 8.1). No versículo 12, ele discorre sobre a filiação que temos em Cristo, de modo que não somos mais escravos, mas filhos. Não somos só convidados para sua casa, mas somos filhos atraídos pelo santíssimo Deus. E então, Paulo explica como perseverar num mundo de aflição e caos como este em que vivemos hoje. A Palavra de Deus é maravilhosa na maneira como estabelece a segurança que nós temos, como crentes, mesmo durante o sofrimento.

O sofrimento nos faz herdeiros com Cristo de uma glória incomparável Paulo descreve um aspecto muito específico dessa filiação ao falar que a adoção que temos para com o Deus vivo e a atribuição de coerdeiros do Messias se dão em termos de sofrimento. A partir do verso 16, lemos que o Espírito Santo confirma ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos de Deus, somos também herdeiros, coerdeiros com Cristo. O Espírito testifica essa filiação e temos uma herança prometida. O filho recebe herança, então somos coerdeiros com Cristo, que é nosso irmão. A herança que está guardada com Cristo Jesus também é nossa se estivermos com Cristo em Deus. A forma como passamos pelo sofrimento é permanecendo ao lado do nosso irmão, olhando para a promessa de uma herança que vem nele. Mas como permanecemos nisso? O texto responde de forma bastante enfática: “se com ele sofremos, para que também com ele sejamos glorificados” (v. 17b). A promessa de uma herança, uma glória futura a partir da obra plena de Jesus, vem quando participamos dele

próprio — e fazemos isso sofrendo com ele, participando, através da obra de Cristo, das aflições que a vida nos dá; estar com Cristo é estar no sofrimento do tempo presente. Isso não te dará uma vida agradável aqui na terra nem te possibilitará fugir de privações e provações, mas fará de você um participante dos sofrimentos de Cristo.

Adoramos um Deus que tem feridas, adoramos o Jesus das cicatrizes. O nosso Senhor foi cuspido, humilhado e assassinado numa cruz. Como esperamos que nossa fé se manifeste sem sofrimento se o nosso Deus não aparece como nas imagens do panteão grego, retratado com força heroica e beleza intocável? Como podemos esperar ausência de dores se ele apareceu em fraqueza, como homem, morrendo por nós para nos dar uma herança eterna, da qual participaremos se participarmos agora da dor? A convicção profunda de Paulo que Deus o colocava no sofrimento e o guiava durante as dificuldades para aproximá-lo de Jesus lhe dava força para continuar firme na fé, vendo a si mesmo como herdeiro e olhando para a recompensa que o sofrimento gerava. Não amamos o sofrimento, nem somos masoquistas que procuram a dor, mas quando o sofrimento vem, quando Deus nos coloca na provação, sabemos o que o sofrimento gera: ele nos faz participantes da obra do Deus sofredor que se manifestou na encarnação, e, então, sabemos que também vamos receber a herança.

O apóstolo diz no verso 18: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”. Paulo confiava em Deus mesmo durante as dificuldades recebidas em Cristo, porque sabia que os sofrimentos não podiam ser comparados com a glória que seria revelada na outra vida, que é a herança prometida. A glória era incomparável com os sofrimentos desta vida. Perceba que, no texto, “sofrimentos” está no plural enquanto “glória” está no singular — a ideia é que mesmo somando todas as aflições e dores que já vivenciamos e que ainda vivemos em vida, em toda a vida, elas não são nada se comparadas com a herança que temos reservada em Cristo Jesus. O sofrimento aponta para glória que há de se

manifestar, e por isso ele não pode nos remover do caminho para essa glória.

Em 2Coríntios 4, a partir do versículo 17, Paulo declara que existe um eterno peso de glória acima de toda comparação sendo acumulado e guardado para nós quando vivemos os sofrimentos em Cristo Jesus. Existe uma proporcionalidade, uma íntima relação de acúmulo de um peso que aumenta, uma glória que se torna ainda maior. Por isso, Paulo dirá em 2Coríntios 4 que fixamos os nossos olhos naquilo que não se vê e não naquilo que se vê, porque aquilo que não se vê é eterno, enquanto aquilo que se vê é transitório. O sofrimento do tempo presente é passageiro. A infecção passa, o vírus passa, a morte passa. Perdemos empresas, dinheiro, recursos, sonhos, e, ainda assim, isso não é nada, porque temos a obra perfeita de Cristo acumulando um tesouro que aumenta conforme participamos dos sofrimentos em Cristo. Ainda que o sofrimento nos machuque, ele aponta para uma recompensa que será muito maior. Então, quanto maior é o sofrimento, maior é a recompensa para a qual ele aponta. Se estiver difícil e você estiver passando por dificuldades das mais insondáveis, é possível encontrar força e confiança nesse momento olhando para o fato de que, por maior que pareça, essa dor aponta para um peso de glória incomparável.

Você pode chegar até aqui e pensar: “Ah, Yago, mas Paulo está falando do sofrimento no ministério, de pessoas que o perseguiam porque ele era crente e por causa da pregação do evangelho!”. Mas o apóstolo afirma: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente [...]”. Ele não parece estar falando de um tipo de sofrimento específico, do que surge por causa da fé, mas, literalmente, dos “sofrimentos desta era”, das dores que surgem na vida normal, neste mundo caído e frágil. Assim, parece que Paulo está dizendo para nós que todo sofrimento em Cristo é um sofrimento por Cristo. Quando sofremos em Cristo Jesus, ainda que seja um sofrimento comum da vida, é um sofrimento por Cristo Jesus. Você não precisa ser perseguido por causa do evangelho, ser chicoteado e morto em um país muçulmano; tudo que você precisa é sofrer, na vida presente, os sofrimentos comuns permanecendo firme em Cristo. Paulo

continuava bem estabelecido em seu fundamento espiritual e perseverava durante este gemido da criação, porque o sofrimento nos faz herdeiros com Cristo de uma glória incomparável. Podemos aguentar o que estamos passando porque todo sofrimento nos prepara para uma glória muito maior que qualquer perda advinda com o vírus, a recessão ou a dor da morte.

Seremos libertos dos sofrimentos oriundos da terra caída Paulo também fala que seremos libertos dos sofrimentos oriundos da terra caída. Isso deve nos dar força e esperança para perseverar em Cristo. A partir do verso 19, ele diz: "A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não por sua própria vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora". Paulo está dizendo que há uma expectativa que não é nossa, mas da criação. Aqui, ele declara que o universo — os mundos, as rochas, as montanhas, as árvores, as estrelas e os mares — possuem uma expectativa. Ele não está dizendo que seres inanimados possuem vida, mas que a criação, por ser voz de Deus, espera e comunica alguma coisa. O que o universo espera? A expectativa da criação é a revelação dos filhos de Deus, ou seja, todo o cosmos existe no aguardo de uma coisa: que os eleitos do Senhor se manifestem. Nós ainda estamos nesta realidade porque há filhos de Deus que ainda precisam se manifestar. Deus está sendo paciente todo dia. Ele poderia ter nos cortado da terra desde o Éden, mas ele continua sendo paciente. Pedro faz eco a isso quando diz que a volta de Cristo e o fim desta era ainda não se manifestaram porque existem eleitos por encontrarem arrependimento (2Pe 3.9-13).

Mas por que o texto diz que a própria criação espera por isso? O apóstolo mostra, no verso 20: "Pois a criação está sujeita à vaidade, não por sua própria vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção". Quando Adão, nosso representante diante de Deus, caiu em pecado, não só levou a humanidade com ele em

pecado, mas toda a existência e, por isso, passaram a existir morte, predação animal, abrolhos nos campos, doenças, pragas, recessão econômica, dor, depressão e violência. Porque Adão caiu, todo o universo caiu com ele. É por este motivo que a criação está sujeita à vaidade, à inutilidade: ela não é mais aquela que deveria ser, então a criação espera. Existe uma expectativa dentro do núcleo do coração da existência do cosmos por ser renovado, retirado deste mundo de pecado e feito uma coisa nova. A promessa da carta de Pedro é que, quando o tempo estrondar, o mundo será consumido pelo fogo, então nova terra será criada para nós.

O plano inicial que se manifestou no Éden não era que houvesse morte, não era que o coronavírus, o ebola ou outra doença nos afetasse. No entanto, o mundo caiu, então, a expectativa do mundo caído é que os salvos se manifestem. Apenas quando todos os salvos se manifestarem é que a criação será liberta do cativeiro da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus. A terra que nos causa sofrimento, seja por causa de escassez, de terremotos, de maremotos, de furacões, de tempestades, de inundações, de deslizamentos, de vírus e de bactérias, será liberta também. A herança é a glória dos filhos manifesta. Não lutaremos contra pandemias para sempre, mas viveremos para sempre em uma terra onde mana leite e mel (Êx 3.8) e onde não há choro, dor, doença nem quarentena (Ap 21.1-4). Ninguém precisará de isolamento social na nova terra, porque ela não será mais um cativeiro de corrupção e as doenças não nos alcançarão mais, pois há uma promessa plena em Cristo Jesus de que habitaremos para sempre em um ambiente de liberdade e de glória com a manifestação dos filhos de Deus.

Nós seremos redimidos completamente Mas não só o mundo será redimido completamente, também nós seremos plenamente redimidos através da obra de Cristo Jesus: “E não somente ela [a criação], mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo. Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos,

com paciência o aguardamos" (v. 23). Não só a terra será redimida, completamente comprada, transformada e trazida diante de Deus, mas também nós que recebemos os primeiros frutos do Espírito Santo. Haverá uma manifestação do Espírito Santo mais completa, profunda e imensa que se dará quando essa glória se manifestar. A promessa é que seremos revestidos da natureza divina e que esse Espírito nos transformará de forma plena e completa. Aquilo que já recebemos é apenas o primeiro fruto, a entrada, pois ainda receberemos o prato principal. Isso nos dá esperança, porque ainda que nosso corpo gema, ainda que nosso corpo fique doente, ainda que a nossa existência sofra, há uma promessa de transformação completa através do Espírito Santo; é por isso que "igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo".

Possivelmente quem é jovem, saudável e inconsequente não ache que a redenção do corpo é uma grande promessa, mas essa é uma promessa valiosa para aqueles que estão doentes, feridos, internados ou já sentindo o peso da velhice. Não seremos simplesmente "gasparzinhos" desencarnados, ectoplasmas atravessando paredes, nós teremos corpo, um corpo tão fixo, tão sólido e tão profundo, que passaremos pelos vazios entre os átomos, fazendo este mundo parecer de fumaça. Quando Jesus atravessa paredes no Evangelho de João (Jo 20.19-31), não é por estar num estado gasoso em um mundo sólido, é porque o mundo se torna gasoso diante da verdadeira solidez do novo corpo de Cristo. Por enquanto, gememos, na expectativa de sermos finalmente adotados. Ora, a adoção é algo que já recebemos em Jesus, mas ainda não moramos no lar definitivo com nosso Pai. Paulo parece dizer: "Olha, por enquanto, já temos a carta de adoção e um relacionamento com o nosso Pai, mas ainda somos peregrinos nos orfanatos deste mundo, aguardando ansiosos o dia em que o nosso pai vem nos buscar em definitivo".

Você pode dizer para si mesmo: "Eu não consigo ver isso!". É normal não perceber isso agora, enquanto tudo está ainda no nevoeiro da existência presente. Por isso somos salvos na esperança, e a esperança é invisível. Nossa salvação se dá olhando para o futuro. Quando a mãe espera o bebê no seu ventre, ela não

está vendo o bebê ali, mas quando a criança nasce, então ela não espera mais, porque aquilo está posto. Portanto, é normal olhar para o mundo e achar que isso é tudo que existe. É normal passar por momentos em que você teme que não haja nada além da meia-noite, mas quando você crê na obra perfeita de Cristo Jesus, então você encontra algo que você não vê, mas em que acredita. O verso 25 diz: "Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos". Talvez demore para voltarmos à atividade de culto na igreja, para nos vermos livres de surtos e pragas, para que a economia se recupere, mas nós continuaremos esperando algo que não vemos, pois, ainda que as coisas melhorem, a nossa ansiedade é para escapar de todo e qualquer mal deste mundo presente, encontrando uma redenção não só da habitação onde estamos, mas também da habitação física de quem nós somos. Nós esperamos com paciência, porque nossa esperança está bem depois da quarentena.

O Espírito intercede gemendo conosco Como se essa esperança não bastasse, temos alguém intercedendo por nós, gemendo conosco no sofrimento, como asseguram os versículos 26 e 27: "Da mesma maneira, também o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, porque não sabemos orar como convém, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus". Durante nossas fraquezas, além de podermos olhar para a promessa de redenção, podemos contar com a ajuda do Espírito Santo. Nosso gemido não é solitário, mas acompanhado do Espírito, que nos dá apoio. Você não permanece na fé à mercê dos próprios méritos, mas através do Espírito que auxilia na batalha contra os sofrimentos do agora. Ele não nos ajuda em nossa pretensa autonomia, ele nos ajuda quando gememos, confessamos e dizemos: "Senhor, eu não consigo!". Quando estamos no olho do furacão, é difícil encontrar as palavras e os pedidos certos, pois nos sentimos perdidos quanto à vontade de Deus. Não sabemos sequer orar, mas há um Espírito que ora por nós no meio do nosso sofrimento. Talvez você tenha o costume de mandar mensagens para os irmãos pedindo que alguém

ore por você, ou você acredita que o pastor tem uma oração mais poderosa que a de outras pessoas, mas esquece que temos a oração do Espírito Santo sempre que estamos em fraqueza.

Cabe dizer: ainda existe algo maior. Deus diz que o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. Quando o texto fala sobre gemidos inexprimíveis, não está falando de línguas estranhas ou línguas angelicais, está falando do mesmo gemido que é nosso e da criação, o gemido de um Deus que é sensível a nós. O Espírito não apenas ora (como, às vezes, oramos pelos outros de forma um tanto fria), mas ele tem uma oração sofrida, ele ora com gemidos. Assim como nós gememos, assim como a criação geme, o Espírito geme — de forma inexprimível — de sofrimento pela criação e pelos homens. Quando lemos a Bíblia, encontramos Deus como o criador de todas as coisas, o ser impassível acima de tudo e de todos. Mas, aqui, vemos um Deus que nos coloca e se coloca conosco no sofrimento. Muitas vezes, não encontramos empatia das pessoas ao redor. Não acreditamos que os outros sentem aquilo que sentimos em nosso coração, mas há um Espírito que se coloca conosco na provação e que geme conosco nas fraquezas com uma oração empática. Há um Deus que sofre o seu sofrimento e suas dores. Há um Deus que sofre durante a pandemia e diante das situações difíceis que ele mesmo nos coloca, porque ele é um Deus empático e amoroso que se relaciona conosco e que geme por nós.

“Quem é o homem?”, perguntou Viktor Frankl na obra *Em busca de sentido*, seu relato como neuropsiquiatra no campo de concentração. Sua resposta é que o homem é tanto aquele que inventou as câmaras de gás de Auschwitz quanto aquele que entrou naquelas câmaras de gás de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai-nosso. Se perguntarmos no meio desta pandemia: “Quem é Deus?”, nossa resposta deve ser parecida. Deus é aquele que soberanamente colocou suas criaturas em câmaras de gás, mas que se colocou com eles em cada um dos campos de concentração, que chorou ao lado de cada prisioneiro e sofreu todas as dores que seus filhos sentiram. Deus nos deu o coronavírus, mas também se colocou conosco no meio da pandemia e chora cada uma de nossas perdas ao nosso lado, com uma empatia que apenas o Espírito de Cristo pode demonstrar.

O versículo 27 diz: “E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos”. Não sabemos como orar porque não sabemos orar de acordo com a vontade de Deus. As pessoas me perguntam: “Yago, o coronavírus é punição de Deus?”. Eu digo: “Não sei!”. Não tenho como ler o livro dos planos de Deus para o mundo. Deus está nos punindo por causa de alguma coisa? Eu não sei. Eu sei que eu estou sofrendo e eu sofrerei em Jesus para sofrer por Jesus e com Jesus. Eu não sei se devo orar por arrependimento dos pecados pelos quais Deus está nos punindo, por sabedoria para aguentar bem a aprovação ou para que essa provação acabe logo, porque ela não é o plano Deus. Eu não sei se minha oração será contra a vontade de Deus. Por isso, sempre encharcamos e terminamos as nossas orações com “que seja feita a tua vontade, não a minha”, como Jesus nos ensinou no Sermão do Monte (Mt 6.9-13; Lc 11.2-4) e nos deu exemplo no Getsêmani (Mt 26.39; Mc 14.36). Mas há o Espírito que ora por nós, intercede por nós, chora por nós e conosco e ora gemendo de acordo com a vontade de Deus, que é boa, perfeita e agradável, para que ela se manifeste de forma plena e maravilhosa em nossas vidas durante o sofrimento. O sofrimento não é o esquecimento de Deus nem uma falha de percurso. Ele tem tanto controle sobre nossas provações que coloca a si mesmo nelas. Ele também intercede, gemendo ao nosso lado. Nada sai do plano daquele que ora por nós.

O sofrimento nos deixa mais parecidos com Cristo Cristo não apenas está conosco durante o sofrimento, mas o sofrimento também nos deixa mais parecidos com Cristo. Esse é um dos instrumentos de Deus para nos fazer mais parecidos com aquele que é o nosso irmão. Participamos do seu sofrimento, então nos tornamos mais próximos dele. É o que vemos a partir do versículo 28: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Tudo coopera para o nosso bem, inclusive as dores e mazelas.

O coronavírus coopera para o nosso bem, a recessão econômica coopera para o nosso bem, o confinamento coopera

para o nosso bem, a ausência de cultos aos domingos coopera para o nosso bem. Não conseguimos ver, pois somos salvos na esperança. Não conseguimos ver, pois ainda estamos na expectativa, mas sabemos que Deus usará tudo isso para o nosso bem. Eu não sei o que Deus quer nos ensinar claramente, mas uma certeza eu tenho: Deus está nos fazendo mais parecidos com Jesus; tudo coopera para o bem. Somos chamados segundo o propósito de Deus, que é nos fazer mais parecidos com Cristo, como lemos no versículo 29: "Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos". "Todas as coisas cooperam para o bem" não significa que tudo vai dar certo, que o problema não nos tocará ou que não vamos adoecer. "Todas as coisas cooperam para o bem" significa que, mesmo que adoeçamos, empobreçamos, nos entristeçamos e percamos tudo, ainda assim, isso trabalhará para o bem que é sermos à imagem do Filho de Deus.

Você quer ser mais parecido com Jesus? Lembre-se de que você adora um Cristo que foi assassinado e é chamado de "homem de dores" (Is 53.3). Você foi salvo por aquele que era o servo sofredor profetizado em Isaías (40-55). Ser parecido com Jesus é participar dos sofrimentos do tempo presente; mas participar com fé, sabendo que estamos sendo cada vez mais formados à imagem de Deus. O sofrimento aprofundará a sua fé e dará a você sabedoria e capacidade de servir mais às pessoas à sua volta. Quando Deus quer amadurecer e fazer crescer um homem ou uma mulher, ele os coloca na provação. Quando Deus quiser te fazer mais parecido com Jesus, ele te colocará no mesmo sofrimento em que colocou o seu Filho. Beberemos de um cálice próximo do cálice que ele bebeu, então seremos aproximados nesse propósito de sermos feitos à imagem daquele que é o Filho; justamente para que esse Filho seja o primogênito entre muitos irmãos — irmãos de sofrimento de Jesus. Ele é o primeiro filho, o filho mais velho, que recebe o dobro da herança, aquele que comanda a família, aquele que é o Senhor sobre cada um de um grupo de incontáveis irmãos, como lemos ao longo do livro de Apocalipse. É o sofrimento que vai

dar a Cristo uma grande comunidade de pessoas próximas e parecidas com ele.

Imagine que você é uma madeira e você está sendo esculpido por Deus: se você puder sentir como madeira, você sentirá dor, mas a dor nada mais é do que a martelada de Deus tirando de nós tudo aquilo que nos faz diferentes de Jesus. O escultor pega a madeira selvagem e simplesmente a molda e a faz cada vez mais parecida com sua imagem, como uma obra de arte que reflete de forma cada vez mais plena e cada vez mais profunda quem Cristo é. Se você quer ser mais parecido com Jesus, abrace o sofrimento quando ele vem, como alguém que entende que esse é um instrumento ruim, difícil, doloroso para coisas maravilhosas, melhores e incomparáveis que virão em breve.

O verso 30 afirma: “Ora, aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”. Temos um cordão inquebrável aqui: em nossas Bíblias, o texto é traduzido como em um passado simples, mas no original o texto não é todo no passado; é uma indeterminação de tempo a fim de chamar a atenção para o ato, não para o quando. No grego, o que está sendo dito não é no passado, presente ou futuro, mas é que essas coisas acontecem e acontecem com continuidade: Deus predestina, Deus chama os que predestina, Deus justifica os que chama e Deus glorifica os que justifica. Fomos predestinados desde antes da fundação do mundo e seremos glorificados para sempre. Todo o processo está garantido. Essa palavra “glorificação” é linguagem teológica para o que os orientais chamavam de *deificação*, ou seja, nosso corpo receberá essa glória. Seremos participantes da natureza divina, escapando da corrupção da concupiscência do mundo (2Pe 1.3-4).

Se você está olhando para essa glória vindoura, permaneça. Porque se você foi predestinado, você foi chamado, justificado e será glorificado. Há uma verdade de perseverança dos santos aqui quando percebemos que Deus nos mantém cada vez mais parecidos com Cristo através do sofrimento. Deus transforma o mal em bem, assim como na história de José, em Gênesis 50, quando ele disse: “Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem”. Os irmãos de José o derrubaram no poço e o venderam

como escravo, mas Deus fez dele alguém próximo do rei. Deus fez o bem a José através do mal que ele recebeu dos irmãos, e assim faz também conosco. A promessa na Escritura é de prosperidade, cura e sucesso, mas não para esta vida. Deus não nos colocará simplesmente como reis sobre países, mas nos fará reis sobre os anjos, senhores sobre a criação e reinaremos com ele eternamente na nova terra que ele nos dará. O coronavírus pode nos fazer mais frágeis, menos saudáveis. O coronavírus pode nos matar, mas todo o mal que os sofrimentos desta vida tentam nos dar não funcionam, em última instância, porque Deus intenta o bem mesmo com isso tudo. Por isso que tudo funciona para o nosso bem, porque Deus usa tudo para nos fazer mais parecidos com Cristo Jesus.

O sofrimento não pode nos separar de Cristo A partir do versículo 31, lemos o que os gregos chamam de *peroratio*, um final emocional depois de um texto argumentativo, que diz: “Que diremos, pois, à vista destas coisas?”. Diante de tudo isso — a decisão de permanecermos em Cristo mesmo nos sofrimentos, porque seremos herdeiros com Cristo de uma glória incomparável; a promessa de que seremos libertos do sofrimento oriundo da terra caída, porque seremos redimidos completamente; a intercessão do Espírito que geme conosco; a certeza de que o sofrimento nos deixa mais parecidos com Cristo —, que diremos? A resposta é: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”. Se Deus está ao nosso lado, o que nos tirará do caminho dele? Se Cristo está cuidando de cada um de nós, o que nos separará do seu amor? Uma infecção, uma pandemia, alguns domingos sem reunião, uma recessão econômica? Se Deus é por nós, nada disso é poderoso contra nós. “Aquele que não poupou seu próprio filho, mas por nós o entregou, será que não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (v. 32). Cristo nos dá todas as coisas concernentes à salvação. Ele não só deu o filho e disse: “Se virem!”, mas deu o filho, a predestinação, o chamado, a justificação e a glorificação — todas as coisas. Se Deus entregou o próprio filho, ele nos dará a aplicação da obra desse filho de forma plena e completa.

O sofrimento do tempo presente não nos afastará desse amor, porque ele entregou o Filho. Como ele não nos entregaria a

permanência na salvação? Se ele entregou Jesus, como não nos daria a permanência e a glorificação no fim? Como ele não nos daria graciosamente, junto com Cristo, todas as outras coisas? “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus?”. Essa linguagem lembra muito a de Jó, quando Satanás o acusa diante de Deus (Jó 1.9-11). Também é usada por Lucas no livro de Atos para falar dos acusadores de Paulo (At 24.1-9). Essa é a linguagem de Apocalipse 12.10, quando o acusador de nossas almas é expulso dos céus — Satanás será expulso e não poderá nos acusar, porque quem nos justifica é Deus.

Satanás conhece as nossas falhas e pecados. Ele pode até dar toda a nossa ficha corrida para Deus, mas, no fim, seremos feitos justos porque Jesus é quem nos dá a justiça. Na cruz, ele foi punido em nosso lugar, foi ferido e separado de Deus, porque quando Deus o viu, ele me viu. Ele viu os pecados de sua igreja para que agora, quando Deus me vê, ele não veja a pessoa da ficha corrida, mas o Cristo perfeito que viveu pleno com ele. “Quem nos condenará? É Cristo Jesus que morreu, ou melhor, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós”. Como seremos condenados, se o próprio Cristo, à direita de Deus, ora por nós? Se já não fosse muito termos um intercessor que ora com gemidos inexprimíveis ao nosso lado, temos também Cristo como intercessor ao lado do Pai. Como seremos, então, condenados se o próprio Cristo intercede à direita de Deus por cada um de nós? Quem nos separará do amor de Cristo? Quem é forte o bastante? Em João 10, está escrito que estamos na mão de Deus e que ninguém pode nos tirar das mãos dele. Sofrimentos externos e internos não vão nos separar de Deus. Você pode lutar batalhas à sua volta, elas não são poderosas o bastante para tirar você do amor do Senhor. Você pode enfrentar batalhas profundas no seu interior, e isso não será o bastante para tirar você do amor do Senhor.

O perigo, as ameaças, a vergonha e a perseguição não podem nos tirar desse amor. “Como está escrito: por amor de ti, somos entregues à morte continuamente, fomos considerados como ovelhas para o matadouro” (v. 36). A citação que Paulo faz do Salmo 44 nos diz que todo dia, continuamente, somos entregues à

morte. O mundo está desesperado com o novo coronavírus, mas, para nós, cada dia é só mais um dia em que somos entregues a morrer. Cristãos são íntimos da morte — fomos convidados a carregar uma cruz, negar a nós mesmos e seguir Jesus em um caminho para morrer (Mt 16.24). O mundo pode ficar desesperado, mas sabemos que esse é só mais um dos sinais de que Cristo está vindo e de que as verdades do evangelho se manifestam. Todos os dias, somos levados em direção ao matadouro e morremos ao lado de Jesus. “Em todas essas coisas”, diz o verso 37 — não “por cima dessas coisas”, não “evitando essas coisas”, não “sempre livres e libertos dessas coisas”, mas no sofrimento, na pandemia, na privação “somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou”. Ser mais que vencedor é passar pela provação e sair dela mais parecido com Cristo Jesus. O mal, o mundo, Satanás, os demônios e os inimigos de Deus tentam nos separar desse relacionamento eterno com ele, mas eles, além de não conseguirem, contribuem para o grande propósito daquilo que procuramos, que é sermos cada vez mais parecidos com Cristo.

O texto termina dizendo: “Porque eu estou bem certo”, e isso se dá por causa do amor de Deus. Paulo estava bem certo da manifestação do amor de Deus que impede que fracassemos diante da provação. Você permanecerá durante a quarentena. Você permanecerá durante a infecção. Você permanecerá durante o desemprego e a recessão, porque há um amor de Deus em Cristo Jesus que se manifesta. Ainda que percamos tudo, teremos tudo, porque o que quer que seja tirado de nós é incapaz de nos tirar do amor de Deus. Esse amor vale mais que qualquer coisa que as catástrofes possam tirar de nós. “Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente e do porvir, nem os poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (vv. 38-39). Paulo estava certo, ele tinha uma convicção de que nada iria tirá-lo desse relacionamento com Cristo. Ele estava certo, a morte não é o suficiente, assim como anjos, os principados e as forças espirituais não são suficientes. Ele não tinha medo de que o diabo o tirasse de Deus, porque o diabo não tem esse poder. Os males de agora, os

males do futuro, os poderes humanos, as coisas altas, as coisas do profundo, nenhuma criatura pode nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. Tudo nos foi dado. Já temos a manifestação completa dessa salvação, afinal "aquele que entregou o seu filho, não nos daria junto com ele todas as outras coisas?". Você passa pelas provações triste e amedrontado ou coloca sua confiança nessas verdades?

Conclusão

Deixe-me encerrar este capítulo com uma brevíssima ilustração: nas minhas primeiras viagens para pregar o evangelho fora da minha cidade, eu fui a São Paulo para ministrar três mensagens em uma igreja que era muito rica. Na época, não existia Uber, mas eu tinha um chofer na porta do hotel para me levar para onde eu quisesse. Ganhei passagens de avião e uma oferta bem generosa, mesmo sem eu ter cobrado nada. Fiquei hospedado em um hotel de muitas estrelas em Higienópolis. Eu tinha 18 anos na época e, até hoje, nove anos depois, eu nunca passei por uma experiência parecida de novo. Nunca mais fui tratado com tanto luxo e requinte como nessa viagem. Eu nunca tinha entrado em um hotel na minha vida, e quando eu vi os preços no frigobar do quarto, achei tudo absurdamente caro. Eu estava com dinheiro por causa da oferta, mas eu não queria gastá-lo já que eu não ganhava aquilo o tempo inteiro, então eu queria poder fazer um investimento um pouco mais sábio do que comprar um refrigerante de vinte reais ou castanhas de quinze reais.

Eu resolvi não comer nada do frigobar. Comia sempre fora do hotel, mas eu ficava todos os dias me vangloriando de que eu consegui passar mais um dia sem pegar nenhuma daquelas opções caras. No momento do *checkout*, o atendente perguntou se eu havia consumido algo do frigobar, e eu falei com muita alegria (e com a força de um espartano): "Não! Não comi nada! Não houve nenhum consumo do frigobar!". Ele me olhou certamente consternado com aquela empáfia juvenil, certamente um tanto inadequado para o público normal daquele hotel. Então voltou a digitar no computador, quando respondeu: "Ah, tudo bem, mas já estava tudo pago, tudo incluso". Eu murchei lentamente, como um pneu. Eu fiquei um

pouco triste, porque eu poderia ter comido todas aquelas coisas que já faziam parte do pacote, mas eu não sabia. Passei por uma privação que eu não precisava ter passado. Eu não comi do que eu poderia ter comido porque eu não sabia que já era meu.

Vivemos um cristianismo no meio do sofrimento sem saber de tudo aquilo que já nos foi dado. Vivemos um cristianismo sem entender o que Deus já comprou, o que está no pacote da salvação: todo o processo de glorificação, de ser formado à imagem de Cristo, de se aproximar de Deus, ser feito coerdeiro e receber uma herança eterna. Ele deu o seu Filho. Você não apenas disse que cria em Jesus, levantou a mão, foi diante da igreja e colocou seu nome no rol de membros. Você tem todo o pacote da salvação comprado. É seu, use-o! “Provai e vede” (Sl 34.8). Viva com confiança durante esse período de privação e provação, porque Deus já deu tudo que precisamos para vivermos próximos dele.

Se você já vive debaixo dessa confiança, se você já recebeu Jesus em sua vida, você certamente pode gozar disso e encontrar paz. Tudo isso é um instrumento divino para te fazer mais parecido com Jesus. Mas se você ainda não tem tal confiança na obra perfeita de Cristo, eu indico que você o procure. C.S. Lewis nos lembra que, para o homem sem Jesus, o sofrimento é como um grito de Deus num megafone para nos lembrar de que algo está errado e que esse mundo está caído, ainda geme, e que nós não fomos feitos para ele, fomos feitos para um novo lar que ele já construiu para nós. O coronavírus, a pandemia e a recessão são Deus dizendo para cada um de nós que essa não é nossa morada final e que quando atravessarmos o rio, existirá uma vida, uma terra firme, que está preparada para nós através da obra de Cristo.

No último sábado, seu sobrinho foi tomado pela praga. [...] Nós estivemos com ele por um longo tempo ontem, e como os sinais de se aproximar da morte eram então evidentes, eu dei mais conforto espiritual do que físico. Ele vagou um pouco em sua mente, mas teve tanta consciência de seu estado que me chamou de volta ao seu aposento e me implorou sinceramente para orar por ele, pois ele me ouvira discursando sobre o benefício da oração. Hoje de manhã, por volta das cinco horas, ele partiu para o Senhor.[6]

Carta escrita pelo reformador francês João Calvino para Guilherme Farel, datada de 20 de agosto de 1538, enquanto uma peste bubônica assolava a cidade.

quarto sermão: CINCO PASSOS NA ESTRADA DA DOR

Tiago 1.2-18

Pensar sobre dor e pensar com dor são duas experiências muito distintas. Podemos escrever tratados sobre sofrimento enquanto estamos fisicamente bem, mas mal conseguimos estabelecer raciocínios básicos durante uma dor de dente. O sofrimento incomoda mais pela sua proximidade. Bater o dedo mindinho na quina da mesa causa mais dor que a morte de milhões de desconhecidos. Eu aposto que você já chorou mais por causa do fora de um namorado do que pelas mortes do holocausto. Um amigo morre, então você lamenta, sofre, chora copiosamente, passa um tempo considerável em luto, mas eventualmente você volta para sua vida. O motivo é que você está pensando sobre dor, é um ato de empatia, e, às vezes, é até um esforço de se colocar no lugar do outro para tentar sentir na pele parte do que ele sente.

Quando pensamos com dor, a experiência é diferente. Nossa mente se turva e acabamos agindo baseados unicamente nas sensações e nos instintos. As convicções se abalam, as rotinas mudam, e, muitas vezes, a fé esmorece. Quando a dor nos alcança, passamos a sentir coisas que às vezes desprezamos quando simplesmente falamos teoricamente acerca de sofrimento. Precisamos de respostas bíblicas para lidar com questões que surgem quando pensamos sobre a dor. O problema do mal é uma questão filosófica séria e precisa de esforços filosóficos sérios, mas o que fazemos quando pensamos durante a aflição? Estamos tratando sobre sofrimento e dor desde o primeiro capítulo deste livro, mas no momento em que a dor nos alcança, o coronavírus deixa de ser simplesmente uma hipótese e no toca, o exame dá positivo, o nosso parente morre, os números se tornam nomes, o desemprego deixa de ser uma taxa e passa a ser uma realidade, ao invés de falarmos sobre o mundo em sofrimento e como

sobrevivemos em uma pandemia, precisamos pensar sobre como lidamos com a nossa vida em pandemia.

Tiago estava escrevendo para cristãos em sofrimento. O seu público-alvo eram muito provavelmente os cristãos espalhados de Atos 8.1, que perderam suas casas e bens e que talvez estivessem longe de familiares e amigos. Ao longo da carta, Tiago fala de pobres e oprimidos por patrões desonestos e de doentes que precisam de cuidado do presbitério, ou seja, os sofrimentos deles são físicos e econômicos e eles precisam de recursos para lidar com essa situação. Por isso Tiago inicia o seu texto nos dando, já no capítulo 1, cinco atitudes que vão nos ajudar a pensar de modo espiritual durante tempos de crise. Há cinco passos que precisamos dar na estrada da dor.

Na estrada da dor, nós perseveramos com alegria O primeiro passo que precisamos dar na estrada da dor é: perseverança com alegria. Durante o sofrimento, perseveramos alegremente; é o que o autor recomenda nos versos 2-4: “Meus irmãos, tenham por motivo de grande alegria o fato de passarem por várias provações, sabendo que a provação da fé que vocês têm produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que vocês sejam perfeitos e íntegros, sem que lhes falte nada”. O sofrimento não é bom, não é agradável, nem é algo que procuramos, mas o efeito do sofrimento na vida do crente é bom. Nós não amamos o sofrimento, mas amamos o que o sofrimento nos dá. O texto diz: “Tenham por motivo de grande alegria o fato de passarem por várias provações”. Outras versões dizem: “Considerem motivo de grande alegria”. A ideia é que precisamos encontrar algo que não é natural. Não somos masoquistas, não amamos o sofrimento; nós possuímos instintos naturais de proteção da nossa própria vida. Se tropeçamos, levamos a mão ao chão, pois não queremos a morte e o sofrimento. O cristão nem sempre sofre por pecado ou falta de fé, mas apenas porque o sofrimento vem e nos alcança. O texto não diz “Caso vocês sofram um dia”, ele diz que nós passamos por provações – é um fato.

As provações são uma realidade, elas nos alcançam, e nós não gostamos delas, ou seja, o cristão é colocado em situações que

são desagradáveis. O cristão vai sofrer, e Tiago não disse, em sua carta, que seria por falta de fé, por falta de dízimos ou por falta de obediência e submissão a alguma liderança eclesiástica. O sofrimento não surge sempre como fruto de pecados particulares, ele alcança os cristãos para produzir algo de que precisam. Por isso, nós deveríamos considerar razão de alegria passarmos por várias provações.

O termo “várias” traz a ideia de tipos diferentes de provação. Nem sempre o sofrimento vem em uma unidade ou é muito específico como um tiro de *sniper*. Às vezes, o sofrimento nos alcança como balas de metralhadora, como tiros de escopeta: são dores que se espalham por todo o nosso ser. Tiago faz muitas referências ao livro de Jó de forma indireta e, nesse trecho, ele parece estar falando do próprio Jó na sua história, de quando ele perdeu tudo de uma vez só. Jó passou por vários tipos de provação: em um período muito curto de tempo, ele perdeu todos os seus bens, todos os seus servos, todos os seus filhos, além da sua saúde, da paz no casamento e do carinho dos amigos. Jó, íntegro e justo, perdeu tudo.

Pode até ser fácil aguentar uma provação só. Às vezes é fácil perder o emprego e continuar saudável. Pode ser mais simples, por exemplo, ter uma doença no fígado, mas o restante do corpo continuar bem. Você sente uma dor de dente, mas seu coração está bombeando sangue. Mas e quando você tem falência múltipla dos órgãos? E quando você perde todas as suas fontes de renda? E quando os vários ambientes de segurança simplesmente se esvaem? Passamos por provações na área da saúde porque corremos o risco de pegar uma doença altamente infecciosa. Passamos por provações na esfera financeira porque a empresa em que trabalhamos simplesmente não está conseguindo abrir as portas (e os clientes não aparecem, porque não saem de casa), então os colaboradores são demitidos. Passamos por provações na área relacional porque não conseguimos ver quem amamos. Passamos por provações na área psicológica porque estamos trancados em casa com medo e preocupados. Começamos a ser provados nas mais diversas áreas ao mesmo tempo. Parece que Deus não costuma esperar que um problema acabe para nos dar

outro; Deus gosta de nos dar o banquete completo do sofrimento. Não é um prato de cada vez, não é como um rodízio em que Deus vem oferecendo um prato de sofrimento por vez e nós podemos escolher o que queremos. Não é como sabores de pizza rodando em volta da nossa mesa, nas mãos dos garçons. O sofrimento chega todo de uma vez, *à la carte*, em nossa mesa, e geralmente é posto diante de nós quando achamos que não estamos muito preparados.

Tiago diz que devemos encontrar nisso motivo de grande alegria, e isso é bastante esquisito. Ninguém dirá que está alegre por causa do sofrimento. Ninguém diz "Irmão, estou tão feliz, meu parente morreu!", ou "Estou tão satisfeito, testei positivo para o coronavírus", ou "Estou tão alegre porque minha empresa faliu!". Se você ouvisse alguma dessas frases, acharia que a pessoa está com algum problema psicológico. Não é assim que nos manifestamos naturalmente, não é assim que realmente agimos, cheios de alegria quando as circunstâncias vão mal. Mas um ponto importante a considerar é que o texto não diz, no entanto, que devemos ser alegres apesar do sofrimento. Porque sermos alegres apesar do sofrimento é uma graça que o Espírito Santo nos dá muito comumente. Encontramos alegria mesmo quando estamos aflitos. Encontramos graça e felicidade apesar dos males da vida. Eu posso estar doente, mas, apesar disso, encontrar alegria em Jesus. Eu posso estar pobre e encontrar alegria em Deus. Mas Tiago não está dizendo que nós devemos ser alegres apesar do sofrimento, ele diz que devemos ser alegres por causa do sofrimento. Esse é o detalhe um tanto assustador, pois Tiago faz parecer que somos um grupo de masoquistas que se alegra quanto mais sofre. Porém, o escritor diz que a nossa alegria por causa do sofrimento não se dá por causa daquilo que sofrimento. Ela vem, mas por causa daquilo que o sofrimento dá. Encontramos alegria por causa do sofrimento porque o sofrimento gera uma coisa muito importante. Não é o sofrimento que amamos, não é ao sofrimento que nos apegamos, mas àquilo que o sofrimento nos dá por meio da obra de Cristo: perseverança.

O sofrimento faz com que consigamos perseverar mais poderosamente na fé: "tenham por motivo de grande alegria o fato de passarem por várias provações, sabendo que a provação da fé

que vocês têm produz perseverança". Uma vez que a nossa fé é provada por meio do sofrimento, ele produz em nós perseverança, e por causa daquilo que o sofrimento produz, nos alegramos por causa do sofrimento. Isso significa que quando ele vem, nós sorrimos, porque ele traz alguma coisa consigo.

Imagine que você está tentando comprar uma casa há muito tempo. Você está se esforçando, mas as coisas começam a dar errado. Um dia você recebe uma ligação do banco ou da imobiliária e alguém diz: "Você tem que vir aqui assinar o contrato, vai ter que deixar trinta mil reais de entrada e vai pagar os dez mil reais de taxa do cartório". Você ouve aquilo e exulta de alegria. Mas pagar quarenta mil reais não é motivo de alegria para ninguém. Gastar todas as economias não deveria deixar ninguém feliz, mas você se alegra por causa daquilo que esse gasto representa. Se você recebe uma ligação e alguém diz: "Você vai ter que passar doze horas dentro de um avião, vai pegar outro avião, vai ficar 44 horas viajando de aeroporto a aeroporto, com fome, com mal-estar e tudo mais que é tão comum às viagens internacionais, pois você ganhou o concurso da sua viagem dos sonhos". Ora, viajar longamente não é uma coisa agradável, mas aquele sofrimento traz algo que gera alegria. Você se alegra por ter que pagar o imposto às vezes ou porque vai ter que passar muito tempo dentro de um avião, não por causa dessas coisas em si – pois se você pudesse ter acesso ao que elas dão sem ter que passar por essas experiências, você preferiria evitá-las –, mas esses entraves trazem algo a reboque. Encontramos alegria quando o sofrimento vem porque o sofrimento faz com que sejamos pessoas mais perseverantes, então nós não nos alegramos apesar do sofrimento, mas nos alegramos por causa do sofrimento. O que nos difere dos masoquistas e de pessoas adeptas ao autoflagelo é que nós não estamos amando nem infringindo em nós mesmos o sofrimento, mas nos alegramos com aquilo que sabemos que vem por meio dele – nos tornamos pessoas mais perseverantes.

Não é só Tiago que diz isso, Pedro faz a mesma afirmação em 1Pedro 1.6-7, escrevendo exatamente ao público para o qual Tiago escreve: "Nisso vocês exultam, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejam contristados por várias

provações, para que, uma vez confirmado o valor da fé que vocês têm, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado pelo fogo, resulte em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo". Em 1Pedro 1 está dito que os cristãos exultam ao saberem que serão entristecidos pelas provações. As provações virão para tentar tirar a alegria, mas elas não conseguirão, porque temos um motivo de muita alegria. Nossa fé é provada, e ela gera frutos: louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo.

Em Tiago 1, o sofrimento é descrito como uma provação da fé que gera perseverança. Provação é a palavra usada, no período do Novo Testamento, para falar daquilo que os ourives faziam para purificar o ouro – eles colocavam o ouro no fogo para derreter (porque o ouro derrete a uma temperatura mais baixa que as impurezas que estão misturadas a ele) e com isso conseguiam purificar o ouro. Depurar o ouro através do fogo era esse processo de provação. Nós somos provados pelo sofrimento, a dificuldade surge para nos derreter. Nós somos queimados para sermos, então, purificados. O sofrimento tira de nós aquilo que impede a perseverança. O sofrimento tira de nós aquilo que nos faz retroceder no caminho do pecado. Portanto, entendemos que Deus usa o sofrimento para nos fazer pessoas que permanecem.

Você já sofreu? Já passou por maus bocados diante da sua fé? Você já sofreu em Cristo e por Cristo? Tenha certeza, o que Deus está fazendo através do sofrimento é te purificando, deixando você mais próximo dele, tornando você mais perseverante. Crentes que sofreram pouco geralmente são crentes mais vacilantes do que aqueles que foram depurados pelas chamas da provação. Crentes que vivem num caminho de incerteza, numa fé frágil, geralmente são crentes que não foram peneirados pela prova de Deus. O sofrimento nos dá maturidade, perseverança e nos ensina acerca da nossa própria fé de uma forma que livros e seminários nunca farão.

John Piper, o famoso pregador batista americano, diz que não acredita em aula de homilética. Segundo ele, são mil sofrimentos que vão fazer você pregar bem. Ele acredita que, ao sofrermos como Cristo sofreu, ao passarmos pelas mais variadas dificuldades na vida, Deus nos ensina. Deus nos ensina sobre o evangelho, Deus nos ensina sobre a sua verdade, Deus nos ensina

sobre a nossa própria fé. Toda prova dá a chance de sermos aprovados ou reprovados. Ser reprovado na provação é ter a fé impura, é abandonar o caminho da perseverança. Quando a provação vem e retrocedemos, falhamos na fé, mas encontramos perseverança ao sermos aprovados.

Como isso funciona? Como nos tornamos pessoas que perseveram mais porque sofreram mais? É um fortalecimento da fé que ocorre pelo sofrimento, nos dando mais capacidade de permanência, e eu não sei como isso acontece no mundo espiritual – como a nossa espiritualidade é sobrenatural e espiritualmente fortalecida por meio das provações é algo que apenas Deus pode nos explicar –, mas eu imagino como isso acontece do lado de cá da eternidade: deste lado, sofrendo, nós percebemos a realidade da nossa fé, e quanto mais a percebemos, mais isso nos faz perseverar. Veja, o sofrimento revela a realidade da sua própria fé, e, ao permanecer durante o sofrimento, você ganha mais certeza da salvação e mais força no caminho da perseverança. Lembre-se, por exemplo, de quando Deus provou Abraão. Deus não tinha dúvidas sobre a fé dele, mas sabe quem tinha dúvidas sobre a fé de Abraão? Abraão. Quando Deus ordenou que o patriarca sacrificasse o seu filho – e Deus sabia que ele não permitiria que isso acontecesse –, Abraão se colocou à disposição para obedecer, e Deus mostrou que ele não era mais o mesmo homem que aceitou dormir com a serva de sua esposa para tentar "ajudar" os planos de Deus. Deus revelou a Abraão a fé que o próprio Abraão talvez nem soubesse que tinha. Nós sofremos, e Deus nos revela a força da fé que nós muitas vezes temos medo de afirmar. Paulo passou por muitos sofrimentos e permaneceu, por isso ele dizia "eu sei em quem tenho crido, e estou bem certo". Nós ganhamos certeza da salvação ao permanecer durante as provações. É permanecendo durante as dificuldades que Deus nos mostra que há algo real aqui dentro.

Cada sofrimento, então, é uma nova oportunidade para amadurecer a própria fé. Aproveite esses momentos de sofrimento como se Deus estivesse dando um presente a você. É exatamente isso que lemos em Filipenses 1.29: "Pois a vocês foi dado o privilégio de, não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por

ele". O sofrimento não é um mal necessário, mas um privilégio que Deus nos dá para que possamos amadurecer a nossa própria fé. Fugimos do sofrimento porque é isso que cabe a nós aqui. Evitamos sofrer tanto quanto nos é possível, mas, quando o sofrimento vem, nós o recebemos com alegria.

Não foi isso que Jó fez? O sofrimento veio sobre ele, e Jó louvou a Deus. Os amigos perguntaram por que ele fez isso, e ele disse: "Eu aceito o bem que vem da mão de Deus, como vou rejeitar o mal que também vem da mão de Deus?". Nós recebemos as bênçãos que provêm da mão do Senhor, então como rejeitaremos o mal que provém da mesma mão? Deus está nos dando à calamidade todos os dias para que possamos ser aprovados, depurados e, por fim, purificados. É por isso que essa perseverança deve agir de modo completo, é isso que o texto nos diz – "Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que vocês sejam perfeitos e íntegros, sem que lhes falte nada" (v. 4). Isso lembra muito a linguagem de Romanos 5.3-4: "E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança, a perseverança produz experiência e a experiência produz esperança". De fato, essa perseverança age em nós de forma completa – não é uma perseverança média, não é uma perseverança condicional, não é só um pouquinho de perseverança. Ela pode ser traduzida como uma perseverança que cumpre o seu propósito, é eficaz, não pode ser rejeitada. Deus nos mantem na fé através do sofrimento. Você pode ser um calvinista e acreditar na perseverança dos santos, que afirma que, uma vez que fomos salvos, Deus nos transforma e nos mantém nessa fé maravilhosa. Mas se você ama a doutrina da perseverança dos santos, saiba que nós perseveramos porque Deus nos faz sofrer e, através do sofrimento, Deus nos faz pessoas que permanecem.

Uma vez que você encontra Jesus, você faz parte dos que permanecem (não mais dos que retrocedem), e, quando você sofre, é para permanecer ainda mais. O sofrimento nem sempre é um castigo, ele muitas vezes é um instrumento para nossa perseverança, por isso nos alegramos – porque os sofrimentos apresentam a grandeza daquilo que Deus está construindo em nós através do seu poder, da sua graça e do seu amor. Esse amor se

manifesta muitas vezes pela dor, fazendo-nos sofrer. Quando a perseverança cumpre o seu propósito tendo uma ação completa, ela nos dá perfeição e integridade sem qualquer falta.

Essa frase de Tiago é uma construção um pouco confusa, mas talvez haja certo toque de ironia. É como se ele estivesse dizendo: "Deus deseja que a perseverança de vocês seja perfeita, impecável, por isso vocês vão continuar passando por períodos de sofrimento até alcançarem isso, e como isso nunca vai existir nesta terra, então vamos sofrer até o fim da existência terrena". Deus está nos fazendo perfeitos, e, por isso, vamos sofrer até encontrar a perfeição que está reservada para nós no fim deste tempo. Nunca chegaremos no limite de não sofrer mais por já termos encontrado aquilo que precisamos da mão de Deus. Isso só vai acontecer no dia em que o novo céu e a nova terra nos forem dados. O sofrimento do tempo presente faz parte dessa obra contínua que Deus está fazendo em nós, e esse sofrimento vai se encerrar quando formos perfeitos em Cristo e tomados pela natureza divina.

Mas essa também parece ser uma linguagem relacionada a sacrifício – perfeitos e íntegros parece uma referência aos sacrifícios do Antigo Testamento que deveriam ter essas duas características. A ideia é que, se nós perseverarmos, o nosso sofrimento não será simplesmente dor, mas um sacrifício entregue a Deus. E à medida que perseveramos, não somos só pessoas sofrendo, somos pessoas em sacrifício sendo entregues ao Senhor como uma oferenda, um tributo a Deus. O nosso sofrimento se torna uma adoração; nos tornamos sacrifício vivo, puro, sem mácula, perfeito e íntegro quando perseveramos na fé mesmo nesses períodos de intensa provação. Perseveramos, porque queremos entregar a Cristo aquilo que ele merece.

Mas, veja, Tiago não quer apenas que saibamos que o sofrimento é motivo de alegria. Ele está falando de sensações, sentimentos. Tiago quer que sintamos essa grande alegria por causa do sofrimento, isto é, nós não estamos apenas em uma batalha de ideias, estamos em uma batalha de sentimentos. O sofrimento vai doer, sempre vai nos afetar negativamente, mas há uma compreensão profunda sobre seus efeitos que afeta nossas sensações enquanto sofremos. Nossa identidade é moldada por

aquilo que sentimos; e então, cada sofrimento passa a doer menos, passa a nos machucar menos, e passa a não ser mais apenas um exercício de fé racional, onde permanecemos firmes mesmo na dor, mas passa a ser uma transformação de como sentimos a dor por causa daquilo que acreditamos.

Somos transformados de forma completa por meio daquilo que o Senhor está fazendo em nós e, por meio do que ele gera em nós durante o sofrimento, sentimos menos sofrimento. Viktor Frankl, famoso neuropsiquiatra que passou pelos campos de concentração nazistas, escreveu que o sofrimento, de certa forma, cessa de ser sofrimento quando encontra um significado. No instante em que percebemos o sentido do sofrimento, ele passa a ser sacrifício, não mais simplesmente dor; ele passa a ter um propósito de Deus, e, justamente por isso, a nossa experiência sensível com a dor muda, pois nós não apenas pensamos de forma espiritual, nós sentimos de forma espiritual. É isso que mantém nossa fé. Frankl escreve em *Logoterapia e análise existencial* que se a fé for incondicional, será inabalável e afrontará até mesmo algo terrível como o Holocausto, que dizimou pelo menos seis milhões de judeus; se a fé, no entanto, não for incondicional, ela minguará em face dos menores sofrimentos. Essa incondicionalidade da fé não apenas faz com que permaneçamos na dor, mas que sintamos menos dor – ou pelo menos, sintamos a dor de modo diferente.

Essa certeza de que o sofrimento é motivo de alegria que muda a forma como sentimos as coisas certamente foi a experiência de Policarpo de Esmirna quando pediu para não ser amarrado durante o seu martírio. Ele deixou claro que não fugiria das chamas que queimariam sua carne. E não fugiu. Essa foi a experiência dos cristãos condenados à danação pelas bestas nas arenas romanas, em que o público cantava e sorria enquanto os prisioneiros eram devorados ou pisoteados pelas feras. Quantos dos nossos irmãos em sofrimento já nos deram testemunhos de alegria e consolo mesmo entre gemidos em leitos de hospitais! O Espírito Santo nos dá a possibilidade de sofrermos de um modo espiritual e sentirmos de forma espiritual, de modo que a dor se torna menor porque a fé afeta os nossos sentimentos e encontramos uma alegria que nos alcança através de um poder sobrenatural do Espírito Santo.

Precisamos crer nessa verdade para sentir isso. Mas, pense por um instante: você quer ser feliz na provação? Ou para você as circunstâncias difíceis são aqueles momentos preciosos em que você pode chamar alguma atenção? Será que a aflição é o momento em você pode reclamar, murmurar, condenar, sem poder ser julgado? Ou se afundar em autocomiseração? Você quer felicidade na provação ou é apegado ao conforto que vem ao se fazer de vítima de todo sofrimento? Parece estranho que eu me refira ao sofrimento nesses termos, mas sofrer é confortável quando ninguém espera nada de quem sofre. Quem está passando pelo sofrimento com força e vigor, por outro lado, é aquele que consola, cuida e coloca os outros na frente e que, mesmo na adversidade, consola quem veio consolá-lo. O nosso primeiro passo durante a provação é justamente perseverarmos com alegria na estrada da dor.

Na estrada da dor, nós oramos confiantemente por sabedoria Há um segundo passo que nós damos na estrada da dor: nós oramos confiantemente por sabedoria. É o que vemos nos versos 5 a 8: “Se, porém, algum de vocês necessita de sabedoria, peça a Deus, que a todos dá com generosidade e sem reprovações, e ela lhe será concedida. Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando, pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Que uma pessoa dessas não pense que alcançará do Senhor alguma coisa, sendo indecisa e inconstante em todos os seus caminhos”.

O texto fala de pessoas que necessitam de sabedoria. Temos aqui um contraponto: se, ao invés de encontrar alegria e perseverança na provação, faltar sabedoria. A falta de sabedoria é representada como a falta de possibilidade de encontrar alegria e perseverar na provação. Nesse trecho, o termo “sabedoria” está relacionado ao modo de vida correto; é o que vemos, por exemplo, em Tiago 3, onde a sabedoria está atrelada a como vivemos a nossa vida. Aqui a sabedoria não é sinônimo de inteligência, capacidade, boa retórica, mas é aquela velha sabedoria prática do Antigo Testamento, que vem como o temor do Senhor, é a sabedoria que diz como viver de forma espiritual.

O mundo tem aquilo que as pessoas chamam de certo e errado, de bom e mau, de belo e feio; nós temos também os nossos valores, e eles não vêm do mundo – nossos valores vêm de Deus, da mão do Senhor. A nossa sabedoria é espiritual. Nós passamos tempo demais na vida tentando encontrar a validação de um mundo caído e de homens que chamarão de loucura aquilo que nós chamamos de inteligência. Às vezes a nossa falta de possibilidade de alcance cultural, de transformação da cultura, de reconhecimento pela ciência é justamente porque Deus chamou de sabedoria aquilo que é louco para o mundo. E a nossa sabedoria é um jeito de viver muito próximo do que chamamos de santificação, então nós precisamos dela, ela não é uma opção. A sabedoria que vem de Deus é o "jeito crente" de levar a vida, é o que nos dá alegria na provação e perseverança no sofrimento.

Em "Se, porém, algum de vocês necessita de sabedoria", a palavra "necessita" é a mesma palavra para "falta" no verso passado – "a perseverança deve ter ação completa, [...] sem que lhes falte nada [...] se algum de vocês tem falta de sabedoria". Então, a perseverança no sofrimento é um instrumento de Deus para que possamos ter a sabedoria que nos falta sendo suprida. Deus nos concede sabedoria, a capacidade de viver de forma perseverante no sofrimento, ao nos fazer perseverar no sofrimento. Isso parece loucura porque é uma retroalimentação da perseverança. Você quer conseguir perseverar no sofrimento? Como você faz isso? Através de uma sabedoria que vem durante a perseverança no sofrimento. Significa que somos lançados em uma espiral santa de Deus na qual quanto mais perseveramos no sofrimento, mais sabemos como perseverar no sofrimento.

Isso significa que as provações de agora perdem força sobre você depois que passar por elas. Você está em sofrimento agora porque é a sua primeira vez em quarentena? Se passarmos por isso de novo, a experiência será diferente. Você está desesperado agora porque é a primeira vez que você perdeu o emprego ou sua empresa faliu? Talvez passar por sofrimentos iguais a esses depois será outra experiência porque você estará mais forte, mais sábio e mais perseverante. Quando você for aprovado, o sofrimento que agora te deixa balançado na fé não terá a mesma força se ele

aparecer outra vez, porque os sofrimentos vividos em perseverança são instrumentos para suprir a falta da sabedoria que muitas vezes nos acomete.

Muitas vezes os cristãos não têm sabedoria, às vezes não sabemos como ter alegria na provação e como perseverar no sofrimento. Quantos homens estudados, quantos jovens universitários com ótimas notas abandonam o Senhor! Quantos eruditos estão perdidos durante a pandemia e quantos homens simples não possuem sabedoria para enfrentar as provações! Tiago falou com pessoas assim em sua carta: “Se porém, algum de vocês necessita de sabedoria [...]”. A sabedoria que provém do Senhor não é alcançada nos livros da faculdade, mas através de uma vida vivida de joelhos diante de Deus. Precisamos acumular essa boa sabedoria para podermos passar bem pelos sofrimentos. Geralmente, é mais difícil encontrar as ferramentas para lidar com o sofrimento enquanto estamos nele. Comumente, nós enfrentamos a dor com recursos que já temos antes de ela chegar. Eu já estive sentado com jovens cujos relacionamentos terminaram, casais que estavam enfrentando conflitos e famílias com membros acometidos por alguma doença, e eu tenho percebido que são os recursos espirituais que já possuímos que geralmente mais nos ajudam a lidar com as provações. É difícil aprender teologicamente sobre a soberania de Deus durante o velório; você encontra consolo quando você já sabe disso antes de a morte te tocar. É difícil aprender sobre não idolatrar o namorado durante o término; a tranquilidade reside em já estar lidando com as suas idolatrias antes disso.

É importante que durante os dias bons nós acumulemos recursos para os dias maus. Você lembra da visão do faraó interpretada por José sobre vacas magras e vacas gordas? Se você não foi tocado pela doença ou pela miséria, agora é o tempo em que você pode se precaver e acumular sabedoria para o momento em que o sofrimento vier. Tiago não disse “caso o sofrimento venha”, pois é fato que passaremos por várias provações. Quando o sofrimento vier, quando a pandemia nos tocar mais intensamente, por exemplo, precisamos ter acumulado recursos para os dias maus, e não são só recursos financeiros, mas também de sabedoria e perseverança. Homens espertos são rápidos em se precaver para

os dias ruins. Alguns juntam recursos nas contas bancárias para ter uma reserva durante as crises, mas a sabedoria divina é o recurso que mais precisamos ter guardado para passar bem por dias maus. Não adianta nada se preparar para uma crise econômica no país poupando os seus bens se não acumular a sabedoria que provém de Deus para saber viver de uma forma que glorifique seu nome. O que difere dois cristãos com o mesmo tempo de membresia na igreja e ensinados debaixo da mesma liderança quando um sucumbe e o outro prevalece debaixo da mesma provação? A resposta é uma só: sabedoria – a sabedoria que provém de Deus. Precisamos de sabedoria para permanecer. É fácil termos respostas na ponta da língua sobre como os outros deveriam viver, mas quando somos nós na fornalha da provação, vemos se temos realmente meios para viver para a glória de Deus.

O sofrimento é um raio x: ele revela se temos ou não a sabedoria que vem de Deus. O sofrimento expõe quem realmente somos – é uma prova para mostrar do que temos falta. O sofrimento diz muitas coisas a seu respeito e, ao passar por ele, você passa a se conhecer muito bem. O pregador americano Paul Washer falou em um de seus sermões algo como: “Imagine se pegassem um DVD com todos os seus pensamentos e passassem para que todos vissem na praça. Depois disso, você teria coragem de sair na rua um dia?”. E muito de nós dissemos “Não, de jeito nenhum! Se todo mundo soubesse tudo que eu já pensei na minha vida, eu não teria coragem nem de levantar o rosto”. Mas o interessante (e assustador) é que, de certa forma, um dia as pessoas verão. E você verá o que está dentro de você. É no dia do sofrimento, da calamidade, que você vai mostrar quem você realmente é. Porque no dia da calamidade as chamas do sofrimento iluminam a escuridão do seu interior e mostram se há verdadeira sabedoria ou não aí dentro.

Você pode perguntar: “E se eu perceber que me falta sabedoria? O sofrimento veio e eu não estou conseguindo passar bem por ele, eu não tinha acumulado os recursos necessários para perseverar. E agora?”. O texto diz que a sabedoria vem por meio da oração: “Se, porém, algum de vocês necessita de sabedoria, peça a Deus, que a todos dá com generosidade e sem reprovações, e ela

lhe será concedida”. Se você não tem os recursos necessários para o dia da calamidade, é hora de orar. Porque se Deus usa o sofrimento para nos dar sabedoria, é porque ele usa o sofrimento para nos colocar de joelhos em oração. Deus quebra as nossas pernas para que as nossas rótulas encostem no solo, pois, quando os dias são bons, muitas vezes nós não estamos entregues à oração. É no instante em que as coisas ficam difíceis, é quando os dias são maus, que então clamamos. A ideia é que a sabedoria vem de modo espiritual, não simplesmente através de recursos humanos. Não se trata de uma busca humana por sabedoria, mas de Deus nos concedendo os meios de perseverarmos – você ora para que Deus te ajude a passar pelo sofrimento e conceda perseverança.

Tiago era um homem que entendia de oração. O Tiago líder da igreja em Jerusalém que escreve essa carta era conhecido como joelhos de camelo, segundo a literatura não bíblica do período do Novo Testamento. Ele orava tanto que seus joelhos eram marcados. Ele era um homem que falava do que sabia, do que conhecia. Ele foi um homem que sofreu, foi martirizado, foi espancado várias vezes e foi morto. Tiago foi um homem que sofreu e que orou. À semelhança de Tiago, que escreve isso, devemos buscar a sabedoria que vem de Deus através da oração durante o sofrimento. A oração na aflição é um tipo de oração poderosa para nos fazer lidar bem com a perseverança no caminho de Deus – quando Deus te fizer sofrer, alegre-se, porque ele está te dando meios para orar mais. Você pede que Deus te ajude em sua vida de oração? Talvez Deus faça isso colocando você em mais sofrimento. Isso é motivo de alegria porque Deus promete nos dar sabedoria na provação.

Há quem diga que Deus promete cura, proteção e prosperidade neste tempo de pandemia, mas ele nunca prometeu isso. Deus nunca prometeu que vai responder “orações financeiras” ou simplesmente relacionadas a questões desta vida, mas ele prometeu, com certeza, que a sabedoria para as provações nos seria dada quando pedíssemos em oração. Aqueles que não sabem passar pelo sofrimento e abandonam a fé durante a provação não são simplesmente os que choram, porque isso não está relacionado a não saber passar pelo sofrimento. Também não são

necessariamente aqueles que procuram um amigo para desabafar e lamentar, porque isso também não é o modo errado de passar pelo sofrimento. Abandonar a fé, sim, é não saber passar pelo sofrimento.

Aqueles que abandonam a fé são aqueles que não se puseram de joelhos, são aqueles que Deus lançou ao chão, e eles se recusaram a se dobrar em clamor. "[Eles] Não têm porque pedem mal", diz a Escritura. Estamos diante de Deus no sofrimento e na dor, e não pedimos, não oramos, porque o nosso orgulho é elevado demais até mesmo para, em tempos de calamidade, nos dobrarmos diante da grandeza de Deus. Aquele que abandona Cristo no sofrimento é o que se recusou a estar diante de Deus em oração, porque se ele se dobrasse diante de Deus, se ele reclinasse a cabeça diante do Senhor, ele receberia a sabedoria que é dada a todos. Você pode ser importante, anônimo, rico, pobre, alto, baixo, homem, mulher, novo ou experiente na fé, alguém com uma fé madura ou alguém que ainda está lutando contra um pecado muito simples – Deus dá a todos e dá com generosidade. Ele não dá um pouquinho de sabedoria, ele dá uma perseverança forte. Você não vai perder essa batalha, você não vai precisar sequer ir até o último *round*. Estamos falando de um nocaute nas forças do inimigo. Deus dá com generosidade a sabedoria para saber permanecer na fé durante a provação, e ele dá sem lançar em rosto, ele dá sem improperar, como dizem algumas versões. Literalmente, Deus não joga na sua cara, ele não diz: "Você está aqui de novo me dizendo que quer ir embora? Você está aqui de novo me pedindo meios para permanecer na fé? Você não tem vergonha de ficar dizendo para mim que o sofrimento está sendo demais? Olhe como meu filho sofreu!". Deus não é como algumas pessoas que, ao ouvirem um desabafo, dizem "Ah, mas é porque você não viu o que eu passei em 1912!". Deus não ouve as suas dores e dificuldades e diz que sofreu e passou por coisas piores, e que, por isso, você não tem direito de reclamar tanto. Deus não é como nós que julgamos o amigo que vem pedir o mesmo favor pela milionésima vez. Você pode ir diretamente a ele; ele vai conceder o que prometeu.

Há uma frase famosa no meio teológico que diz que "Deus mesmo dá daquilo que ele demanda". Se Deus cobra de nós

perseverança no sofrimento, Deus nos dá tudo que é necessário para perseverar no sofrimento. Então aonde você está indo para perseverar? Onde você está procurando ajuda? Onde você está procurando forças para continuar na fé? Deus prometeu que ele é a fonte inesgotável de sabedoria para a perseverança na provação. Busque-o e você terá força para continuar em Jesus. Entretanto, busque-o com fé. Essa oração precisa ser feita com confiança na obra de Cristo – temos que pedir tendo fé de que o Deus que nos ama está ouvindo e vai nos conceder essa sabedoria de acordo com o que a própria Palavra diz: "Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando [...]". Temos que pedir a Deus e orar para que ele, sendo bondoso e misericordioso, nos entregue essas bênçãos. Aqui a fé não é aquele pensamento positivo do livro "O segredo", da teologia da prosperidade e da teologia do *coaching*, mas ela está atrelada à confiança e à certeza de que Deus cuidará de você no meio do sofrimento. É a fé na obra perfeita de Jesus, a fé em que Cristo continuará fazendo você permanecer com ele para sempre. Trata-se de saber que, mesmo que você esteja gemendo e chorando, Deus cuida de você e te mantém no caminho. A fé não duvida da bondade de Deus em meio ao sofrimento porque quem duvida não tem firmeza, quem duvida é como a onda do mar – o vento da provação bate e essa pessoa é levada pelo fluxo das circunstâncias. É provável que você conheça alguém, ou até seja essa pessoa que, se o vento está conduzindo para um caminho tranquilo, ela vai para a igreja todo domingo, mas se as coisas ficam difíceis, ela some; se a brisa bate positivamente, então ela continua contribuindo financeiramente para o reino de Deus, mas se o vendaval chega, ela se torna uma pessoa mesquinha.

A ausência de fé é se deixar levar pelas circunstâncias. Devemos ser como a rocha, não como a onda, impelida e agitada pelo vento. Temos uma forma fixa, bem firme, nossa fé é a fé que nos faz permanecer. Essa é a fé que nos faz receber sabedoria e que se manifesta em permanência. O homem de ânimo dobre que não permanece em Cristo durante o sofrimento e, ao invés de continuar em oração pedindo para permanecer, não ora e vai embora – ou ora indo embora – é justamente o homem que não recebe nada ("Que uma pessoa dessas não pense que alcançará do

Senhor alguma coisa, sendo indecisa e inconstante em todos os seus caminhos” – vv. 7-8). Esse é um homem de ânimo dobre, diz o texto; literalmente é um homem de duas mentes, de duas almas, dois corações. É um homem que vive sem fé e não recebe sabedoria para as provações porque uma hora ele está na fé e em outra, não. Se o vento sopra a favor, ele permanece, mas se o vento sopra para o outro lado, ele vai embora. Esse homem não recebe nada porque é um homem de caminhos inconstantes que não permanece naquilo que Deus está fazendo.

A fé é definida em termos de obras, como Tiago deixa mais claro à frente na epístola. A nossa fé é morta quando ela é uma fé apenas de palavras. Pedir com fé é um manifesto de um comportamento de fé, pedir com fé a sabedoria para as provações é permanecer na fé, confiando em um Deus que vai conceder essa sabedoria para as dificuldades. Aqui, o homem sem fé é aquele que vive agitado pelo sabor dos acontecimentos, que vive dependendo das respostas acerca do coronavírus ou do que acontece com a economia, por exemplo. Na estrada da dor, nós oramos confiantemente por sabedoria.

Na estrada da dor, nós usamos olhos espirituais Nosso terceiro passo na estrada da dor é usar nossos olhos espirituais para interpretar aquilo que estamos vivendo. Isso é o que vemos a partir do verso 9, até o 12: “O irmão de condição humilde glorie-se na sua exaltação, e o rico, na sua humilhação, porque ele passará como a flor do campo. Porque o sol se levanta com seu calor ardente, a planta seca, a sua flor cai e a formosura do seu aspecto desaparece. Assim também o rico murchará em seus caminhos. Bem-aventurado é aquele que suporta com perseverança a provação. Porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam”.

Os irmãos da igreja primitiva foram quase expulsos, saíram fugidos de Jerusalém e perderam muitos de seus bens. Segundo a própria epístola, homens ricos estavam enganando e sendo traiçoeiros e infiéis em seus contratos com os pobres. Muitos desses irmãos estavam em sofrimento financeiro. O sofrimento tem afetado as nossas finanças. Nesta quarentena, alguns estão falindo e

empobrecendo, enquanto outros têm ganhado dinheiro; enquanto uns choram, outros vendem lenço. Existem ricos e pobres, existem pessoas vivendo em situações piores e pessoas vivendo em situações melhores durante o sofrimento. O que Tiago diz é que tanto aqueles que estão financeiramente mal quanto quem está financeiramente seguro durante a provação possuem a mesma necessidade: olhar as próprias circunstâncias com olhos espirituais. Ricos e pobres não podem confiar na própria condição. O pobre não pode confiar que a pobreza reflete a sua condição – “o irmão de condição humilde glorie-se na sua exaltação” –, pois ele não é medido pelo seu dinheiro. Em Tiago 2, lemos que Deus escolheu os pobres para serem ricos na fé. Em 1Coríntios 1-3, lemos que Deus escolheu os que não são nada diante do mundo para envergonhar os que são. O pobre pode ser alguém que confia tanto nas riquezas que ele se julga inferior pelos recursos que não tem. O pobre ganancioso é justamente alguém que se julga pelo que falta, então, pela sua falta de posses, vive mal, vive triste, com a autoimagem baseada em sua realidade financeira.

Semelhantemente, o rico não pode confiar que a riqueza reflete a sua condição. Esta vida passa muito depressa e a morte é a humilhação que alcança todos os homens. Se o pobre não é medido pelo que falta, o rico não é medido pelo que sobra. No entanto, ambos podem ser gananciosos caso se deixem medir pelas circunstâncias econômicas ao redor. O que muitas vezes difere o rico ganancioso do pobre ganancioso é unicamente o dinheiro que está em volta, porque o coração é igual: o pobre é infeliz com a pobreza, mas o rico feliz com a riqueza sofre do mesmo problema, pois ambos estão projetando a felicidade naquilo que é passageiro, ambos estão projetando a felicidade em coisas que são meramente humanas.

É muito interessante que Tiago gaste mais tempo falando do rico, pois certamente as riquezas costumam ser mais perigosas para a fé do que a pobreza. Ele fala demoradamente acerca da brevidade da vida, porque o pobre geralmente não tem onde se consolar durante os períodos de pobreza e dificuldade, enquanto o rico tem como acalentar a própria consciência e prover para si durante os

tempos de crise. O rico pode se sentir mais autossuficiente, e, por isso, a situação dele é mais perigosa que a do pobre.

Tiago começa a referenciar Isaías 40.6-8, que diz o seguinte: “[...] Toda a humanidade é erva, e toda a sua glória é como a flor do campo. A erva seca e as flores caem, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade, o povo é erva. A erva seca e as flores caem, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre”. Tiago alude a Isaías 40 dizendo que o rico não vai permanecer, mas vai passar como uma flor e que, ainda que durante as provações o rico tenha meios para sobreviver, ele precisa se humilhar, entendendo que não vai permanecer.

A glória daquele que passa bem pela provação é a sua humilhação, é o fato de que esta vida não é nada e que há uma glória muito acima desta. A glória do irmão pobre não é outra senão a exaltação que virá através da obra perfeita de Jesus. A nossa identidade não é definida pelas circunstâncias. Às vezes sofremos de forma muito intensa na pandemia porque projetamos a nossa identidade em tudo aquilo que o vírus pode tirar, quando, na verdade, quem somos não é definido pelo que temos, mas por algo que só pode ser visto com olhos espirituais.

Essas flores do campo, segundo alguns teólogos e comentaristas, eram flores que tinham seus talos usados pelas senhoras para fazer lenha para o almoço – isso é muito significativo porque nós seremos queimados em algum momento, talvez pela própria provação. Haverá uma chama que vai nos tirar desta vida. Hoje há solidez e formosura nas riquezas, mas em breve não haverá mais. O rico murcha em seus caminhos – e a ideia de “em seus caminhos” parece ser “durante os seus caminhos”, como se o rico murchasse durante os seus negócios enquanto está ganhando o seu dinheiro, tentando sobreviver durante a pandemia. Mesmo quando as coisas parecem ir bem em situações de calamidade, ele murcha, acaba, morre enquanto trabalha. Se a alegria dele estiver depositada no quanto ele acumula, ele é louco (“ainda hoje pedirão a sua alma” – Lc 12.20), pois para quem ficará tudo aquilo que ele acumulou?

Ambos, ricos e pobres, precisam lembrar que há uma coroa de vida para além desta existência terrena. Ambos precisam lembrar

que sua identidade está para além desta vida e só pode ser acessada de forma espiritual. Rico e pobre precisam olhar para si com os olhos da fé para que Deus ponha a eternidade diante de sua visão. Bem-aventurado o que suporta a provação porque este é aquele que se enxerga pelos olhos da fé. É isso que diz o verso 12: "Bem-aventurado é aquele que suporta com perseverança a provação. Porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam". É através de amar a Deus que seremos bem-aventurados. Nossa bem-aventurança, felicidade, alegria e bênção de Deus não vêm nem dizem respeito às circunstâncias, mas são sobre uma coroa de vida. O vírus pode tirar a vida terrena, mas ele não tira a vida eterna que nos é dada pelo Senhor com uma coroa – talvez como referência às coroas que os atletas ganhavam após as maratonas e corridas nas Olimpíadas. Depois de termos perseverado nas provações e sido aprovados no sofrimento, Deus nos dá algo que ele prometeu: uma coroa de vida, uma vida eterna em que não dependeremos mais de nenhuma circunstância humana. Essa coroa é uma promessa de Deus para todo aquele que o ama. Se somos provados, seremos aprovados. Nossa aprovação não nos garante uma entrada na faculdade ou em um concurso público, mas garante a vida eterna. Nós encontramos essa bem-aventurança quando suportamos a provação, enxergando quem somos pelos olhos da fé.

O coronavírus pode afetar nossa rotina e nossa economia, mas ele não deveria afetar nossa identidade e a visão que temos de quem somos em Deus, porque nós não somos o que temos nem somos as circunstâncias nas quais estamos inseridos. Podemos perder tudo, e, ainda assim, a nossa imagem permanecer plena, segura e total naquele que define a nossa identidade, na obra perfeita de Cristo Jesus. Se olharmos para aquilo que se vê, não teremos essa percepção; mas é olhando para aquilo que não se vê, para aquilo que é eterno e que está prometido do outro lado da eternidade, que nós encontramos paz, segurança e bem-aventurança durante a dor e o sofrimento.

Na estrada da dor, nós não culpamos Deus Em quarto lugar, nós não culpamos Deus na estrada da dor. É importante não

culparmos o Senhor Deus durante período de calamidade – é o que vemos nos versos 13-15: “Ninguém, ao ser tentado, diga: ‘Sou tentado por Deus.’ Porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo não tenta ninguém. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando essa o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte”. A palavra “tentação” aqui é a mesma no grego para “provação” (palavras idênticas, mas com sentidos diferentes). Tiago faz esse jogo de palavras o tempo inteiro, passando de uma para a outra. Nesse trecho, ele passa da provação para a tentação usando a mesma palavra, mas existe um significado profundo aqui: as palavras “tentação” e “provação” são usadas de forma intercambiável, com o mesmo fraseado, porque toda tentação é um tipo de provação, uma provação moral. Toda provação acaba trazendo algum nível de tentação. Enquanto somos provados, existe a tentação de abandonar a fé, ir embora e abandonar Deus.

Deus nos dá provações, mas ele não nos dá tentações. Deus nos dá a provação no nível externo, mas ele não nos dá a provação interna, ou seja, a provação que existe fora são os sofrimentos, mas a provação que existe dentro é a tentação, que não é Deus que dá. Deus nos põe nas provações, mas ele não nos dá as tentações. Essas surgem como nossas respostas às provações, e cabe a nós vencermos as tentações. Ninguém, ao ser tentado, pode dizer “Eu estou sendo tentado por Deus”. Isso é pecado, é falso. Deus envia a circunstância de dor, mas ele promete o escape em toda a tentação moral. É o que Paulo escreve aos coríntios – que Deus não nos deixou sem ajuda, mas que ele fornece o escape em toda tentação, isto é, pecar nunca é a única opção, nunca é justificado pela dificuldade das circunstâncias, mas é sempre culpa nossa. A tentação vem, e o que Deus disse a Caim também vale para nós: “O teu pecado é contra ti e cabe a ti dominá-lo”. O pecado vem de dentro de nós, e Deus nos dá escape para os pecados. Ele não tenta a ninguém e não pode ser tentado pelo mal. Em outras palavras, o mal não faz a cabeça de Deus, Satanás não cochicha no ouvido do Senhor, para que ele nos coloque nas tentações morais. Quando alguém larga Cristo por causa das dores deste mundo e

acusa Deus pelas circunstâncias, essa pessoa está tentando esconder o fato de que caiu nos próprios desejos.

Tiago parece novamente fazer uma alusão a Jó, que em nada pecou no meio da provação, e ele não pecou porque ele não culpou o Senhor, e sim entendeu que o mal veio da mão de Deus, mas o pecado era algo que ele deveria rejeitar em seu coração. Nossas tentações vêm de nós mesmos, e Tiago monta a imagem de uma tragédia grega para representar a rendição ao pecado: uma mulher seduz um homem, eles deitam juntos e ela engravida; o bebê cresce e, então, mata o pai. Essa é a história do nosso relacionamento com o pecado – a ideia é que nós somos tentados pela nossa própria cobiça. Há uma tentação que não vem de fora, mas de dentro, como vemos em Mateus 15.11-18, que afirma que não são circunstâncias externas que nos levam ao pecado, mas circunstâncias internas. O que nos torna impuros não é o que vem de fora, mas o que sai. O pecado já está dentro de nós, ou seja, somos tentados por nós mesmos, somos tentados pela nossa própria cobiça que nos seduz, de forma que o pecado não entra, ele sai. A ideia de sedução aqui é realmente numa linguagem sexual, algo como "fisgado" – como uma isca que puxa um peixe. Temos uma isca de pecado durante o sofrimento, olhamos para a possibilidade do pecado durante a dificuldade, e aquilo parece nos seduzir, mas, quando mordemos, é uma isca que nos arrasta. Por isso o caminho da perseverança e da sabedoria é um caminho de negar o nosso próprio coração, os nossos próprios maus desejos, durante as dificuldades. Há momentos de sofrimento nos quais tudo que queremos é um escape, é esquecer um pouco o sofrimento, e o pecado se torna mais atrativo muitas vezes. Nós permanecemos firmes durante as provações, rejeitando as tentações que tentam servir como isca. Nós criamos a cobra que vai nos morder, nós somos mortos em nossos próprios delitos e pecados, pois o pecado é consumado e nos mata. As provações externas não podem nos matar, elas não são poderosas para nos tirar da fé, mas é aquela provação que está dentro de nós, aquela tentação do nosso coração, que quer destruir quem somos. No fim, a batalha não é contra as circunstâncias, é contra quem vive nas circunstâncias: nós mesmos.

Chega a ser estranho que, até esse trecho, Tiago ainda não tenha citado Satanás. Ele falou de pecado, provação, maus desejos e cobiça, mas cadê o diabo? A explicação é, de certa forma, simples: ele não citou Satanás porque o diabo não tem o poder de fazer você pecar. O diabo influencia, projeta ideias em nossa mente, fala na árvore em forma de serpente, mas, no final, o pecado surge porque queremos. Às vezes, quando nos referimos a algum erro, falamos que foi tentação do diabo, porém, na realidade, foi a tentação do nosso coração, à qual não conseguimos resistir. Quando alguém se desliga da fé durante o sofrimento, tudo que essa pessoa fez foi ouvir a voz do próprio coração.

A sabedoria para as provações é justamente a força para negar as próprias vontades. Isso significa que o sofrimento é motivo de alegria porque, ao perseverarmos no sofrimento, encontramos mais recursos para perseverar contra as tentações. Se você já pediu a Deus para ser uma pessoa mais santa, para ter mais força contra as tentações do pecado, Deus pode fazê-lo colocando você em mais situações de sofrimento e no ringue da tentação para que o fogo da dificuldade purifique você como filho de Deus. É interessante perceber que nós precisamos de autorresponsabilidade diante do pecado, pois ninguém persevera colocando a culpa em outra pessoa, como Adão, que culpou Eva, ou a própria Eva, que culpou a serpente. Nós perseveramos, ou seja, permanecemos, assumindo nossa responsabilidade de lutar contra o pecado, de não usar as circunstâncias como justificativa para errar e de nos colocar de joelhos diante de Deus.

Na estrada da dor, nós lembramos que Deus é bom Por fim, o último passo que damos na estrada da dor é lembrar que, mesmo no meio de tudo isso, Deus ainda é bom, e a bondade do Senhor não nos abandona em circunstâncias difíceis. É o que vemos nos versos 16-18: “Não se enganem, meus amados irmãos. Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança. Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas”. Durante o sofrimento, nós costumamos nos equivocar muito sobre o caráter

de Deus. O sofrimento quer mentir para nós. O sofrimento tem perna curta e quer nos fazer pensar que a bondade de Deus falhou, que Deus é mau, que ele se alegra com a nossa miséria e que ele nunca manifestou sua bondade para nós. A aflição tende a nos fazer cegos para tudo que está fora do momento de dor, ela move os nossos olhos e faz com que só consigamos focar naquilo que está perto, de modo que perdemos de vista o que está longe e esquecemos todo o bem que já veio da boa mão de Deus.

Não deixe que o sofrimento minta para você, Deus continua sendo bom mesmo quando tudo que você está sentindo naquele momento é dor e sofrimento. “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto” – Tiago usa uma linguagem poética. Não existe absolutamente nada de bom que você já teve na sua vida que não veio da mão de Deus. O riso de uma criança, o sabor de uma comida, a provisão do sustento, o vento no rosto, a saúde, qualquer coisa que você tem de bom na vida veio diretamente da mão de Deus – Deus é o promotor soberano de todo o bem. Por que só olhamos para o mal que temos recebido? O bem que vem de Deus, recebemos com alegria, mas e quando ele nos dá provações? Deveríamos receber com a mesma alegria, pois elas vêm do alto, do Pai das luzes; essa é a poesia de Tiago.

Neste trecho, Deus é o Pai das luzes, onde não há sombra de mudança. Ora, a luz costuma gerar sombra, e a sombra muda porque à medida em que a luz e as coisas se movem, a sombra também muda. Deus é o criador dos astros, das luzes – e as sombras surgem a partir dessas luzes; ele é o Pai dessas luzes, mas nele não há sombra. A sombra está deste lado da vida. As circunstâncias são sombras que mudam de momento em momento, mas o Deus que criou a luz é imutável, ou seja, por mais que haja sombra deste lado da realidade e as sombras mudem constantemente, o Deus vivo é sempre sol, nele só há brilho de bondade e graça. Deus não mudou. Tudo que é bom vem daquele que é imutavelmente bom e que sempre será bom, mesmo durante o sofrimento, ainda que aqui haja sombras.

O sofrimento não é o momento em que Deus muda, em que ele muda de ideia acerca de nós. O sofrimento é só uma mudança de circunstância, mas o Deus eterno continua o mesmo, igual,

idêntico, nos amando com a sua graça, porque esse Deus soberano, ao nos pôr em sofrimento, é o mesmo Deus que, pela sua vontade, nos gerou pela palavra da verdade. A mesma vontade de Deus que nos coloca no sofrimento, nos gerou para sua palavra. Como podemos rejeitar a vontade do Deus que nos colocou na aflição se essa mesma vontade nos trouxe ao seu reino de amor e luz? Somos os primeiros frutos de suas criaturas, somos os seus filhos, seus salvos, seus eleitos, seus primogênitos. Ele nos escolheu e decidiu nos salvar e trazer para perto dele, nos colocou na sua casa como filhos adotivos, então como ele poderia mudar e nos colocar no sofrimento por não nos querer mais? A mesma vontade que nos chamou para a salvação nos coloca na provação, porque é a provação que contribuirá para nossa permanência na salvação.

Ao olhar para a nossa salvação, continuamos confiando na bondade de Deus durante as provações. Você tem duvidado da bondade de Deus durante o sofrimento? Lembre-se do que você foi salvo. Lembre-se do inferno eterno do qual Deus te tirou. Dessa forma, como poderemos duvidar da bondade de Deus por causa do isolamento social se foi ele que nos tirou do inferno? Como poderemos duvidar por causa de uma economia instável se ele nos tirou do reino do diabo? Como duvidar da bondade daquele que levará você para um reino eterno de glória ao lado dele para sempre – onde não haverá mais dor e toda lágrima será limpa –, simplesmente porque as sombras deste lado da eternidade estão mudando muito?

Na estrada da dor, nós precisamos lembrar que Deus é bom. É urgente olharmos para aquele que é o nosso padrão diante do sofrimento. Jesus teve sabedoria no sofrimento, e nós devemos imitar o comportamento de Jesus. Ele foi quem Deus enviou para sofrer por nós e ele sofreu firme no Senhor e, mesmo se sentindo abandonado por Deus na cruz (“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” – Mc 15.34), ele não desamparou Deus e entregou o seu espírito ao Senhor. Mesmo em tempos de calamidade, precisamos imitar o comportamento de Cristo, mas também receber do comportamento de Cristo o seu sacrifício perfeito, a sua entrega perfeita que garantiu a todos nós um caminho de comunhão e paz

com Deus. É através da obra perfeita de Cristo, do sacrifício perfeito daquele que não largou a fé no meio do sofrimento mesmo suando sangue que nós teremos meios para permanecer sábios nas provações. Que Deus use a sua Palavra para nos dar força em tempos como este.

Vamos considerar, em primeiro lugar, *de onde vem a praga do gado*? Eu respondo, sem hesitar, que vem de Deus. Aquele que ordena todas as coisas no céu e na terra – aquele por cuja providência sábia tudo é dirigido, sem o qual nada pode acontecer – ele que enviou esse flagelo sobre nós. *É o dedo de Deus*. [...] Quem enviou o dilúvio ao mundo nos dias de Noé? Foi Deus (Gn 6.17). Quem enviou a fome nos dias de José? Foi Deus (Gn 41.25). Quem enviou a praga no Egito, especialmente a praga no gado? Foi Deus (Êx 7.5; 9.3). Quem enviou doenças aos filisteus quando a arca estava entre eles? Foi Deus (1Sm 5.7; 6.3-7). Quem enviou a pestilência nos dias de Davi? Foi Deus. (2Sm 24.15). Quem enviou a fome nos dias de Eliseu? Foi Deus (2Rs 8.1). Quem enviou o vento tempestuoso e a tempestade nos dias de Jonas? Foi Deus (Jn 1.4). [...] Dizer que se originou nas planícies da Rússia, que não é uma doença nova, mas uma doença antiga, que causou grandes danos nos dias passados – tudo isso está escapando da questão. Peço que digam: *por que isso chegou sobre nós agora*? Como e de que maneira o surto pode ser contabilizado neste período específico? Que causas possíveis podem ser designadas para ele que não existem há centenas de anos? Eu acredito que essas perguntas não podem ser respondidas. Acredito que a única causa a que devemos chegar finalmente é *o dedo de Deus*.[7]

“This is the finger of God!” [Este é o dedo de Deus!], sermão pregado pelo bispo anglicano J. C. Ryle, durante o surto de peste bovina em 1865.

quinto sermão: O ESPETÁCULO DO SOFRIMENTO

Hebreus 10.32-39

Neste capítulo, vamos nos debruçar sobre o texto de Hebreus 10.32-39. Na igreja onde sou pastor em Fortaleza, Igreja Batista Maanaim, a pandemia interrompeu uma série de sermões em Hebreus que estávamos desenvolvendo há cerca de dois anos (já iríamos finalizar o capítulo 10 para iniciar Hebreus 11). É interessante que o texto final de Hebreus 10 seja sobre sofrimento, sobre períodos de provação – e era justamente o próximo sermão da série. Eu estava guardando ele para pregá-lo quando voltássemos às atividades da igreja, mas, uma vez que os decretos de isolamento social foram se estendendo, achei por bem incluir este texto nesta série, não apenas para matarmos a saudade que temos da série em Hebreus (eu e os membros da igreja), mas também por causa do tema tão importante para o período que vivemos agora.

Deixe-me iniciar com uma história pessoal: no começo da minha fé, eu acreditava que ser crente era não ter doenças nem tristezas e ser próspero e abundante em tudo. Eu acreditava naquele famoso evangelho da cura e da prosperidade e, apesar de não crer muito na ideia de que Deus me queria rico, eu acreditava que Deus me queria saudável, que sofrimentos na vida simbolizavam ausência de fé. Eu acreditava que precisava determinar e tomar posse das minhas bênçãos. Até que um dia, sentado diante do meu computador num sábado à noite, um pouco entediado e com alguns jovens da igreja por perto, eu escrevi a palavra “evangelho” na caixa de busca do YouTube. Eu encontrei um vídeo de seis minutos e 25 segundos que se chamava “O Evangelho em 6 minutos”, de um pregador que eu nunca tinha ouvido falar – seu nome era John Piper. Achei interessante, cliquei naquele vídeo e assisti a uma breve exposição que me tocou de forma especial. Eu nunca tinha ouvido uma mensagem tão centrada

na pessoa e na obra perfeita de Cristo Jesus. Ao lado desse vídeo, havia outros recomendados, e um deles era um trecho de dez minutos de um sermão, com o título “Você irá sofrer”. Eu lembro de ter lido aquilo e ter repreendido em nome de Jesus. “Como assim eu vou sofrer?”.

Eu cliquei, curioso, porque aquilo era o oposto de tudo que eu ouvia sendo pregado na igreja e daquilo que eu pregava nas oportunidades de transmitir algo do evangelho (no caso, do que eu pensava que era o evangelho). Aquele trecho de sermão me fez perceber o contrário. O que John Piper fazia era muito simples: ele basicamente lia vários versículos bíblicos sobre sofrimento e fazia pequenas exposições desses textos. Eu lembro da epifania que foi ouvir aquele trecho de dez minutos do sermão e tenho plena convicção de que ela se derramou sobre mim como uma ação sobrenatural do Espírito. Eu percebi naquele momento que tudo que eu havia aprendido sobre Deus era uma mentira. Eu não tinha mais confiança nenhuma em tudo que eu tinha ouvido nos últimos dois anos de fé. Meu coração estava impactado porque alguém havia aberto a Bíblia para mim e pregado algo completamente oposto a tudo em que eu acreditava; era verdade que sofrimentos iriam cair sobre mim, a Palavra de Deus dizia isso com clareza.

A minha compreensão do evangelho foi transformada, e eu posso dizer que somente ali comecei a acreditar em outro evangelho, que incluía parte da mensagem cristã que eu tanto me esforçava por negar – e que era o verdadeiro –, diferente do primeiro que eu tinha ouvido. Era a mensagem de que Deus muitas vezes vai nos colocar em situações de sofrimento na vida. Muitas vezes nós usamos a nossa situação de vida como uma forma de validar a nossa experiência de fé. Por exemplo, “Deus não permitiria que eu prosperasse tanto se eu estivesse afastado dele” ou “Ora, se minha vida está tão difícil, Deus deve estar contra mim de alguma forma”. E a verdade é que, lendo a Escritura, constantemente encontramos textos que nos dão a garantia de que o sofrimento irá nos alcançar.

Lembrando dos sofrimentos passados Retomando o trecho bíblico com o qual começamos, os hebreus que receberam essa

carta estavam em profundo sofrimento. Possivelmente eram cristãos espalhados ainda pela Ásia Menor, muitos deles de origem judaica, e estavam sendo coagidos a retornar às práticas do judaísmo e a criar um tipo de sincretismo religioso que abraçava o cristianismo, mas que voltava a alguns rituais judaicos. Essas pessoas estavam sofrendo, sendo arrastadas às prisões, perdendo os seus bens, sendo espoliadas porque se recusaram a voltar ao caminho do judaísmo. A provação as alcançou porque elas desejaram continuar na fé. O sofrimento as havia alcançado não apenas ali, mas também muitas vezes no passado. É o que lemos, por exemplo, no versículo 32, no qual o autor diz: “Lembrem-se dos dias passados, quando depois que foram iluminados, vocês suportaram grande luta e sofrimentos”.

Esses homens começaram a sofrer a partir do momento em que foram salvos. A luta e o sofrimento começaram a definir a experiência de fé daqueles cristãos logo no início da jornada. Eles não sofreram apenas em uma situação de imaturidade ou quando se tornaram missionários, eles sofreram a partir do momento que creram, porque muitas vezes a crença em Cristo é marcada pelo sofrimento em Cristo. O autor ressalta que eles deveriam se lembrar disso. Esse sofrimento, logo na conversão, se deu justamente *por causa* da própria conversão; eles foram perseguidos por terem escolhido Jesus, sofreram diretamente por Cristo. Eles não estavam sofrendo simplesmente por causa de uma pandemia ou porque fizeram inimizades devido a seus comportamentos, nem mesmo por causa de aplicações políticas do evangelho. Eles estavam sofrendo porque temeram a Cristo.

Os nossos sofrimentos muitas vezes acontecem em um nível situacional; percebemos momentos e ambientes em que a vida cobra de nós sacrifícios e nos entrega dores. Mas o sofrimento dessas pessoas era intimamente relacionado à fé que elas professavam. Elas creram, por isso sofreram. Elas tiveram que batalhar e suportar aflições também nos dias passados. A vida cristã muitas vezes é marcada pela dor. Se você está procurando uma religião que te coloque longe das dores, das dificuldades naturais, eu te indico outra profissão de fé.

Assim, podemos afirmar que o sofrimento diante da pandemia não nos é estranho, porque o sofrimento é a marca da nossa conversão. Cremos e, porque cremos, sofremos desde o início da nossa fé. Quantos de vocês, ao crerem, foram rejeitados por amigos, parceiros, cônjuges, foram prejudicados em ambientes acadêmicos e profissionais, talvez dentro da própria família? Quando cremos, sofremos, somos perseguidos, humilhados e ultrajados; o sofrimento vem a reboque com a conversão. Enquanto o mundo hedonista é escravo dos prazeres e de se sentir bem – por isso fica aterrorizado diante das perdas e dores que o coronavírus causa –, nós deveríamos nos sentir muito à vontade durante os sofrimentos, porque nascemos nele, somos criados nele, somos salvos ao de adorar um Deus que sofreu. Sofrer não é estranho para nós, mas marca quem somos desde o começo. Na verdade, o sofrimento é um privilégio, como lemos em Filipenses 1.29: "pois a vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele".

Para Paulo, sofrer em Cristo é uma regalia. Apenas crer em Cristo é bom, mas crer e sofrer são privilégios que Deus nos dá. Aqueles que possuem conversões pacíficas estão longe do privilégio de se converterem participando do sofrimento – participar com Deus das suas dores é um presente que ele nos entrega. Quando cremos, temos algo bom; quando sofremos ao crer, participamos de um relacionamento mais íntimo com aquele em quem cremos.

Mateus 10.21, 25 nos diz nitidamente que o sofrimento faz parte das consequências da conversão: "Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai entregará o filho. Haverá filhos que se levantarão contra os seus pais e os matarão. Todos odiarão vocês por causa do meu nome; aquele, porém, que ficar firme até o fim, esse será salvo. [...] Se chamaram o dono da casa de Belzebu, quanto mais os membros da sua casa!". Na conversão, nós mudamos de família. Ao encontrar Jesus, nossa cidadania muda. Agora, aqueles que antes eram da nossa casa deixam de sê-lo; somos membros da casa do Filho, ele é o dono da casa. E se, nessa nova casa, o dono é chamado de Belzebu, como serão tratados aqueles que são servos, os que moram na casa e os seus

familiares? Antes tínhamos pais, mães, filhos e amigos, mas agora pai ficará contra filho, e filho, contra pai; o irmão entregará outro irmão à morte; filhos matarão seus pais. Seremos odiados por causa do nome de Jesus. Paulo escreve aos filipenses dizendo que eles não eram mais simplesmente cidadãos romanos, agora eles tinham uma nova cidadania, eram cidadãos do céu, e isso fazia com que eles fossem odiados e perseguidos pelos seus concidadãos. Nós somos estranhos a este mundo e seremos odiados por causa do Nome. O sofrimento e o ódio que recebemos, muitas vezes, são simplesmente por causa do nome de Jesus. Bem-aventurados somos quando falam mal de nós, nos perseguem, nos matam – e quando nos arrastam às sinagogas, creem que prestam um culto a Deus. Os homens nos perseguem e acreditam estar louvando a Deus com isso. Neste contexto, é aquele que persevera até o fim que é salvo. É aquele que aguenta essa situação de sofrimento que encontra uma salvação duradoura.

João 16 diz que “chegará a hora em que todo aquele que os matar pensará que, com isso, está prestando culto a Deus. Isso farão porque não conhecem o Pai nem a mim”. Vivemos em um mundo em que as pessoas acreditam que se levantar contra o cristianismo é uma coisa honrosa. Psicólogos acreditam que cuidar bem de seus pacientes é livrá-los das amarras religiosas. Vivemos em um mundo em que pedagogos acreditam que ser bons professores é livrar os alunos, as crianças, da fé que os pais ensinam. Políticos acreditam que cuidar bem da sociedade é excluir toda a religião da esfera pública. Muçulmanos acreditam que o bem geral é arrancar as nossas cabeças e pendurar em estacas. As pessoas acreditam que estão fazendo o bem ao nos perseguir.

Romanos 8 diz: “E, se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, se com ele sofremos, para que também com ele sejamos glorificados”. O sofrimento marca a nossa herança; seremos glorificados com Cristo porque sofremos com Cristo. Atos 5 diz: “E os membros do Sinédrio concordaram com Gamaliel. Então chamaram os apóstolos e os açoitaram. E, ordenando-lhes que não falassem no nome de Jesus, soltaram-nos. E eles se retiraram do Sinédrio muito alegres por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. E

todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar que Jesus é o Cristo".

Os apóstolos foram açoitados, foram ordenados a não falarem mais o nome de Jesus; e eles encontraram uma alegria sobrenatural que o mundo não entendia. Essa alegria estava no fato de que eles entenderam que Deus os considerou justos o bastante para sofrer. Costumamos pensar que Deus está sendo bondoso conosco e nos abençoando apenas quando coisas boas nos alcançam. Os apóstolos louvaram porque foram açoitados; eles entenderam que Deus os considerou dignos de apanhar, para sofrer, para serem humilhados fisicamente e feridos. O cristianismo encontra alegria no sofrimento, porque o cristianismo é marcado por sofrimento desde o seu início histórico, na Galileia, e desde o seu início em nós, na conversão; porque o Deus que nos salva é um Deus que sofreu. Só participamos de sua herança se participarmos do seu sofrimento.

Isso é o extremo oposto do que é costumeiramente pregado pelos teólogos da prosperidade, pela nova teologia do *coaching*, por aqueles que acreditam que o cristianismo existe para fazer você se sentir bem, que a salvação existe simplesmente para te dar paz no travesseiro e a fé não passa de um antidepressivo barato. A verdade é que a fé te coloca no redemoinho da dor justamente para que, nesse palco de sofrimento, você encontre um caminho ainda mais próximo de Deus. Somos marcados pela dor e pelo sofrimento desse grande espetáculo que é vivido diante do mundo.

Os sofrimentos que aqueles cristãos hebreus estavam passando eram tanto sofrimentos passivos quanto sofrimentos ativos, de acordo com os versos 33 e 34: "Em certos momentos vocês foram transformados em espetáculo, tanto para serem insultados quanto para serem maltratados; em outros vocês se tornaram coparticipantes com aqueles que foram tratados assim. Porque vocês não apenas se compadeceram dos encarcerados, mas também aceitaram com alegria a espoliação dos seus bens". Primeiramente, eles foram transformados em espetáculo de insulto e maus-tratos, eles foram expostos para serem vistos sofrendo, por isso a expressão "transformados em espetáculo" (isso é extremamente literal no período do Novo Testamento). Logo após a

morte dos apóstolos, era comum que os cristãos fossem levados às arenas para serem pisoteados por feras selvagens, dilacerados por animais famintos no Coliseu enquanto o público gritava em empolgação. Os homens faziam da morte de cristãos um espetáculo para o próprio divertimento, eles riam da nossa morte e do quanto sofríamos; nós éramos arrastados para esse espetáculo de dor.

Quantas vezes nós sentimos que as nossas dores e sofrimentos existem e que nós existimos nesta vida simplesmente para gerar riso sádico naqueles que estão à nossa volta! Acreditamos que, quando as pessoas riem, elas riem sempre de nós. Acreditamos que todo cochicho é a nosso respeito e acerca dos nossos defeitos, que cada uma das nossas dores e doenças gera nada mais que zombaria ao nosso redor. Esquecemos que alguém está cuidando de nós e só acreditamos que há toda uma plateia gargalhando de quem está no foco da luz no palco da dor. O sofrimento nos faz achar que todo o mundo gira à nossa volta e que todo o universo está zombando da nossa agonia.

Aqueles cristãos foram colocados diante do mundo para morrerem. Não havia ninguém segurando a mão deles, não havia um senso de luto e de respeito, não havia aquela postura reverente do coveiro. Nas vezes que preguei em velórios, reparei que aqueles que cuidam dos ambientes mortuários, das urnas e das covas geralmente tratam o momento com muita cerimônia e respeito, cuidando de todos aqueles que estão em luto. Da mesma forma, nos hospitais, as pessoas morrem e em volta há muito cuidado. Mas para esses cristãos não havia isso, eles morriam enquanto as pessoas riam. Eles eram dilacerados ainda vivos por animais selvagens enquanto as pessoas aplaudiam e urravam. Muitas vezes, o sofrimento nos faz sentir que estamos no palco da provação. Achamos que ninguém está lá por nós, porque não há quem segure a nossa mão. Achamos que iremos morrer pior do que sozinhos: acompanhados por quem deseja o nosso sofrimento.

Os irmãos perseguidos passaram por isso, mas pense nisto: essa não foi exatamente a experiência de Cristo Jesus? Alguém que foi humilhado diante das forças políticas, humilhado através do sofrimento físico, humilhado com zombaria enquanto as pessoas gritavam contra suas capacidades, diziam que ele estava chamando

a Elias e o desafiavam a descer da cruz. Ele foi tratado como se fosse lixo, carniça, chorume. A experiência do Cristo é a experiência de alguém que foi feito espetáculo por nós. Jesus sofreu como em um palco diante do universo para que pudéssemos, ao participar do seu sofrimento, participar também da sua salvação. Podemos encontrar força durante os sofrimentos passivos que recebemos, porque somos colocados em um palco onde Jesus é o personagem principal. Não ache que, no seu sofrimento, todos os holofotes estão em você. Não faça com que o seu sofrimento te leve a pensar em um universo que gira em torno da sua dor e que todos deveriam estar dando mais atenção ao quanto machuca. Lembre-se de que você está no fundo do palco; os canhões de luz estão apontados para uma cruz em cima do Gólgota, onde Cristo sofreu, onde Cristo foi humilhado, onde Cristo foi insultado, onde Cristo foi maltratado. Participamos disso porque seguimos esse mesmo Cristo.

Mas veja: o sofrimento desses cristãos não era somente passivo, também era ativo, ou seja, eles escolheram algumas situações de dor. O autor diz que, em certos momentos, eles "foram transformados em espetáculo, tanto para serem insultados quanto para serem maltratados; em outros vocês se tornaram coparticipantes com aqueles que foram tratados assim". Em segundo lugar, portanto, eles escolheram participar integralmente do sofrimento daqueles que estavam sendo maltratados. Cristãos sofreram porque decidiram ir em direção àqueles que sofriam. Eles não aceitaram ver os seus irmãos em dificuldade e se colocaram na dificuldade com eles, para servi-los. Como eles fizeram isso? O texto diz que foi porque eles "não apenas se compadeceram dos encarcerados, mas aceitaram com alegria a espoliação dos bens". O que está sendo dito aqui é que esses cristãos sofreram se tornando coparticipantes daqueles que estavam sendo maltratados no palco do espetáculo do sofrimento porque tiveram compaixão daqueles que estavam presos. Lembre-se de que, naquele período, quando alguém era preso, não ia simplesmente para um sistema estatal onde era bem cuidado e tratado; quando alguém era preso, ele era lançado em uma cela e, se ninguém fosse até a prisão para alimentá-lo, ele definharia de fome. Então, o que muitos cristãos

fizeram? Eles utilizaram seus recursos para ajudarem os outros crentes que estavam presos por se recusarem a adorar o imperador.

Se você está atento, já percebeu um problema: se os presos estão presos por serem cristãos, então os romanos entenderiam que aqueles que estavam indo prestar auxílio também eram cristãos. Era exatamente isso que acontecia. Muitas vezes os cristãos que iam levar recursos aos irmãos presos ficavam detidos também. Imagine uma assembleia em sua igreja no domingo de manhã em que todos se reúnem para discutir quem vai ajudar o membro que foi preso por causa da fé. Alguém levanta a mão e diz: “Mas quem for lá talvez não volte!”. Vocês sabem disso, mas também sabem que precisam cuidar dele. Aqueles cristãos estavam voluntariamente indo ao sofrimento a fim de servir àqueles que sofriam; voluntariamente aceitavam a espoliação de seus bens, porque, ao serem presos por servir, eles perdiam tudo que possuíam consigo. Muitos desses irmãos eram fugidos da perseguição, então talvez muitos deles não tinham nada além daquilo que conseguiam carregar consigo e, ainda assim, perdiam o pouco que havia sobrado da perseguição que se instaurou em Jerusalém.

Veja a situação dessas pessoas e o tamanho da fé dos que aceitaram sofrer para cuidar daqueles que sofriam. Recentemente foi publicada uma matéria na revista Veja acerca de padres italianos (já idosos) que morreram devido ao coronavírus porque não pararam de receber confissões dentro das suas igrejas. Não havia cultos, mas eles ainda estavam lá para impetrar bênçãos, receber confissões e servir àqueles que comungavam da mesma fé dentro de suas comunidades religiosas. Quantos pastores continuam recebendo doentes a fim de orar. Quantos pastores têm visitado irmãos em conflitos de fé e em dificuldades. Quantas igrejas aos domingos ainda têm os seus pastores “fazendo plantão” para receber os membros que necessitam de cuidado emocional, psicológico ou espiritual. Quantos irmãos têm ido ajudar outros, saindo para o supermercado ou levando ao hospital, por exemplo, simplesmente para auxiliar pessoas mais fragilizadas ou em grupos de risco da doença. Como cristãos, precisamos nos expor; como cristãos, precisamos passar por dificuldades. Não temos como

preservar nossa vida da mesma forma que aqueles que só têm esta vida para viver. Estamos nos cuidando, mas estamos atentos para cuidar dos outros e, se precisarmos, vamos nos expor ao que for necessário a fim de ajudar e servir aos nossos irmãos em dificuldades. Ora, o que faz com que alguém escolha ser missionário em um país que persegue cristãos? O que faz com que alguém largue a sua boa vida financeira, família, amigos e igreja local para ir a um seminário estudar outro idioma a fim de ir para um país pior, enquanto muitos estão tentando sair do Brasil para ir para os Estados Unidos ou para a Europa? Essas pessoas estão indo para países econômica, política e socialmente inferiores ao nosso por vontade, por escolha, porque eles decidiram ser coparticipantes daqueles que sofrem; eles escolheram sofrer em nome do evangelho.

Você já deve ter ouvido esta história, pois ela ficou muito famosa em todo o mundo: em 2015, o Estado Islâmico sequestrou e decapitou 21 cristãos coptas. Vinte desses cristãos eram egípcios, mas havia um refém que não era cristão ainda, era um homem chamado Mathew Ayairga. Ele era de outro lugar (alguns diziam que ele era de Gana), e seu testemunho se tornou muito famoso, porque ele era o único negro naquele grupo. Existiam vinte egípcios e apenas um negro retinto, mais comum na região de Gana e em outros locais da África, morrendo com aqueles outros vinte cristãos. Alguns começaram a ser decapitados. Aqueles homens continuavam na fé enquanto a cabeça deles era arrancada. Tudo que eles precisavam fazer para se salvarem era negar Jesus, voltar para o islamismo, dizer que Alá era o Senhor. Eles se negaram a fazer isso. Um soldado islâmico se aproximava e perguntava “Você nega Cristo?”. Se o homem dizia “Não!”, a cabeça dele era cortada e o algoz passava para o próximo. Imagine o quão forte o seu o coração bateria de joelhos diante disso, na fila da decapitação! Você negaria Cristo em prol de escapar do sofrimento? Mathew Ayairga não estava naquela fila ainda, mas ele olhou para os soldados e disse: “O Deus deles é o meu Deus!”. Ele foi levado para fazer parte da decapitação. Ele nem era cristão ainda, mas se converteu ao ver cristãos sendo martirizados. Foi através do sofrimento fiel de

membros da fé que aquele homem escolheu, no momento da sua conversão, já participar do martírio de Cristo.

Certa vez, eu ouvi um professor de filosofia me dizer, em uma das minhas aulas da pós-graduação, que “religião é uma coisa boa porque tira o estresse”. Eu acho que ele nunca conheceu a história de Mathew Ayairga. Ele nunca ouvira a história dos cristãos coptas. Acho que ele nunca leu sobre o espetáculo que se dava diante dos romanos. Religião tira o estresse? A verdade é que a religião nos coloca em sofrimentos que nós não passaríamos se não estivéssemos dentro do caminho da fé. Em 1Coríntios 15, Paulo diz que, se não existe uma esperança para além desta vida, nós somos os mais dignos de pena de todos os homens, porque nesta vida o cristianismo nos coloca nas mais difíceis situações. Paulo chega a afirmar que foi em vão que ele lutou contra animais selvagens, que ele ficou náufrago, que ele foi pisoteado, que ele foi chicoteado, que ele sofreu tanto, se não há uma esperança para além desta vida. Ao olharmos para aquilo que recebemos em Cristo, ao olharmos para além desta mera existência presente, nós voluntariamente nos entregamos em um caminho de sofrimento, porque esse também foi o caminho de Cristo Jesus.

Assim como Cristo foi posto no espetáculo de sofrimento, ele voluntariamente decidiu ser coparticipante daqueles que sofrem. Jesus não foi obrigado por nenhuma lei cósmica ou força impessoal a se tornar carne e morrer em nosso lugar, mas ele voluntariamente decidiu se entregar por amor e por graça, a fim de maximizar sua glória por toda a eternidade e morrer por nós, nos levar para perto de si e manifestar em sofrimento a sua graça. Nós seguimos o caminho de Jesus, que fez isso pela alegria que lhe era proposta. Jesus assim agiu porque ele colocou a sua felicidade naquilo que o sofrimento traria: ele seria o primogênito entre muitos irmãos. O caminho de Jesus foi um caminho de sofrimento com alegria e esse deve ser o nosso caminho. O verso 34 diz: “Porque vocês não se compadeceram dos encarcerados, mas também aceitaram com alegria a espoliação dos seus bens”. Tiago 1 ordena que consideremos motivo de toda alegria passarmos por várias provações. Esses cristãos consideraram motivo de alegria o espólio dos bens, assim como os apóstolos que foram considerados dignos

de sofrer pelo nome de Cristo saíam exultantes depois das chicotadas.

A pergunta é: onde está essa geração de homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres, instruídos e simples que não temerão o sofrimento, pois encontrarão alegria mesmo na espoliação de tudo que os homens julgam valioso? Esse é o tipo de igreja que precisamos ter, de pessoas que possuem outros sonhos, outros objetivos, outra ética, outros anseios diferentes daqueles do mundo. A nossa alegria está onde o coronavírus não chega, está onde não há necessidade de leitos ou de respiradores. Nossa vida não está nas coisas, nos bens, no conforto de uma vida de classe média – a nossa vida é a glória, nossa vida é o céu, nossa vida é o Cristo vivo. Todo o resto é palha em comparação a isso. Quando o sofrimento nos aponta para isso, ele se mostra como apenas uma escada para nossa alegria, para estarmos perto do Senhor.

Como perseverar com alegria na provação?

É maravilhoso que o texto nos dê várias dicas de como podemos participar disso, sofrendo com alegria nesse espetáculo da dor, diante daquilo que Deus começou a fazer em nós nesta vida e que continuará para sempre nos céus. O autor da Carta aos Hebreus dá pelo menos cinco conselhos do que nós podemos lembrar e focar os nossos corações a fim de encontrarmos alegria durante a provação.

Lembrando do que já passamos A primeira coisa é que devemos lembrar daquilo que já passamos. O verso 32 começa dizendo: “Lembre-se dos dias passados”. Eles iriam conseguir força para encontrar alegria no sofrimento lembrando de dias antigos. Você gosta de lembrar dos seus sofrimentos? Eu também não, mas lembrar de como superamos o sofrimento do passado é fundamental para continuarmos superando os sofrimentos do presente. Você tem uma história com Deus, o Senhor já fez algo na sua vida, você já foi tocado pelas flechas afiadas e pontiagudas da dor, da catástrofe, da miséria, do sofrimento, da doença, da morte.

Você já passou por essas experiências e as venceu. Agora, lembrando dos dias passados, você encontra força para continuar aqui; cada sofrimento vencido significa mais músculos espirituais que estão prontos para enfrentar os próximos sofrimentos. Lembre dos dias passados durante a dor. Se ela estiver forte demais, pesada demais, dura demais, pare e lembre daquilo que você já viveu com o Senhor – isso vai te dar forças para encontrar alegria, para dar um sorriso e saber que tudo vai passar.

Nos anos iniciais do meu casamento, como costuma ser nos anos iniciais de muitos casamentos, eu e Isa tínhamos muitos conflitos. Discutíamos por uma série de fatores comuns ao início da vida conjugal. Foi interessante, com o passar dos anos de casados, perceber como antes cada briga parecia o fim do mundo. Discutíamos, brigávamos e ficávamos "de mal" um do outro, com raiva e emburrados, e aquilo para mim era tudo que existia. "Meu Deus, olha só como está meu casamento!", eu pensava. Nós enfrentamos batalhas e as superamos. Hoje, quando nos desentendemos, eu tenho uma memória dos dias passados e digo para mim mesmo: "Estamos nos desentendendo agora, mas nós já nos desentendemos antes e as coisas deram certo, nós nos acertamos". A piada em minha casa é que ficar com raiva é ter dois trabalhos: um é ficar, outro é *desficar*. Não dá para ficar com raiva para sempre, vamos ter que deixar de ficar com raiva. O repertório que Deus nos dá aumenta a nossa capacidade de lidar com essas experiências. Quando você deixa de ser um adolescente e começa a vida adulta, você passa a vivenciar as primeiras grandes dificuldades da existência e acha que aquilo será intransponível, mas, à medida que você amadurece, as dores são outras, assim como as dores presentes são diferentes daquelas enfrentadas na infância e adolescência. Você olha para trás e diz: "eu já enfrentei coisas muito piores, eu já passei por crises muito mais graves e Deus me fez permanecer", e, por isso, caminha sem pressa e com um olhar de certeza. Sabemos que sempre renascemos das cinzas, é por isso que guardamos um sorriso para o fim – porque há um Deus que nos mantém durante todas as situações.

Lembrando do que receberemos

Em segundo lugar, não só lembramos do que já passamos, mas lembramos do que já recebemos, tanto o que já nos está disponível em Cristo quanto o que ainda virá a nós. É o que vemos nos versos 34-36: “Porque vocês não apenas se compadeceram dos encarcerados, mas também aceitaram com alegria a espoliação dos seus bens, porque sabiam que tinham um patrimônio superior e durável. Portanto, não percam a confiança de vocês, porque ela tem grande recompensa. Vocês precisam perseverar para que, havendo feito a vontade de Deus, alcancem a promessa”. Eles aceitaram com alegria perder os bens porque eles tinham outros bens. Ora, se você perde cinquenta reais na rua, mas você sabe que tem um milhão guardado na conta, você não chora por aquele dinheiro perdido. Você chora pelos cinquenta reais quando isso é todo o dinheiro que você tem. Os homens deste mundo choram e sofrem em cada perda da vida, porque o agora é tudo o que eles possuem. Mas nós possuímos outra vida, outro tesouro, possuímos em nosso coração um mundo de glória em que o mercado, a pandemia e os sofrimentos presentes não podem encostar. Os cristãos a quem o trecho bíblico se refere tinham um patrimônio superior e durável que ninguém podia espoliar.

Nós temos uma saúde que vírus nenhum pode corromper; nós temos uma vida que nenhum caos de saúde pública pode matar; temos um tesouro que nenhuma recessão econômica pode destruir. Você aceitaria com alegria perder as suas coisas? Você aceitaria com alegria a espoliação dos seus bens? Se não, talvez o seu coração esteja sendo posto diante de você aqui. Talvez o seu tesouro ainda não seja aquele que é espiritual, mas ainda é aquilo que você pode acumular nesta vida de palha que um ser microscópico leva. Mateus 6 indica que não devemos acumular tesouros sobre a terra, porque aqui há traças, ferrugem, ladrões; nesta terra as coisas são rápidas, curtas, frágeis. Devemos ter uma ganância santa, espiritual, para juntar um tesouro no céu, onde não há traças, ferrugem nem ladrões. O nosso tesouro está onde colocamos o nosso coração. A sua ganância mostra o que você ama. Se a sua ganância é para acumular aqui, se perder as coisas

daqui tira a sua alegria, se a pandemia tira o seu prazer de viver, se a situação econômica faz com que você pense que não existe mais um motivo para a existência, se tudo isso abala a sua fé e o seu relacionamento com Deus, o seu coração ainda ama e valoriza tudo desta vida. Você não vai encontrar alegria no sofrimento enquanto não estiver disposto a perder. Com efeito, você já perdeu tudo na cruz. Ela já levou tudo que você tem, nós já depositamos todos os nossos bens, toda a nossa vida em Cristo. Apenas perder tudo nos dá a verdadeira liberdade, apenas depositar o nosso coração naquilo que receberemos nos dará alegria quando perdemos as coisas daqui.

Você será realmente livre quando não se importar tanto com o carro, o dinheiro, as ações, a saúde. Você preserva sua saúde, mas ela não é o seu grande fundamento e tesouro. Se ela for embora, foi embora algo temporário, frágil, feito para ir embora mesmo e que nada mais é que o prenúncio de algo muito maravilhoso que virá em breve. Olhar para frente faz com que nos esqueçamos de olhar para o agora. Olhar para frente faz com que o sofrimento de hoje pareça muito menor – estamos falando de ajustar a visão, o foco, da nossa vida. Paulo afirma em 1Coríntios 4 que é por isto que ele não desanima: seu exterior se desgastava, mas o interior se renovava a cada dia ("Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória acima de toda comparação, na medida em que não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem, porque as coisas que se veem são temporais, mas as que não se veem são eternas").

Não olhamos para aquilo que conseguimos ver, olhamos para o invisível. Olhamos para ver coisas que os olhos não conseguem observar, porque o essencial e valioso nem sempre é sólido e nem sempre é presente. Se nós colocarmos a nossa alegria e fitarmos os nossos olhos e pensamentos apenas naquilo que é exterior, o nosso interior nunca será renovado. Mas muitas vezes Deus faz com que o nosso exterior se desgaste para que o nosso interior se renove todos os dias, ou seja, o que Deus quer é nos renovar internamente ao nos desgastar externamente. Deus nos dá doença, pobreza e isolamento, muitas vezes, para que o nosso interior esteja mais

alegre, mais maduro e mais firme naquilo que importa. Por vezes sofremos porque Deus está cuidando de nós, porque ele está tirando de nós os nossos ídolos, quebrando os altares de adoração que nós mesmos erigimos em nossos corações. Talvez a pandemia, a recessão e outras aflições sejam Deus fazendo com que nós o amemos acima de qualquer coisa. Paulo não desanimava, ele era renovado internamente porque sabia que a provação presente é leve e momentânea, que a dor de agora é curta. Se você acha que um mês isolado em casa é muita coisa, saiba que *uma vida* de provação é leve e momentânea, porque existe um peso de glória que é eterno.

Note que Paulo não disse que essa leve e momentânea tribulação é consolada pela existência de um peso de glória. Ele disse que “essa leve e momentânea tribulação *produz* para nós um eterno peso de glória acima de toda comparação”. Paulo não desanimava durante o sofrimento, ou seja, ele conseguia sofrer renovado internamente, porque ele sabia que o sofrimento produzia algo de valor. E, à medida que ele sofria, havia um peso que aumentava. Quanto mais ele sofria nesta vida, o tamanho do lote crescia, o saldo se avolumava, os celeiros transbordavam. Sofrer em Cristo no tempo presente é acumular um eterno peso de glória acima de qualquer comparação. É 1 para 10, 1 para 100, 1 para 1000... Não dá para comparar o que sofremos com o que receberemos da mão de Deus – e, à medida que sofremos, mais receberemos da mão de Deus, por isso nós olhamos para aquilo que não se vê. Paulo fala “tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória que há de ser revelada em nós” em Romanos 8.18. Aqueles cristãos conseguiram passar pelo sofrimento com alegria porque sempre lembravam de Cristo Jesus.

Lembrando daquele que vem

Isso nos leva ao terceiro ponto: eles conseguiram passar pelo sofrimento com alegria porque lembravam não apenas daquilo que receberiam mas de quem lhes daria tudo isso. O verso 37 diz: “Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não irá demorar.” Aqui, o autor da epístola cita o Antigo Testamento e o interpreta como aplicação à obra perfeita de Jesus, como aquele que vem, e vem sem demora. O sofrimento presente não deve matar a alegria daquele que acredita que o libertador está próximo, pois, em pouco tempo, Jesus nos livrará desta situação. Daqui a pouco, o sofrimento acabará, não só a pandemia mas toda e qualquer doença. Daqui a pouco, o nosso isolamento, não da família e dos amigos, mas o nosso isolamento do reino celeste, será encerrado; finalmente, nós vamos voltar para casa, vamos celebrar e comungar juntos, pois Cristo em breve voltará. Daqui a pouco, ele abrirá os portões do céu, tocará a trombeta e nos levará para si.

Aguente mais um pouco que ele vem nos buscar. Por isso, não deixe o sofrimento matar sua alegria nem tirar você da fé. 2Pedro diz que, nos últimos dias, escarnecedores zombariam, andando segundo as próprias paixões, dizendo zombeteiramente: “Onde está a promessa da sua vinda?”. E o texto diz que ele não está demorando, mas que está vindo no seu tempo e está sendo paciente para que mais eleitos se manifestem. Cristo virá no tempo certo para buscar os seus. Se ele já tivesse vindo há cem ou duzentos anos, nenhum de nós teria passado pela experiência da salvação. Apenas porque ele esperou um pouco mais, tivemos a chance de encontrar a sua glória eternamente. E ele está esperando um pouco mais para dar a outros essa salvação eterna. Ainda que leve mais tempo, ainda que ele seja mais paciente e demore mais cem anos, podemos continuar crendo que em breve ele vem nos buscar – talvez não no arrebatamento, mas ao expirarmos neste corpo e nosso espírito subir aos céus. De qualquer forma, descansaremos, em breve dormiremos e toda dor presente vai acabar. Vamos fechar os olhos e abri-los diante daquele que sofreu para que nunca mais tenhamos que sofrer. Estaremos por toda a eternidade ao seu lado.

Lembrando da fé

Em quarto lugar, aqueles homens conseguiram permanecer não apenas felizes mas perseverantes, porque eles lembravam da fé que haviam recebido. A citação que é feita do livro de Habacuque continua, dizendo: “mas o meu justo viverá pela fé; e, se retroceder, dele a minha alma não se agradará”. O justo vive pela fé, e é pela fé que suportamos o sofrimento. Se retrocedermos, Deus não se agradará de nós; se voltarmos atrás, aí sim, encontraremos o abandono de Deus. Não é o sofrimento que faz com que Deus esteja contra nós, mas é a falta de fé na obra perfeita de seu filho. Perdemos a justiça de Cristo se perdemos a fé na obra de Cristo. O justo, por outro lado, vive e vive crendo, vive pela fé, porque nós somos salvos pela fé e nós continuamos salvos por ela – em outras palavras, ela nos mantém. Você acredita que somos salvos pela fé, mas tenta permanecer na fé através de seu próprio esforço? Somos salvos pela fé, mas nós também permanecemos pela fé, porque o justo se mantém no evangelho por meio dela. Precisamos todos os dias alimentar nossa fé, e fazemos isso lembrando da própria fé que temos em Cristo Jesus, para nunca retrocedermos.

Pedro diz, em 1Pedro 1.3-7:

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que não pode ser destruída, que não fica manchada, que não murcha e que está reservada nos céus para vocês, que são guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para ser revelada no último tempo. Nisso vocês exultam, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejam contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da fé que vocês têm, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado pelo fogo, resulte em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo.

A impressão que temos é de que o autor aos hebreus, no verso 38, está resumindo 1Pedro 1.3-7, em que a ideia é que nós permanecemos na fé mediante a fé. Nós somos, portanto, guardados pelo poder de Deus; há uma salvação preparada para nós no último tempo. Exultamos e encontramos alegria, ainda que passemos por tantas provações, pois os problemas de agora só confirmam o valor da fé que temos, e a nossa fé é depurada como ouro. Isso glorifica a Deus e faz com que ele se agrade cada vez mais de nós. Não apenas isso, mas nos regenera através da ressurreição de Cristo para que tenhamos esperança e sejamos guardados em Cristo Jesus. Lembrar do poder dessa fé e do que ela fez em nós nos dá força para que não retrocedamos, e sim continuemos durante este tempo de sofrimento.

Lembrando de quem somos

Mas é no quinto conselho que talvez tenhamos uma das promessas mais maravilhosas da Carta aos Hebreus. Aqueles irmãos permaneciam alegres porque eles lembravam de quem eles eram, isto é, eles não perderam a própria identidade. O verso 39 afirma: “Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição, mas somos da fé, para a preservação da alma”. Isso é algo maravilhoso, porque o texto de Habacuque diz “se ele retroceder, a minha alma não se agradará, nós, porém, não somos dos que retrocedem”. Você não é dos que retrocedem, você não é dos que voltam atrás. Nós não somos dos que retrocedem para a perdição, somos da fé para a preservação da alma. Aquele que é da fé não está entre os que retrocedem; aquele que é justo vive pela fé e não retorna. Nós encontraremos alegria no sofrimento se lembrarmos que somos da fé, estamos entre os perseverantes, e não entre os que desistem. A doutrina da perseverança dos santos dá uma injeção de ânimo contra as tentações do pecado. Nós muitas vezes não entendemos porque razão Deus nos ordena perseverar se nós já somos os perseverantes, mas Deus usa meios para nos manter na fé, e os seus meios incluem nos lembrar que ele vai nos manter na fé. O modo como Deus nos mantém na fé inclui ele, todos os dias, nos lembrando quem nós somos nele. Permanecemos na fé lembrando que somos transformados por ele.

Crise de identidade e falta de certeza da salvação são coisas que dificultam a alegria durante a provação. Amadurecer nossa fé e lembrar que, uma vez que cremos em Cristo Jesus, estamos seguros eternamente nele nos dá força para encontrar cada vez mais alegria durante o período de sofrimento. Os calvinistas, nesse sentido, têm uma força a mais durante a dor. Muitas vezes dizem que debates entre calvinistas e arminianos são discussões inúteis, mas crer na perseverança dos santos, crer que nós não somos dos que retrocedem nos dá uma força especial para enfrentarmos com mais alegria o sofrimento. A certeza de que nada nos separará do amor de Deus faz com que possamos enfrentar a morte, a tribulação, o fogo, a espada, as alturas e as profundidades com uma força que não está disponível para aquele que teme, a cada

segundo, estar apartado de Deus. Nós cremos que nosso nome já está no livro da vida e que nenhum sofrimento pode tirá-lo de lá. Confiamos que estamos nas mãos de Deus e nenhum sofrimento é mais forte que os dedos do Senhor. Cremos que somos ovelhas que ouvem a sua voz e que os sofrimentos nunca serão dissonantes para nos confundir sobre o caminho. Nós permanecemos e lembramos quem somos. Não deixe que a dor te faça esquecer quem você é, porque, esquecendo aquilo que você recebeu, você terá menos vigor para aguentar o dia mau.

Conclusão

Permita-me encerrar: você é um cristão em um país livre. Você é um cristão que não é perseguido todos os dias por grupos muçulmanos que querem arrancar sua cabeça, por isso você pode acabar perdendo o espírito do mártir – e você não pode deixar isso acontecer, você não pode esquecer como é ser martirizado. Pessoas que vêm da pobreza e enriquecem comentam que morrem de medo de desaprender a ser pobre (perder o costume de pegar ônibus e fazer a própria comida, por exemplo). Nós somos cristãos e, como cristãos, não podemos desaprender a sofrer. Não podemos desaprender a sermos mártires, enfrentando a espada e o perigo todos os dias. Somos cristãos e talvez estejamos fora do nosso habitat natural, pois é possível que ele seja o fio da espada, o palco do sofrimento, o Coliseu. Nós louvamos a Deus pela bênção da paz, nós oramos para que Deus nos dê cada vez mais paz, mas nós não desaprendemos a ser mártires, porque o martírio vem, seja na morte diária para este mundo, nas pequenas perseguições que ainda sofremos, nas dores que escolhemos pelo reino de Deus ou em enfrentarmos pandemias mundiais e crises econômicas. O fato é que o martírio vem, e não podemos esquecer como sofrer em nome de Jesus.

Querido, é assim que você atrai pessoas a Cristo. Não é simplesmente alegre com o melhor, o mais novo, o mais caro, com o que todos desejam. Você atrai pessoas a Cristo quando é alegre na batalha, na fila da decapitação. Você atrai pessoas ao mestre quando é alegre na pandemia, infectado, de luto, sem respirador, falindo, morrendo. Nós atraímos pessoas a Cristo quando nas

dificuldades nós manifestamos uma alegria que conta para os outros que nós não somos deste mundo. É aí que o mundo vai olhar e poder dizer: “O Deus deles é o meu Deus”.

Por outro lado, é ainda mais comum que aqueles que buscam apenas causas naturais zombem dos crentes que veem a doença como um flagelo misterioso da mão de Deus. Admite-se que seria uma tolice negligenciar os meios indicados para evitar a doença, mas menospreze quem puder, acreditamos que é igualmente um ato de loucura esquecer que a mão do Senhor está em tudo isso. A maneira singular como esta doença se apodera frequentemente de pessoas improváveis e se afasta do caminho esperado deve nos mostrar que existe uma mão invisível que dirige seu circuito sombrio. Deixe o homem sábio trabalhar abaixo, mas conserte sua esperança acima; deixe-o purificar e expurgar os focos da morte, mas espere que o senhor e soador da vida tenha sucesso em todas as suas ações. [...] Cremos que Deus envia todas as pestilências, seja a forma como venham, e que ele as envia com um propósito, sejam elas removidas como forem; e concebemos que é nosso dever como ministros de Deus chamar a atenção das pessoas para Deus na doença e ensinar-lhes a lição que Deus gostaria que aprendessem.[8]

"The voice of the cholera" [A voz da cólera], sermão pregado pelo pregador batista britânico Charles Haddon Spurgeon, em 12 de agosto de 1866, após a terceira pandemia de Cólera.

sexto sermão: AS ORAÇÕES DOS NÁUFRAGOS

Lamentações 1.4

Considerado o maior filósofo espanhol do século 20, José Ortega y Gasset escreveu certa vez que as únicas ideias verdadeiras são as ideias dos náufragos. Enquanto vivemos nossas vidas normais, costumamos ser fingidos, retóricos e defensivos. Nós nos apegamos às ideias que são mais convenientes. Em um naufrágio, no entanto, diante da morte, o homem para de fingir. Para o filósofo, a realidade só é verdadeiramente encontrada diante da certeza do fim. Se isso é verdade, e suas ideias são as únicas ideias verdadeiras, talvez possamos dizer que, à parte da atuação do Espírito Santo, as únicas orações verdadeiras são aquelas feitas no naufrágio. Oramos de muitos modos e nos escondemos de Deus em muitos devocionais. É no naufrágio da vida que oramos de maneiras que talvez nunca tenhamos feito durante tempos de segurança e paz.

Lamentações é um livro de naufrágio, escrito por um profeta em profunda angústia e desespero. O verso 4 do primeiro capítulo, texto básico desta meditação, diz assim: “Os caminhos de Sião estão de luto, porque não há quem venha à reunião solene. Todas as suas portas estão desertas, os seus sacerdotes vivem gemendo, as suas virgens estão tristes, e ela mesma se acha em amargura”. Por que existia luto em Sião? Porque os cultos estavam vazios, não havia ninguém às portas da adoração. Tanto que os sacerdotes estavam gemendo em sofrimento, as jovens estavam tristes e a cidade caía em amargura. Havia um cenário que impedia o culto: um cenário de absoluta destruição. O livro narra o que aconteceu depois de dezoito meses de cerco contra Judá, quando, em 586 a.C., no final de julho e começo de agosto, Jerusalém foi destruída pelos seus inimigos, e seus poucos sobreviventes foram levados ao exílio.

O cerco era uma forma de impedir que a cidade sobrevivesse em um período de guerra. Os exércitos acampavam em torno da

cidade e nada entrava nem saía. Com o tempo, começavam a faltar alimentos, remédios, recursos e até água. Dezoito meses de cerco era suficiente para matar a cidade de fome. A única alternativa depois desse tempo era a batalha, a luta. Israel estava ganhando muitas batalhas; Jerusalém estava se orgulhando das suas vitórias militares. No entanto, depois do cerco, a cidade foi destruída; os homens morreram – os que estavam do lado de fora morreram pela espada, quem estava do lado de dentro, de inanição –, e, então, o culto ficou vazio. Um cenário de catástrofe esvazia o culto, e é por isso que a cidade está de luto. Por isso os sacerdotes gemem e as jovens se entristecem.

Deus também nos tirou do culto público neste momento. Também não há quem possa entrar nas assembleias solenes. Estamos em uma situação de catástrofe econômica, e mortos se empilham por cidades no mundo todo. Em Bergamo, caminhões transportaram caixões para crematórios de outras cidades por causa do excesso de mortos. No Equador, caixões e corpos foram largados nas calçadas dos hospitais. As pessoas morreram em suas casas e os serviços demoraram de cinco a seis dias para buscar os corpos, então as famílias precisaram conviver com o parente em putrefação. Em São Paulo, hospitais puseram defuntos em câmaras frigoríficas improvisadas no estacionamento. Em Manaus, sem mais espaço para enterrar os corpos, caixões foram empilhados em valas comuns. Em declaração recente, o diretor da OMS disse que a crise econômica causada pelo coronavírus pode fazer com que a fome no mundo alcance “proporções bíblicas”. Guardadas as devidas proporções, nós também estamos vivendo em terra devastada.

Será que Deus está fazendo conosco o que fez com Jerusalém durante aquele cerco? Eles estavam sem culto por causa da desgraça que acometeu a cidade. Nós estamos sem culto por causa da desgraça que acomete as nossas cidades. De forma geral, estamos em um cenário bem menos dramático, mas em muitos locais específicos do mundo, há dor e sofrimento que nos faz sentir o peso da catástrofe de Jerusalém. Será que estamos vivendo algo próximo do que aqueles homens viveram? Será que os motivos pelos quais estamos vivendo essa situação são os mesmos motivos pelos quais eles viveram aquilo? É importante olharmos para

Lamentações e aprendermos a orar com os náufragos. Vamos, antes disso, observar o contexto do livro.

O sofrimento da cidade

O livro de Lamentações fala de um sofrimento, e o nome do livro já diz tudo. Alguém está lamentando – e não se lamenta por coisas boas. O livro primeiramente narra situações de invasão e exílio, ele nos revela as dores mais profundas de Jeremias. O cenário de Sião era devastador: ninguém acreditava que seria possível invadir os portões de Jerusalém, mas a cidade, outrora populosa, grande entre as nações e tida como princesa das províncias, agora estava solitária como uma viúva, sujeita à escravidão do exílio, com seu povo habitando em outras nações. Não havia mais qualquer esplendor na cidade, os príncipes estavam humilhados, e até as crianças tiveram que ir ao exílio. O rei caiu em armadilhas. Os habitantes de Judá choravam amargamente, angustiados, sem encontrar qualquer consolo em seus pecados, em seus ídolos, em suas más alianças. Os povos gentios que antes se aproximavam como aliados estavam se levantando contra eles em inimizade – nenhum deles foi em socorro do povo. Todos os que honravam Jerusalém passaram a desprezá-la. Ninguém poderia trazer cura a Sião. As nações se vangloriavam do fracasso da cidade. Todos os perseguidores a apanharam, todos os adversários a dominaram, todos os inimigos prosperaram contra ela e riram de sua queda. Por isso a cidade estava de luto. Os sacerdotes e os anciãos foram assassinados. O santuário foi derrubado. Não havia culto porque não havia quem comparecesse às assembleias solenes.

Tudo se resumia a fome e morte. O santuário também foi roubado, e tudo que era santo e precioso foi levado pelos povos. O que sobrou acabou sendo trocado por algum mantimento, tamanha era a fome do povo. Enquanto fora da cidade todos morriam à espada, dentro da cidade o povo morria de fome. A calamidade vinha como um mar sobre todos. Os ricos da cidade, que antes se fartavam de comidas finas, desfaleciam nas ruas; os que antes se vestiam com roupas caras, estavam vivendo entre os monturos de lixo. A fome era tanta que a pele dos príncipes sobreviventes colou em seus ossos, e eles se tornaram irreconhecíveis enquanto vagueavam pela cidade. Os bebês desmaiavam de fome e sede pelas ruas da cidade e morriam nos braços de suas mães, que

berravam de lamento, sem nada para comer ou beber. O livro diz que as mulheres chegaram a um estado tão deplorável de miséria que estavam praticando canibalismo, comendo os próprios filhos amados. Enquanto isso, os sacerdotes estavam sendo assassinados dentro do santuário. Tanto jovens quanto velhos jaziam pelas ruas. As virgens e os jovens estavam sendo mortos à espada. As mulheres eram estupradas pelos soldados hostis. Os filhos que o profeta teve e criou foram consumidos pelos inimigos.

Por essa razão, esse era um cenário de profunda dor e lamento. A cidade estava deserta, os sacerdotes estavam gemendo, as virgens estavam amarguradas e tristes. Só restava a Jerusalém se lembrar de todas as coisas preciosas que teve nos tempos antigos, porque naquele momento ela era apenas repugnante por causa de seu pecado exposto a todos como quando se expõe a nudez e a vergonha. Só sobrou gemido e rubor nos rostos. Por isso os anciãos de Sião estavam sentados no chão, em silêncio, lançando pó sobre a cabeça, vestindo pano de saco, e as jovens estavam com o rosto em terra. O próprio Jeremias tinha a alma agitada e os olhos marejados. Seu coração, como coração de profeta, angustiava-se com a calamidade do povo.

O cenário do livro de Lamentações é de profunda tristeza, caos, dor e amargura. Eles eram náufragos da vida, eram certamente os exilados da existência. As suas palavras seguramente são palavras às quais devemos dar atenção. Se só o que importa são as ideias dos náufragos, vale a pena olharmos com atenção para as ideias de Jeremias no livro de Lamentações. Uma das noções centrais que Jeremias expõe para nós é a de que aquele sofrimento veio de Deus. Ao nos perguntarmos de onde veio tamanho sofrimento – mães praticando canibalismo, bebês morrendo de fome, sacerdotes assassinados no templo, príncipes com a pele grudada nos ossos, pessoas empaladas, algumas mortas à espada, mulheres estupradas –, parece estranho pensar exatamente nessa resposta.

Deus mandou aquele sofrimento De onde procedeu tanta dor e angústia? Alguns poderiam argumentar que um Deus bom nunca permitiria que seu povo passasse por isso e que tal obra vem apenas do diabo. Outros creem que Deus, em sua soberania, permite que tais desgraças caiam sobre os homens e passivamente exerce soberania diante do mal que Satanás opera. No entanto o profeta tinha uma convicção que perpassava toda a sua lamentação: Deus era o responsável final por tudo que assolava o povo. Ele diz com clareza: “Porque o SENHOR a afligiu, por causa da multidão das suas transgressões” (Lm 1.5). Por causa do pecado do povo, Deus o afligiu com toda aquela catástrofe.

A linguagem do texto de Lamentações faz referência constante à manifestação da ira santa de Deus sobre aquele povo. Toda a desgraça se abateu sobre ele por causa da ira contra o pecado. Toda a matança foi descrita como “Dia da Ira”, no qual Deus fez sua matança “sem dó nem piedade”: “não houve quem escapasse ou ficasse com vida no Dia da Ira do SENHOR” (Lm 2.21, 22). Os alicerces de Sião foram consumidos pelo fogo do furor da ira de Deus, derramado quando o Senhor deu cumprimento à sua indignação (4.11). O povo foi espalhado pela ira do Senhor, que já não dava atenção a eles (4.16). Jeremias diz que o Senhor os “afligiu no dia do furor da sua ira”, que “do alto ele enviou fogo”, que ele “estendeu uma rede” aos seus pés e o “fez voltar para trás”, deixando a cidade “desolada e sofrendo todo o dia”. Há muita clareza: “Ele, com a sua mão, fez das minhas transgressões um jugo”, pendurando os pecados do povo em seu pescoço. “O Senhor abateu a minha força; ele me entregou nas mãos daqueles contra os quais não posso resistir”, o profeta continua, entendendo que a soberania do Senhor estava se manifestando naquele momento de caos, punido o povo. “O Senhor dispersou todos os valentes que estavam comigo; convocou um exército contra mim, para esmagar os meus jovens; o Senhor pisou, como num lagar, a virgem filha de Judá” (1.12b-15). Não havia como o profeta ser mais claro em seu entendimento de que era Deus que estava enviando toda aquela tribulação sobre a cidade de Jerusalém.

Por mais que os povos tenham invadido Israel por suas próprias escolhas de maldade, em nível último, foi o Senhor que "ordenou a respeito de Jacó que os seus vizinhos se tornem seus inimigos", fazendo com que Jerusalém se tornasse como algo imundo diante dos povos (Lm 1.17). O Senhor "deixou que os inimigos se alegrassem" e "exaltou o poder dos seus adversários" – essa era uma ameaça antiga por causa dos pecados do povo, que Deus estava cumprindo naquele momento sem dó nem piedade (2.17). Jeremias entendia que o motivo de todo aquele sofrimento era a multidão das transgressões da cidade e que foi o próprio Deus que fez a desgraça cair sobre eles (1.21).

Na longa seção de Lamentações 2.1-9, o profeta se espanta com a maneira pela qual "o Senhor, na sua ira, cobriu de nuvens a filha de Sião", devorando "todas as moradas de Jacó" sem qualquer piedade: "no seu furor, derrubou as fortalezas da filha de Judá; lançou por terra e profanou o reino e os seus príncipes". Foi justamente no "furor da sua ira" que ele "cortou toda a força de Israel", deixando o povo sem qualquer ajuda em face do inimigo. Deus, então, consumiu a descendência de Jacó "como labareda de fogo que devora tudo ao seu redor" e usou suas armas contra o seu povo "como se fosse um adversário". Ele destruiu "tudo que era formoso à vista", derramando "o seu furor, como fogo, sobre a tenda da filha de Sião". O profeta lamenta nos piores termos que alguém poderia lamentar: "O Senhor se tornou como inimigo". Seu tabernáculo santo não foi preservado porque o próprio Deus demoliu "com violência o seu tabernáculo, como se fosse uma horta; destruiu o lugar da sua congregação". Aqueles que deveriam representá-lo foram também rejeitados, já que "na indignação da sua ira, rejeitou com desprezo o rei e o sacerdote", "rejeitou o seu altar e detestou o seu santuário". Por isso os inimigos "deram gritos na Casa do SENHOR como se fosse dia de festa". Foi a "mão destruidora" de Deus que fez "gemer a muralha e as paredes", fazendo os portões caírem por terra. Não havia mais justo exercício da lei; os profetas, abandonados, não recebiam mais visões do Senhor.

Na seção de 3.1-19, o profeta se descreve como "o homem que viu a aflição causada pela vara do furor de Deus", que foi levado pelo Senhor a "andar nas trevas e não na luz", diariamente

recebendo a oposição de Deus, que voltou a sua mão contra ele. Ele sofria fisicamente, uma vez que Deus fez envelhecer seu corpo e despedaçou seus ossos. Deus o “cercou de amargura e dor”, fez com que ele habitasse na escuridão em companhia dos mortos. São descrições de profunda dor e sofrimento – angústias nas quais o profeta se via inescapavelmente preso. Ele interpretava que Deus o cercava com um muro, aprisionando sua vida com correntes pesadas; mesmo com muitos gritos, ele não era ouvido. Seu caminho estava fechado e tortuoso. Deus se manifestava, então, como um “urso à espreita, como um leão pronto para atacar”, fazendo o profeta “em pedaços”, abandonando sua carcaça pelas veredas. Ele diz que Deus preparou seu arco e usou o coração do profeta como alvo de suas flechas. Deus quebrou seus dentes nas pedras e o cobriu de cinza. O profeta lamenta: “Já não sei o que é ter paz e esqueci o que é desfrutar do bem” (3.19). No capítulo 3.37-39, ele estabelece com confiança que o Senhor permanecia soberano sobre tudo que estava acontecendo: “Quem é aquele que diz, e assim acontece, sem que o Senhor o tenha ordenado? Por acaso, não é da boca do Altíssimo que procedem tanto o mal como o bem?”. Por fim, ele estabelece que a resposta a isso não é outra senão arrependimento, pois eles sofreram por causa do pecado – “Por que se queixa o homem? Queixe-se cada um dos seus próprios pecados”.

O que encontramos aqui é Deus enviando a sua ira. Todo aquele sofrimento e toda aquela desolação surgiram como ira de Deus. Por algumas vezes nesta série de sermões, falamos que nem todo sofrimento é punição ou ira, que o sofrimento nem sempre é um sinal do castigo divino; mas, apesar de nem todo sofrimento ser castigo, o castigo muitas vezes se manifesta como sofrimento. Várias vezes as nossas dores existem como punição de Deus por causa da apostasia, da falta de arrependimento, da vida vivida longe dele.

Será que não estamos na mesma situação? Será que não deveríamos estar nos queixando de nossos próprios pecados ao invés de nos queixarmos das situações que são exatamente fruto de nossos pecados? É muito humano nos queixarmos do isolamento social. Mas e se o isolamento social existir por causa dos pecados

que são punidos pela ira de Deus neste momento? É fácil nos maldizermos pelas perdas financeiras, pelas batalhas emocionais de estar em casa, pelos entretenimentos de que precisamos abrir mão. É fácil nos lamentarmos até mesmo pelo culto que perdemos. Mas e se isso não for nada além do dia do furor? E se Deus estiver derrubando os muros de nossas cidades? E se Deus estiver matando os sacerdotes dentro do templo, secando os ossos dos príncipes e deixando falecer à míngua as filhas das mulheres de Jerusalém? E se for Deus, no dia de sua ira, que estiver fazendo com que os de fora morram à espada e os de dentro morram de fome? Este é um momento da ira de Deus? Eu não sei, não posso ter certeza. Mas eu tenho certeza de que é plenamente possível que o furor santo e terrível do Deus vivo de Israel esteja caindo sobre nós devido à nossa falta de arrependimento.

O que fazer então? Nos queixarmos dos nossos próprios pecados. Aqueles homens sofreram porque pecaram, e pecaram sem arrependimento. Quando pecamos debaixo do sangue de Jesus, quando o nosso pecado é algo de que nos arrependemos, podemos receber graça e perdão, pois Jesus tomou para si o Dia da Ira. Jesus bebeu toda a vingança justa de Deus: a punição que deveria ser nossa por causa do nosso pecado foi completamente derramada em Cristo. O cenário que é descrito em Lamentações não é nada comparado com o cenário do Deus vivo nu em uma cruz, humilhado, zombado e ferido diante da morte, tomando sobre si os pecados do seu povo e sendo abandonado por Deus. O seu lamento “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” é muito maior do que o lamento do profeta no livro veterotestamentário. Mas e quando não estamos debaixo do amaldiçoado, quando não estamos escondidos debaixo da punição do Cristo? Se ele não recebeu por nós, só o que nos resta é recebermos sozinhos o furor do Dia da Ira.

A terra devastada por causa do pecado Eles sofreram por causa do pecado, e nós devemos olhar para o modo como eles pecaram como um possível paradigma de como nós podemos estar pecando também. Eles pecaram e não estavam escondidos debaixo

do Cristo. O que acontece quando pecamos, simplesmente pecamos sem arrependimento?

Lamentações 1.2 diz: “Entre todos os seus amantes, não tem quem a console”. “Amantes” na linguagem do Antigo Testamento geralmente se refere aos ídolos. Judá estava se entregando aos falsos deuses e, dentre todos esses falsos deuses, não havia quem a consolasse. As falsas divindades não podiam dar consolo diante da ira de Deus. Quando abraçamos as idolatrias, quando adoramos em nossos corações outras divindades, como diz o profeta Ezequiel, erigimos dentro de nós falsos deuses. No Dia da Ira, iremos correr para os nossos ídolos que tanto nos deram prazer em vida, e eles não poderão nos consolar, estaremos desconsolados, inconsoláveis diante da ira do Deus vivo. Os nossos amantes não estarão lá quando o nosso marido vier prestar contas, quando o nosso Senhor vier tomar partido dos nossos pecados.

Lamentações 1.5 diz: “Porque o Senhor a afligiu, por causa da multidão das suas transgressões”. A aflição veio da parte de Deus porque os pecados eram muitos, como uma multidão. O homem longe do arrependimento não peca uma vez ou duas; o homem longe do arrependimento não faz mais nada além de pecar. O pecado é a característica máxima do sofrimento, é aquilo que vem nesse caminho do homem sem Deus. O livro de Provérbios diz que “até a lavoura do ímpio é pecado”, ou seja, até as pequenas coisas boas que o ímpio faz são pecaminosas, porque ele não as faz para a glória de Deus e ele não age por fé, ele não faz amando a Deus com toda sua mente, força, entendimento e coração. A multidão dos pecados do ímpio é muito grande, e Deus traz a aflição por esse motivo.

Lamentações 1.8 diz: “Jerusalém pecou gravemente; por isso, se tornou repugnante”. Veja, o pecado é grave. Eles pecaram gravemente, e isso fez com que as nações tivessem nojo daquele povo. Nos tornamos nojentos, nos tornamos repugnantes por causa da gravidade do nosso pecado. Quando abandonamos o Senhor, o único sentimento que provocamos é de nojo. Nos tornamos seres asquerosos, malcheirosos, de visual ofensivo. Quando pecamos e não nos arrependemos, podemos parecer belos, ricos, bem aprumados por fora, mas por dentro Deus sabe o que há.

Lamentações 1.9 expressa o seguinte: “A sua impureza está nas suas saias”. O verso faz referência à vergonha relacionada ao pecado. O povo tentava escondê-lo, mas o pecado estava sendo revelado através da vergonha da “nudez” sendo imposta (como tirar as calças de alguém em público). O que estava acontecendo é que os pecados daqueles homens estavam sendo manifestos diante das nações através do agir de Deus. Eles não tinham pureza para encontrar o Senhor, e isso estava sendo manifesto publicamente naquele momento. Isso antes estava escondido, como se escondem os genitais por baixo da roupa, mas a impureza estava sendo levada a público para causar vergonha. O povo pecava sem ligar para o que poderia acontecer, por isso ele caiu em vergonha de modo tão espantoso. Em Lamentações 1.14, lemos que “ele, com a sua mão, fez das minhas transgressões um jugo”. Os pecados se tornaram um peso sobre eles, um peso enrolado no pescoço, para eles sentirem o fardo de tudo que fizeram.

Lamentações 1.18 declara: “Justo é o SENHOR, pois me rebelei contra a sua palavra”. O profeta sabia que tudo aquilo que estava acontecendo vinha da mão de Deus e que Deus não estava sendo injusto, Deus não estava exagerando. Veja: crianças morrendo, mães praticando canibalismo, pessoas sendo esmagadas e cortadas pela espada, ricos e príncipes com a pele encostada nos ossos, mas Deus não estava sendo injusto. “Justo é o Senhor”, diz o profeta no meio da cidade devastada. Essa é a oração de um náufrago que realmente entendeu que Deus estava agindo com justiça. “Justo é o Senhor, pois me rebelei contra a sua palavra”. Aqueles homens eram rebelados, não arrependidos, e quando Deus enviou toda aquela calamidade, Jeremias não ficou perguntando sobre o problema do mal, ele reconheceu a justiça e um Deus que trazia sobre eles tudo que eles mereciam.

“Chamei os meus amantes, mas eles me enganaram” (Lm 1.19). O povo de Jerusalém correu para os ídolos no meio da devastação. Mas os ídolos só dão falsas promessas, só dão prazer por um momento, e, na hora da necessidade, os ídolos nunca são poderosos para realmente trazer salvação. “A minha alma se agita, o meu coração está transtornado dentro de mim, porque gravemente me rebelei contra ti”, diz Lamentações 1.20. A rebelião

deles foi grave e, por isso, eles estavam agitados e transtornados no coração. Porque, afinal, a rebelião contra Deus e a vida de pecado não arrependido só trazem um coração agitado e transtornado que não consegue encontrar paz e segurança.

Em Lamentações 2.14, lemos que “as visões que os seus profetas lhe anunciaram eram falsas e enganosas. Eles não expuseram a maldade do que você fazia, para restaurarem a sua sorte, mas anunciaram visões falsas, que a levaram ao cativeiro”. Esse trecho aprofunda o motivo de toda aquela dor e transgressão. Os profetas anunciaram visões falsas e enganosas. Ao invés de os profetas de Deus estarem denunciando aquele povo, expondo a maldade que eles estavam fazendo, a fim de restaurar a sorte, eles só falavam falsidades que afagavam o ego. Aquela maldade caiu sobre o povo porque os profetas mentiram para passar a mão na cabeça de gente não arrependida ao invés de anunciarem verdades que poderiam restaurar aquele povo.

O versículo 6 do capítulo 4 diz: “Porque a maldade da filha do meu povo é maior do que o pecado de Sodoma, que foi destruída num momento, sem intervenção humana”. Sodoma e Gomorra foram destruídas por ação sobrenatural de Deus. Mas Jerusalém estava sendo destruída por meio de um exército humano para que fosse ainda mais humilhada, ou seja, o que eles estavam recebendo era ainda pior do que Sodoma e Gomorra receberam. Jesus disse algo parecido nos evangelhos: “Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que foram feitos em vocês, há muito que elas teriam se arrependido”. Eles eram o povo de Deus em Jerusalém recebendo a própria manifestação dos sacerdotes e dos profetas, e, ainda assim, eles escolhem o caminho do pecado. Por isso, Deus os pune de maneira pior do que puniu Sodoma e Gomorra.

Lamentações 4.13 explica que “Tudo isso aconteceu por causa dos pecados dos seus profetas e por causa das maldades dos seus sacerdotes, que derramaram no meio dela o sangue dos justos”. Não só os profetas mas também os sacerdotes do povo eram responsáveis por aquela desgraça, pois eles estavam derramando sangue inocente. Aqui nós temos sacerdotes que, ao invés de sacrificarem animais a fim de apaziguar a ira de Deus e

apontar para a obra do Messias, estavam matando os outros – eram sacerdotes envolvidos com assassinato, com tramas para tirar a vida de seus inimigos. Justos estavam sendo assassinados por sacerdotes injustos, por isso todo aquele castigo caiu sobre eles. É por isso que, em Lamentações 5.16, já próximo do fim do livro, Jeremias diz "Ai de nós, porque pecamos!". E esse é certamente o resumo de tudo – "Aí de nós, porque pecamos!".

A palavrinha "ai", no Antigo Testamento, surge como um tipo de maldição. Então podemos entender que o profeta está se amaldiçoando ("amaldiçoado, anátema seja eu, ai de mim"). Ele está dizendo que algo terrível vai vir sobre ele. No fim, o profeta reconhece o pecado do povo e reconhece que tudo aquilo veio não por culpa de Deus, mas por culpa deles próprios. Eles estavam recebendo nada mais do que aquilo que mereciam, aquilo que eles compraram com o salário do pecado.

Se olharmos para o pecado desses homens, será que nós não podemos encontrar um espelho que reflete muito do que encontramos em nossas sociedades, até mesmo na cultura de igreja? Uma igreja – não a igreja verdadeira, a noiva de Cristo, a igreja espiritual, mas as várias igrejas e comunidades falsamente chamadas de igrejas cristãs, evangélicas, protestantes e reformadas – muitas vezes entregue a amantes, cheias de idolatria, com multidões de transgressões repugnantes, escondendo debaixo de suas saias tanta impureza. Será que não é verdade que encontramos, à nossa volta, pastores adúlteros, líderes de jovens viciados em pornografia, membros da igreja deitando com amantes, jovens da igreja vivendo vidas libidinosas, homens com segundas famílias, filhos se envolvendo em atos que desonram o Senhor? Quantos profetas mentem, quantos pregadores pregam uma mensagem falsa, dizendo aos homens ímpios que eles são bonitinhos para Deus, enganando homens pecadores dizendo que eles estão indo para o céu, quando na verdade essas mentiras só levam homens ímpios – e iludidos – ao inferno!

Quantos falsos profetas de cabelos arrumados com gel, vestindo uma "roupa estilosa", sentados em banquinhos, usando microfones caros e fundos musicais convencem ímpios de que eles estão no caminho de Deus. Quantos falsos pregadores, do alto de

seus púlpitos, usando anéis caros e ternos importados, convencem que a prosperidade financeira é um sinal claro da bênção de Deus sobre as pessoas. Quantas mensagens se baseiam em mentiras. São pregações que não vêm da Escritura, mas de visões oriundas dos próprios profetas – visões que eles mesmos inventam com o objetivo de acalmar os corações, acalentar os espíritos, fazer moças e jovens chorarem. Eles gravam vídeos para o YouTube, amaciam egos e mentem anunciando coisas falsas e enganosas, não expondo a maldade do povo. Quantos sacerdotes não estão envolvidos nos mais horríveis atos criminosos? Quantos desses grandes homens não são mercadores da fé, que enganam e tomam o dinheiro de gente simples e inocente?

Muitos foram acusados por causa de dossiês, e outros são famosos por andarem com seguranças armados prontos para atacar quem se rebelar. Quantos pastores usam suas posições para abusar de jovens em situações difíceis. Será que a nossa cidade não deveria estar devastada mesmo? Será que realmente o Dia da Ira não deveria estar caindo sobre nossa cidade? Será que todos nós não deveríamos olhar para cima e dizer "Aí de nós, porque pecamos!"? Estamos experimentando nossa própria Jerusalém derrubada, a cidade está devastada, então o que fazer? O que dizer diante de um momento em que podemos apenas olhar para os céus e exclamar "Aí de nós, porque pecamos!" e "Justo é o Senhor, porque transgredimos a sua Lei!"?

As orações de Jeremias

O que fazer, então, diante disso tudo? Eles pecaram, então foram destruídos; os que sobraram foram levados ao exílio. Se nós estamos sendo destruídos porque pecamos, nossa única postura é tentar imitar aqueles homens no que acertaram, a fim de evitar nossa destruição iminente. Como os náufragos oram? A postura do profeta Jeremias foi uma postura de oração que se manifesta em cinco esferas ao longo de sua lamentação.

Primeiramente, em Lamentações 3.18-33, temos o único momento de esperança do livro: "Então eu disse: 'Não tenho mais forças. A minha esperança no SENHOR acabou'". O profeta deixa claro que está fraco e que não tem mais esperança. Deixa claro

que, diante de tudo o que acontecia à sua volta, ele podia apenas simplesmente desfalecer. Ele ora: “Lembra-te da minha aflição e do meu andar errante, do absinto e da amargura. Minha alma continuamente se lembra disso e se abate dentro de mim”. Ele pede que Deus lembre, e Deus lembra. Deus percebe, Deus olha para o tamanho da sua dor, da sua amargura. É como se Jeremias dissesse: “Deus, eu preciso que o Senhor se lembre do que eu estou passando, porque eu só consigo enxergar minha amargura, minha dor, minha tristeza. Deus, eu lembro bem, eu sinto bem, eu estou vendo o que está acontecendo comigo, eu sinto cada espinho da dor. Será que o Senhor vê?”. Ele perde a esperança e pede que Deus olhe para ele – como se Deus já não estivesse vendo.

E parece que, enquanto o profeta ora, ele muda o tom. Ele diz: “Quero trazer à memória o que pode me dar esperança”, ou seja, “Não tenho mais esperança, então eu preciso lembrar do que me traz esperança”. Em tempos como este, precisamos cuidar da nossa mente, precisamos alimentar aquilo que nos traz esperança para que não venhamos a sucumbir diante da falta de forças que pode nos assolar diante das adversidades. Se gastarmos todo o nosso tempo lendo sobre as catástrofes das cidades, assistindo às notícias e *lives*, de olho em cada novidade acerca das dores e mortes, a realidade será dura demais. Precisamos rememorar aquilo que alimenta nossa esperança, lembrar das coisas boas que Deus nos dá, da segurança que temos em nossos lares, das facilidades do mundo moderno que atenuam alguns problemas, mas acima de tudo, lembrar da obra perfeita de Jesus, que faz com que a ira Deus não recaia sobre nós, e que, se confiarmos em sua obra perfeita e nos arrependermos de nossos pecados, encontraremos um caminho para longe da ira do Senhor.

Jeremias afirma que “As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã”. O que faz com que uns adoeçam e outros não? O que faz com que alguns morram, mas você ainda esteja vivo? O que faz com que alguns se recuperem e outros não? O que faz com que você, mesmo perdendo a mãe, continue ainda vivo e firme na fé? É porque Deus tem misericórdia. É porque nós merecemos coisas muito piores, e Deus não nos dá. A

misericórdia dele se renova todo dia. Erramos, pecamos, fazemo-nos merecedores de uma terra devastada, mas toda manhã temos uma porção nova da misericórdia de Deus. Lembrar disso nos traz esperança em tempos de amargura.

O profeta ora: “Grande é a tua fidelidade”. Deus é fiel à aliança que fez com o povo de Israel, ele não quebraria o pacto. De modo semelhante, nós estamos no novo pacto e cremos em um Cristo que não quebrará sua aliança, mas continuará conosco, não nos abandonará. “A minha porção é o SENHOR, diz a minha alma; portanto, esperarei nele”. Quando tudo está ruim, e estamos na iminência da catástrofe, ainda podemos esperar no Senhor, porque ele é a nossa porção, o nosso valor; ele é tudo que temos. Podemos perder tudo e, no fim, ainda termos tudo, porque a nossa porção é Deus, a “nossa parte” é o próprio Senhor. “O SENHOR é bom para os que esperam nele, para aqueles que o buscam”. É muito fácil falar da bondade de Deus em circunstâncias normais, mas é chocante ver o profeta falando da bondade do Senhor no meio de uma cidade devastada. É chocante ver o profeta falando que Deus é bom no Dia da Ira, mas ele faz isso porque consegue ver Deus pelos olhos da fé.

O profeta não enxerga Deus pelas circunstâncias. Ele não está interessado simplesmente naquilo que é revelado do caráter de Deus por aquele momento. Ele sabe que Deus é um Deus de ira e furor, mas ele está interessado naquilo que é revelado acerca de Deus na completude do seu relacionamento. Hoje, talvez estejamos vendo a face da ira de Deus, mas sabemos que Deus é bom. E ele é bom para aqueles que estão esperando nele, que permanecem nele, que aguentam nele, que o buscam, que gastam tempo com ele. “Bom é aguardar a salvação do Senhor, e isso, em silêncio”. Às vezes temos que ficar calados no meio do caos e esperar. Às vezes não temos muito que dizer nem muito que fazer ou corrigir, ou seja, não temos como resolver por nossas ações. Às vezes tudo que podemos fazer é esperar, e esperar nele, que a ira dele passe, que ele satisfaça o seu furor, que o Dia da Ira se transforme no dia da misericórdia. Ele é bom, e podemos aguardar a salvação que vem dele. “Bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade. Que ele se assente solitário e fique em silêncio, porque esse jugo Deus

pôs sobre ele. Ponha a sua boca no pó; talvez ainda haja esperança. Dê a face ao que o fere e suporte todas as afrontas. O Senhor não rejeitará para sempre”.

Saiba, Deus não vai nos rejeitar eternamente, Deus não vai nos rejeitar todos os dias. Se nós nos arrependermos, se buscarmos a Deus por causa do nosso pecado, se buscarmos a Deus para ir contra os nossos erros, se olharmos para a vida miserável que estamos vivendo, para os nossos pecados ocultos, para os nossos maus sentimentos, e nos ajoelharmos com nossa boca no pó, talvez ainda haja esperança. Talvez ainda haja como sairmos dessa situação, talvez ainda haja como sobrevivermos ao Dia da Ira: encontrando arrependimento e perdão em Cristo Jesus.

Apenas você conhece os seus pecados secretos. Você conhece o jugo que pôs sobre o próprio pescoço. Dê a face àquele que te fere, entregue-se a Deus, suporte as afrontas, pois Deus não vai rejeitar você para sempre. Humilhe-se diante dele, peça perdão e misericórdia e, no momento certo, você receberá da graça e da misericórdia que provêm do fato de Cristo ter bebido, até a última gota, do cálice da ira de Deus por causa de nosso pecado. O fim do verso declara: “Ainda que entristeça alguém, terá compaixão segundo a grandeza das suas misericórdias. Porque não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens”. Deus não se agrada de nos entristecer e nos afligir. Trazer a ruína sobre nós não é o prazer de Deus, mas ele a traz esperando exercer a sua compaixão para que possamos nos humilhar e procurá-lo.

Jeremias está dizendo que, se nós nos arrependermos de nossos pecados, poderemos escapar do Dia da Ira. O profeta está dizendo que Deus traz o Dia da Ira não simplesmente para nos destruir, mas como uma oportunidade, como um grito, um megafone, dizendo: “Eu estou vendo os seus pecados. Eu estou vendo os seus segredos. Estou sondando o seu coração. Procure por mim, ajoelhe-se, confesse, peça misericórdia, e eu serei rápido para trazer perdão”.

A primeira postura de oração dos náufragos é de esperança. É crendo que em algum momento Cristo vai nos trazer libertação de nós mesmos se, no Dia da Ira, procurarmos aquele que bebeu da ira

de Deus. Podemos ter esperança, podemos ter força, se procurarmos Cristo Jesus.

Mas, em segundo lugar, a postura de Jeremias em oração é de perseverança. Em Lamentações 2.18-19, ele conclama o povo que estava clamando ao Senhor a continuar orando dia e noite, sem descanso, com lágrimas abundantes; eles deveriam perseverar em oração. É o tipo de incentivo que um povo tão sofrido precisava. Em tempos de dor, costumamos imaginar que Deus não está nos ouvindo. Em Lamentações 3.7-8, Jeremias se dirige ao Senhor: "Cercou-me de um muro, e já não posso sair; prendeu-me com pesadas correntes. Mesmo quando clamo e grito, ele fecha os ouvidos à minha oração".

O profeta está chamando o povo para orar em um momento em que ele sente que Deus não está sequer ouvindo as suas orações. É maravilhoso o modo como ele se entrega nesse ministério de convidar o povo a viver algo que nem ele está conseguindo viver; e não é hipocrisia, porque o profeta confessa também os seus pecados. Ele escreve a sua inadequação com aquilo que ele prega. Mas o profeta, sentindo que Deus está com os ouvidos fechados, continua conclamando o povo a permanecer em oração dia e noite.

Não é o sentimento do profeta que temos durante a dor? Sabemos que orar é correto e importante, dizemos "Vamos continuar orando", mas, quando oramos, sentimos que Deus não nos ouve. Os céus estão fechados; nossa oração está presa. Há um muro em volta com pesadas correntes, fazendo com que Deus não ouça quando gritamos. Há um silêncio desolador durante os naufrágios. Só escutamos nossa voz abafada enquanto nos afogamos, e nenhuma resposta do alto. Mas, ainda assim, precisamos continuar em oração.

Em Lamentações 3.43-44, Jeremias diz que, cobertos de ira e longe da piedade, eles estavam debaixo de nuvens que impediam que as orações fossem ouvidas. Mesmo assim, ele não desiste das orações. Em 3.48-50, rios de lágrimas correm sem descanso dos olhos do profeta por causa da destruição de Jerusalém e ele ora "até que o SENHOR atenda e veja lá do céu". Ele confiava que Deus o ouviria, mesmo diante de céus aparentemente fechados, já

que Deus o havia ouvido em outros momentos de sofrimento. Ele estava certo de que Deus não o rejeitaria para sempre. Ele estava confiante que não seria lançado fora e que, enquanto ele perseverasse buscando a Deus, o Senhor poderia recebê-lo. É como Jesus disse: “Batei e abrir-se-vos-á, pedi, e dar-se-vos-á”. É como na parábola do juiz iníquo. Estamos sempre buscando a Deus e precisamos sempre buscá-lo (não apenas uma, duas, três vezes). Deus quer que continuemos batendo na porta da oração, dependentes e desesperados, clamando como mendigos para que ele olhe para nós. Sermos ouvidos por Deus é uma responsabilidade e um privilégio. Nos versículos 55-58 do capítulo 3, vemos: “da mais profunda cova, Senhor, invoquei o teu nome. Ouviste a minha voz, quando pedi: ‘Não feches os teus ouvidos aos meus lamentos, ao meu clamor’. No dia em que te invoquei, chegaste perto de mim e disseste: ‘Não tenha medo’. Defendeste a minha causa, Senhor; remiste a minha vida.”

Mesmo quando parecia que não, Deus estava ouvindo o profeta e estava cuidando dele no meio da mais terrível angústia. É disso que precisamos. O dia da angústia – quando parece que Deus não nos ouve, quando oramos por alívio do isolamento e os casos da pandemia só aumentam, quando esperamos que as coisas melhorem e as mortes chegam cada vez mais próximas de nossas famílias e igrejas – é o momento em que nos ajoelhamos. Da mais profunda cova, perseverantes, invocamos o Senhor com confiança de que ele ouvirá a nossa voz e nos responderá. Não desista de orar. Não desista de procurar o Senhor. Não desista de se humilhar diante da face de Deus em tempos como este.

A terceira postura de Jeremias em oração é de arrependimento. O profeta constantemente deseja ser visto pelo Senhor, indicando que o sofrimento nos faz pensar que estamos esquecidos pelos céus. Jeremias pede que Deus veja sua aflição, porque “o inimigo se exalta” (Lm 1.9), porque ele próprio se tornou desprezível (1.11), porque ele está angustiado, porque sua alma se agita e seu coração está transtornado, porque a espada matava a todos e porque ele estava em rebelião contra o Senhor (1.20). Ele sentia que Deus não o estava vendo, mas ele ora como que na

esperança de que Deus veja, e veja principalmente o seu arrependimento.

Em Lamentações 3.40-42, vemos o seguinte: “Examinemos bem os nossos caminhos e voltemos para o Senhor. Levantemos o coração, juntamente com as mãos, para Deus nos céus, dizendo: ‘Nós pecamos e fomos rebeldes, e tu não nos perdoaste”. Eles deveriam voltar a Deus depois de um autoexame; “examinemos bem os nossos caminhos e voltemos ao Senhor”, diz o profeta. Temos que olhar para dentro de nós mesmos e vermos onde estamos errando, como estamos pecando contra Deus e, depois de nos examinarmos, voltarmos ao Senhor.

Não basta um arrependimento externo, nós precisamos (como o povo de Jerusalém precisou) ir a Deus de coração. “Levantemos o coração, juntamente com as mãos [...] aos céus”. Não bastam ações externas, uma vida pública de fé, uma performance de oração e de arrependimento, pois Deus vê o coração, e o nosso coração precisa estar erguido a ele. Os moradores de Jerusalém precisavam de uma confissão genuína de pecados – “Nós pecamos e fomos rebeldes e tua não nos perdoou”. Deus não os perdoou por causa da falta de arrependimento. Deus não os perdoou porque aquelas pessoas não o procuraram em arrependimento. Elas não encontraram perdão enquanto não procuraram a Deus para isso; elas receberam apenas a ira quando fugiriam de encontrar o perdão de Deus.

Em Lamentações 5.21, 22 o profeta clama: “Converte-nos a ti, Senhor, e seremos convertidos; renova os nossos dias como antigamente. Por que nos rejeitarias de vez? Por que ficarias tão enfurecido contra nós?”. Eles deveriam pedir que o Deus soberano, que enviou dor e sofrimento, enviasse arrependimento verdadeiro, porque eles tinham plena convicção de que até o arrependimento viria de Deus. E o Deus que tinha manifestado ira poderia manifestar arrependimento e perdão se eles buscassem a Deus para isso. Eles dependiam de Deus até para serem perdoados, eles dependiam de Deus até para encontrar os meios de obterem perdão. “Converte-nos a ti, Senhor, e seremos convertidos”. Eles tinham plena convicção de que podiam encontrar, na mão de Deus, uma conversão real.

Você já desistiu de ser convertido? Você ainda tem buscado no Senhor por uma conversão real? O povo clamou apelando à fidelidade de Deus à aliança: “Por que nos rejeitarias de vez? Por que ficarias tão enfurecido?”, “renova os nossos como antigamente”. Os judeus apelaram para a promessa da primeira aliança, de que eles não seriam rejeitados caso se arrependessem. Mas nós podemos apelar para uma aliança superior em Cristo Jesus, que faz com que ele não nos rejeite nem fique enfurecido contra nós. Se aqueles homens estivessem, de fato, debaixo da aliança que era manifesta já no Antigo Testamento, prenunciado o que viria em Cristo, eles não teriam bebido da ira. Se nós estivermos debaixo da nova aliança, arrependidos debaixo do sangue que nos redime, nós escaparemos da ira do Senhor. Se sua ira está sendo derramada sobre nós, ela está sendo derramada porque não estamos arrependidos dos nossos pecados.

Em quarto lugar, a postura do profeta é uma postura de buscar livramento em oração. O profeta, manifestando arrependimento pelos pecados do povo, pede que Deus os livre daquela situação. Em Lamentações 5.1, ele diz: “Lembra-te, Senhor, do que nos aconteceu; considera e olha para a nossa desgraça”. Ele pedia que Deus os livrasse daquelas circunstâncias, que Deus percebesse o que estava acontecendo, e, então, os restaurasse por causa da desgraça que eles estavam vivendo. Não é feio olhar para Deus e pedir que ele resolva, afinal, a quem mais pediremos? Este é o momento de pedir: “Deus, nos restaure”, “Deus, nos devolva nossa cidade como ela era antes”, “Deus, nos dê os cultos novamente”, “Deus, que haja pessoas para a assembleia solene”.

Precisamos orar pedindo que Deus nos restaure e nos livre. Lamentações 5.19, 20 diz: “Tu, Senhor, reinas eternamente, o teu trono subsiste de geração em geração. Por que te esquecerias de nós para sempre? Por que nos desampararias por tanto tempo?”. Jeremias sabia que o Deus que reina sobre tudo, desde sempre e para sempre, não se esqueceria do seu povo, não deixaria sua igreja – naquela época, ainda o povo judeu – em desamparo, por isso o profeta pedia por misericórdia com confiança. Ele sabia que Deus reinava e que toda aquela desgraça não havia sido um lapso de Deus. O Senhor ainda subsistia de geração em geração, e o

profeta pede a esse Deus que reina que não os desemparasse por tanto tempo.

A certeza do profeta é de que o Senhor nunca mais levaria seu povo para o exílio (Lm 4.22). Ele tinha certeza de que Deus cuidaria deles e, mesmo que os crentes que sobreviveram estivessem sendo levados para o exílio novamente, na Babilônia, ele estava seguro de que Deus não iria permitir que isso ocorresse outra vez. Não é feio pedir que Deus nos livre da doença, da pandemia, da falência. Nós não oramos apenas orações relacionadas à nossa devoção e vida de igreja, mas pedimos sobre a vida comum, porque a vida comum também é nossa vida espiritual. Livramento é o que se pede em um naufrágio, é o que se pede em tempo de lamento.

Em quinto (e último) lugar, podemos perceber que os inimigos de Jerusalém aparecem na oração de Jeremias – ele também ora sobre a destruição deles. Em Lamentações 1.21, 22, o profeta assevera que estes inimigos passarão pelas mesmas desgraças, já que eram tão iníquos quanto o povo de Israel se tornara, e essa iniquidade chegaria à presença de Deus. Ele está vendo tudo que os inimigos estão fazendo (3.59-63), e nada passará impune. O livro promete que Deus iria retribuir os pecadores de acordo com as obras de suas mãos (3.64). A maldição que viria sobre eles seria a "dureza de coração" (3.65). Eles seriam perseguidos em ira e "eliminados de debaixo dos céus do Senhor" (3.66).

Em Lamentações 4.21, 22, Jeremias zomba dos invasores dizendo que eles deveriam exultar e se alegrar por agora, porque chegaria a hora em que eles beberiam do cálice da ira até se embriagarem e ficariam bêbados até mostrar as vergonhas – uma forma de dizer que os pecados deles seriam descobertos. Eles seriam castigados por causa da maldade. Deus usou um povo mal para punir Jerusalém, mas aquele povo que foi usado também seria punido. Deus pode estar usando maus governantes e comunicadores ignorantes e irresponsáveis. Pode estar usando até mesmo pastores triunfalistas e amantes de pseudociências para piorar esse ambiente de peste. Deus pode estar usando cenários políticos e vários homens para piorar a situação em que estamos envolvidos. Maus governantes são diretamente responsáveis por

muito da catástrofe que estamos passando. Talvez haja muita política e disputas de poder envolvidas no encobrimento do início da doença; mas, afinal, isso não importa, e não somos nós que iremos averiguar. O que sabemos é que Deus vai punir aqueles que forem usados para nos punir. Deus está nos punido por meio da peste, e qualquer um que esteja sendo responsável pela maior propagação dessa peste está sendo um instrumento da ira de Deus sobre nós. Mas certamente essas pessoas também serão alvo da ira de Deus. Temos convicção de que ele não deixará impunes os homens maus e ignorantes que pioram a nossa situação.

Mas também podemos ter confiança de que, ainda que Deus não vá punir o vírus, em algum momento, a doença morrerá. Haverá um momento em que toda dor, toda peste, toda pandemia, vão findar eternamente. Quando, em 1Coríntios 15, Paulo pergunta "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?", sabemos que, através da obra da ressurreição de Jesus, seremos livres da morte, teremos novos corpos e toda dor, doença, miséria e os nossos inimigos serão extirpados da nossa vida eterna ao lado de Cristo Jesus. Podemos orar pelo fim de todas as doenças. Podemos orar pelo fim de todos os inimigos. Podemos pedir por um novo tempo, completamente diferente do que estamos vivendo, que nos será dado por toda a eternidade em Cristo Jesus.

Conclusão

Existe uma diferença entre murmuração e lamento: murmurar é reclamar para os outros, lamentar é reclamar para Deus. Há tempos para lamentarmos. Há tempos para expormos para Deus o que sentimos. Diante do naufrágio, você tem que escolher como reagirá a Deus. Náufragos murmuram ou lamentam. No dia mau, você pode lamentar, ou seja, você pode chegar diante de Deus e dizer: "Senhor, eu não estou aguentando", "Senhor, eu estou perdendo as esperanças", "Senhor, eu não sei o que fazer nem sei para onde ir", "Senhor, eu falo, mas sinto que o Senhor não me ouve". Lamente. Se o seu coração está pesado, se sua alma está aflita como a do profeta, lamente. Como um náufrago, ponha diante de Deus tudo aquilo que você escondia. Como alguém diante da realidade do fim, diante do Dia da Ira, ponha a boca no pó, confesse seus pecados

ocultos, busque a Cristo em arrependimento, exponha todas as dificuldades que têm surgido dentro da sua alma, assim, quem sabe, ainda haja esperança. Quem sabe, Deus nos livre e restaure nossa cidade.

A promessa que foi feita no Antigo Testamento é de que Deus restauraria Jerusalém. Nos últimos capítulos de Apocalipse, onde Deus conta o fim de todas as coisas, nós sabemos que habitaremos para sempre em uma Nova Jerusalém. Nós não sabemos como as circunstâncias ficarão no Brasil, na Itália, na China, na Espanha, nos Estados Unidos. Não sabemos como as coisas serão de agora em diante em nossa casa, empresa e igreja, mas uma certeza temos: assim como a Nova Jerusalém ficará de pé depois de ter sido uma terra arrasada, nós permaneceremos para sempre se passarmos por este período de naufrágio com arrependimento e firmes na obra perfeita de Cristo Jesus, orando e aprendendo com a oração do profeta que tem muito a nos ensinar sobre como procurar a Deus quando tudo em volta é caos e pandemia.

Portanto, o coronavírus foi enviado por Deus. Esta não é uma época para visões sentimentalistas de Deus. É uma época agridoce. E Deus a ordenou. Deus governa sobre ela. Ele a trará ao fim. Nenhuma parte está fora do seu domínio. Vida e morte estão em suas mãos. Jó não pecou com os lábios [...] O Senhor deu. E o Senhor tomou. O Senhor tomou os dez filhos de Jó. Na presença de Deus, ninguém tem direito à vida. Cada respiração que damos é um presente da graça. Cada batida do coração, imerecida. A vida e a morte estão, em última instância, nas mãos de Deus [...]. Quiçá, não viverei para ver este livro publicado. Eu tenho pelo menos um parente infectado com o coronavírus. Tenho setenta e quatro anos e meus pulmões estão comprometidos com um coágulo de sangue e bronquite sazonal. Mas esses fatores, em última instância, não decidem. Deus decide. [9]

“Coronavírus e Cristo”, livreto escrito pelo teólogo americano e pastor batista John Piper, durante a atual pandemia causada pelo coronavírus.

sétimo sermão: O QUE JÓ NÃO SABIA *Jó 42.3*

Ironia dramática é uma ferramenta usada no cinema para dar tensão. Você já deve ter assistido a um filme de terror no qual os jovens desavisados estão fugindo do monstro, mas você sabe que eles estão correndo na direção errada e vão acabar dando de cara com o que estão tentando evitar. Você, como expectador, tem uma informação que os personagens da trama não têm e, por isso, fica tenso diante das decisões mostradas em tela. Uma bomba é instalada no prédio, e você, por estar assistindo ao filme, sabe que a bomba está lá. Porém, nenhum dos que estão no prédio sabe disso. Você, externo à história, tem mais dados que os participantes dela, então você fica angustiado diante da mãe com o bebê no colo que calmamente anda em direção à porta enquanto a contagem regressiva da bomba vai aproximando sua explosão.

O livro de Jó é um grande texto de ironia dramática. Nós começamos lendo algo sobre a integridade de Jó nos primeiros cinco versículos do livro, e, então, somos levados a um conselho celeste. O Senhor provoca o diabo, que é enviado duas vezes para tocar em Jó e retirar tudo que ele possui. O sofrimento de Jó é a terceira ou quarta cena do livro que estamos lendo, e nós temos informações que Jó não tinha. Jó não leu o livro de Jó. Ele não sabia como Deus o enxergava, não tinha noção de uma conversa nos reinos celestes que motivou aquelas provações, não imaginava que Deus atestava que ele permaneceria firme. Nós lemos o livro e sabemos do que está por trás de tudo, mas Jó estava à deriva, guiado apenas por suas convicções espirituais. Ao fim do livro, vemos Jó diante de Deus declarando arrependimento: “Na verdade, falei do que eu não entendia, coisas que são maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia” (Jó 42.3b). Quem de nós julgaria Jó? Ele perdeu todos os seus bens e todos os seus servos; seus dez filhos morreram ao mesmo tempo; sua esposa, ao invés de o consolar no luto, simplesmente se levantou contra ele; amigos apareceram para acusá-lo de pecado. Jó viveu o inferno. Nós sabemos que Jó estava passando por tudo aquilo por causa do plano de Deus, mas ele possuía apenas um vislumbre disso. É fácil

julgarmos Jó lendo seu livro, mas ele falou de modo errado porque não lia o próprio livro enquanto os fatos se desenrolavam.

Jó é participante da história, ele não está lendo o livro de fora. Ele não consegue passar as páginas e voltar para entender o narrador onisciente que descreve os acontecimentos. Jó é um personagem. Nós lemos Jó de fora. Nós sabemos de coisas que Jó não sabia, porque Jó não leu o seu próprio livro.

De certa forma, nós somos como Jó. Estamos enfrentando as mais diversas provações em níveis e circunstâncias particulares. Nós não estamos lendo o livro de Débora, o livro de Rebecca, o livro de Tom, o livro de Yara, o livro de Eveline, de Sávio, de Tarciana, de Joabe ou de Álvaro. Nós não temos o livro de nossa história para lermos enquanto passamos ou vemos nossos amados passarem por circunstâncias difíceis. Assim como Jó, não temos acesso a uma conversa celeste a nosso respeito registrada em um pergaminho para consulta. Jó não sabia de algumas coisas, e talvez nós possamos aprender algo com aquilo que Jó não sabia durante seu sofrimento. Neste capítulo, iremos olhar para algumas coisas que Jó não sabia.

Jó não sabia da conversa de Deus com Satanás A declaração sobre a integridade de Jó não veio dos lábios dele, mas dos lábios de Deus – e recebe coro até dos lábios malditos do diabo, que concorda, mas atribui isso a simples circunstâncias (1.1-12): Jó era fiel porque tudo ia bem. Enquanto se defende dos amigos, Jó declara algum nível de justiça pessoal, já que estava sendo acusado de viver separado de Deus e estar sendo punido por maltratar os pobres, por viver em caminhos de injustiça. A convicção moral de Jó, no entanto, não é igual à declaração que provém dos lábios de Deus. Jó poderia entender que era uma pessoa que não praticava aquilo do qual estava sendo acusado, mas isso é muito diferente de Deus declarar que Jó era o homem mais justo da terra. A convicção moral de um homem sobre a própria consciência não é nada comparada com a declaração que vem dos lábios de Deus. Mesmo assim, Jó perde tudo e não peca (1.13-22). Jó não levanta acusação contra Deus. Ele não blasfema contra Deus ao passar pelas mais aterradoras circunstâncias. Satanás faz uma nova acusação (2.1-6)

e toca novamente em Jó, que continua firme sem atribuir culpa a Deus (2.7-10).

Jó era um homem convicto de seu relacionamento com Deus, certo de sua salvação, mas que nunca tinha ouvido a voz do Senhor declarar algo a seu respeito. Quanto tempo mais Jó aguentaria ciente de que não estava afastado do Senhor por causa de seu sofrimento? Por quanto tempo mais Jó conseguiria se defender das acusações de pecado vindas dos amigos? Por quanto tempo mais Jó aguentaria diante de sua mulher ordenando que ele amaldiçoasse a Deus e morresse? Nós não sabemos, mas, se ele pudesse ler o livro, certamente teria uma força ainda mais descomunal em sua batalha contra a apostasia, a descrença e a amargura. Ele teria noção de que sua resposta ao sofrimento comunicaria algo ao próprio mundo espiritual e que a fidelidade dele a Deus estava em jogo diante dos anjos e dos demônios, diante de Satanás e do próprio Deus. Jó saberia que Deus estava ao seu lado. Jó saberia que Deus estava declarando ao próprio Jó que não eram as circunstâncias que faziam ele fiel e justo. Jó não sabia porque não leu o seu livro.

Agora, ao ler o livro de Jó, nós sabemos disso. Sabemos que nossas vidas estão sendo observadas por Deus e seus anjos, assim como pelo diabo e seus demônios. Nosso sofrimento acontece como parte do roteiro de uma cena de guerra espiritual. Se os nossos olhos pudessem ser abertos e pudéssemos ver aquilo que se desenrola no livro da nossa vida, onde as nossas pupilas não conseguem chegar, nós teríamos uma força muito maior diante de cada uma das nossas provações.

Nós saberíamos o que Deus declara. Nós saberíamos que há todo um espetáculo do sofrimento diante de anjos e demônios e que o próprio Deus está atestando algo em nosso favor enquanto sofremos. O nosso sofrimento não é simplesmente um acaso cósmico que nos alcança e nos machuca. Nós não somos simplesmente poeira cósmica em um canto do universo; estamos no palco do que Deus está construindo. E Deus está nos colocando em sofrimento justamente para mostrar a anjos e demônios a fidelidade que ele colocou em nosso coração. Quando sofremos, nós encontramos uma força para permanecer no sofrimento ao saber

que há um Deus a nosso favor e que, se lêssemos o livro da nossa vida, haveria declarações do próprio Deus vivo a nosso respeito e que não daríamos a Satanás o gosto de vencer contra Deus. Não daríamos ao diabo o gosto de dizer que Deus falhou conosco. Nós permaneceríamos com cada vez mais força porque estaríamos lutando em uma batalha pela glória e pelo nome do Deus vivo. Nós sabemos disso e sabemos que nossas circunstâncias de dor, aparentemente sem propósito, podem ser uma das formas de Deus demonstrar que a nossa fé não é mera tradição familiar, não é fruto de termos nascido no ocidente, não é uma simples escolha emocional; a nossa fé existe por um amor genuíno que Deus colocou em nosso coração.

Ao passar por todo aquele sofrimento, Jó declara nitidamente que permaneceria firme mesmo que as circunstâncias não mudassem. Quando Deus nos coloca em aflição, ele está nos dando a oportunidade de provar aos céus, aos anjos, aos demônios e a nós mesmos que realmente cremos. A certeza da salvação se aprofunda na perseverança do sofrimento.

Há momentos em que acreditamos que o motivo de nossas circunstâncias estarem ruins é porque Deus está nos reprovando. Às vezes, é o mais absoluto oposto. Deus nos aprova tão profundamente através da obra de Cristo que ele nos coloca em situações muito mais adversas que as situações de homens e mulheres reprovados por ele; isso porque as nossas circunstâncias terrenas não correspondem diretamente ao favor divino em nossa vida: muitas vezes o ímpio prospera, enquanto o justo sofre. Deus está nos fazendo mais parecidos com Cristo ao nos colocar em circunstâncias de sofrimento. Deus não te odeia por causa de sua doença. Deus não te odeia ao fazer você perder um ente querido. Deus não te odeia ao fazer você lidar com os sintomas deste novo vírus. Deus pode estar simplesmente atestando ao seu favor e mostrando para você mesmo, mas também para o mundo espiritual, que, não importam as circunstâncias, você permanece. Deus não está contra você. Deus não está reprovando você. Deus não te punindo com o sofrimento.

No entanto, há algo que Jó sabia. Ele sabia que Deus estava no controle. Ele sabia apenas pelas suas convicções de fé, mas

sabia do profundo da alma. Ele sabia que Deus havia dado e que estava tirando. Foi Deus que entregou o bem, e, por isso, ele não poderia rejeitar o mal. Jó sabia que a vida terrena é nada mais do que um estado intermediário entre dois ambientes de nudez – "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei" (Jó 1.21) – e, entre os dois momentos de vazio, Jó poderia glorificar o nome de Deus. Era como se ele dissesse: "Eu não tinha nada quando nasci: nasci pelado, sem dentes, não sabia falar, não sabia andar, não sabia me comunicar, eu não entendia direito o mundo à minha volta, não tinha nada. Tudo o que eu tenho foi dado por Deus e, se Deus tira, que o nome dele seja glorificado, porque o que vem da mão de Deus é bom para nós". Jó tinha essa plena convicção, que se aprofundou na vida dele através do sofrimento. Foi quando Jó permaneceu no sofrimento que ele entendeu com mais grandeza e profundidade que Deus está no controle de tudo e que Deus é insondável, inefável e rege cada detalhe do universo.

Nós podemos saber o que Jó só soube mais profundamente dentro da provação. Ao ler o livro de Jó, nós podemos ter plena convicção de coisas que Jó não podia ler e podemos saber que há uma realidade espiritual por trás de cada sofrimento que nós passamos. Cada momento de dor não é um momento de murmuração, mas de entender quais são as realidades espirituais que podem estar se manifestando, qual foi a conversa nos céus que fez com que eu estivesse vivendo este momento, qual foi a declaração que Deus fez a meu respeito e como eu quero corresponder àquilo que Jesus fez por mim.

Jó não sabia que seus amigos estavam errados É conhecido que Jó foi um homem acusado pelos seus amigos durante sua dor e seu sofrimento. Ao invés de encontrar consolo na dificuldade, ele encontrou acusações de quem tentava descobrir quais pecados o levaram àquela desgraça. Na trama que envolve os amigos, tudo começa com dois lamentos. Primeiramente, os amigos lamentam (2.11-13), eles passam sete dias sentados sem dizer nada para Jó, e, então, Jó lamenta (3.1-26). No entanto, os lamentos são curtos. Segue-se uma longa seção de repreensões e defesas em três rodadas incompletas. Temos a primeira repreensão de Elifaz (4.1 -

5.27) e a resposta de Jó (6.1 - 7.21), a primeira repreensão de Bildade (8.1-22) e a resposta de Jó (9.1 - 10.22) e a primeira repreensão de Zofar (11.1-20) e a resposta de Jó (12.1 - 14.22); então vêm a segunda repreensão de Elifaz (15.1-35) e a resposta de Jó (16.1 - 17.16), a segunda repreensão de Bildade (18.1-21) e a resposta de Jó (19-1-29) e a segunda repreensão de Zofar (20.1-29) e a resposta de Jó (21.1-34); depois, a terceira repreensão de Elifaz (22.1-30) e a resposta de Jó (23.1 - 24.25), a terceira repreensão de Bildade (25.1-6) e a resposta de Jó (26.1-14) e, quando deveria aparecer a terceira repreensão de Zofar, lemos um longo lamento de Jó a Deus (Jó 27.1 - Jó 31.40) seguido do jovem Eliú, que até agora não havia aparecido na trama, repreendendo a todos (32.1 - 37.24). Após isso, vem o final do livro.

Satanás retirou de Jó seus filhos, seus bens, sua saúde e o apoio de sua esposa. Jó permaneceu firme, permaneceu fiel. Mas foi através dos amigos que Jó sofreu mais delongadamente. Fabrice Hadjadj, escritor francês de família judia convertido ao catolicismo-romano, escreveu uma peça chamada *Jó, ou a tortura pelos amigos*. De fato, lemos Jó sendo torturado por todo o livro que leva seu nome. Ao invés de ser consolado, ajudado, amado e cuidado, os amigos foram parte dos aguilhões que perfuraram a alma daquele homem. Jó disse de seus amigos: “No pensamento de quem está seguro há desprezo pela desgraça, um empurrão para aquele cujos pés já vacilam” (12.5). Os amigos de Jó, que estavam seguros, desprezavam Jó em sua desgraça. Nos dias de hoje, Jó diria que eles estavam “chutando cachorro morto”.

Um homem que estava com os pés trôpegos, ao invés de ser auxiliado a permanecer de pé, é empurrado para que caia mais rapidamente. Ele precisa se defender vez após vez, até explodir em lamento diante de Deus. Em certa altura, ele diz com tristeza: “prefiro ser estrangulado; antes a morte do que esta tortura” (7.15). Jó interpreta que está sendo torturado de uma forma pior do que a morte por estrangulamento por causa daquilo que seus amigos lhe dizem. O homem pode sofrer na sua pele, ele pode sofrer por seus bens e até algumas desgraças familiares podem ser suportadas, mas a acusação de seus iguais, o desprezo de seus amigos entra e

perfura a alma em áreas que muitas vezes qualquer outra circunstância é incapaz de fazer.

Ele foi acusado de pecado por Elifaz, o temanita: “Pense bem: será que algum inocente já chegou a perecer? E onde os retos foram destruídos? Segundo eu tenho visto, os que lavram a iniquidade e semeiam o mal, isso mesmo eles colhem” (Jó 4.7-8). Ele foi relacionado à ira, à insensatez, à inveja e à tolice (5.2-3), e por isso estaria sendo disciplinado por Deus (5.17). A certeza de Elifaz é constrangedora: “Veja bem! Isto é o que investigamos, e assim é. Ouça e medite nisso para o seu bem” (5.27). Jó não foi convidado a pensar se por acaso ele estaria em pecado; ele foi declarado culpado de pecado.

Jó se coloca na triste situação de pedir para seus amigos agirem como tais ao invés de o acusarem. Ele lamenta profundamente estar sendo acusado ao invés de amado pelos seus próximos (6.13-30). Então, diante disso, Jó começa a errar. Se ele não havia pecado em nada, nesse momento ele começa a falar de modo displicente sobre Deus. Ele até anuncia que fará isso. Após dizer que morreria e que nunca mais teria sua antiga vida de volta, ele esbraveja: “Por isso, não reprimirei a minha boca. Na angústia do meu espírito, falarei; na amargura da minha alma, eu me queixarei” (7.11). Então ele começa a ecoar a acusação de seus amigos:

> Se pequei, que mal fiz a ti, ó Espreitador da humanidade? Por que fizeste de mim o teu alvo, tornando-me um peso para mim mesmo? Por que não perdoas a minha transgressão e não tiras a minha iniquidade? Pois agora me deitarei no pó; e, se me procuras, já terei desaparecido. (7.20, 21)

Parece que ele se convence de que talvez estivesse em pecado não perdoado. Jó não sabe que essas acusações não correspondem à verdade de Deus. Jó está ciente da sua justiça por vários momentos ao longo do livro. Ele disse que não encontrava pecado do qual se arrependeria de fato e que, se Deus mostrasse qual era o erro dele, ele se arrependeria diante do Senhor, mas que as acusações que os seus amigos faziam não eram coerentes com

o modo como ele estava levando a sua vida. Mas Jó começa a acusar Deus. Ele começa a acreditar no que seus amigos estavam dizendo a seu respeito.

Então Bildade, o suíta, diz que Deus não seria injusto de deixar Jó naquelas circunstâncias se ele buscasse a Deus pedindo misericórdia, sendo justo e reto (8.1-6), e Jó se defende, mas parece assentir que estava debaixo da ira de Deus várias vezes nos capítulos seguintes (9.13; 10.17;14.13;16.9). Ele declara que Deus agia como se fosse seu inimigo (13.24) e se diz cheio de amargura por toda aquela situação (9.18). Jó começa a acusar Deus de rir dos inocentes e não gerir o mundo com justiça: “Se um flagelo mata de repente, ele rirá do desespero dos inocentes. A terra está entregue nas mãos dos ímpios, e Deus ainda cobre o rosto dos juízes. Se ele não é o causador disso, quem seria?” (9.23-24). O discurso dos amigos parece estar abalando a confiança de Jó. Ele novamente lamenta: “Estou cansado de viver. Darei livre curso à minha queixa, falarei na amargura da minha alma” (10.1). É aterrador que Jó tenha permanecido firme na morte dos filhos, na perda dos bens, no fim de sua saúde, nas repreensões da esposa, mas tenha fraquejado diante da insensibilidade dos amigos. Ele questiona ao Senhor: “Será que tens prazer em me oprimir, em rejeitar a obra das tuas mãos e em favorecer o conselho dos ímpios?” (10.3). Na primeira rodada de acusações, Zofar, o naamatita, é certamente o mais duro contra Jó. Ele diz que Jó deve ser envergonhado pelas suas palavras (11.3) e que Deus deveria abrir os lábios contra Jó (11.5). Ele ordena que Jó afaste a iniquidade de suas mãos e a injustiça da tenda, do contrário, ele desfaleceria sem refúgio e sua única esperança seria a morte (11.14,20).

Diante de suas defesas, começa a segunda rodada de acusações. Elifaz agora trata Jó por “abominável e corrupto, que bebe a iniquidade como a água” (15.16). Bildade diz que ele é um “ímpio” que “não conhece Deus” (18.21). Zofar diz que a presunção de Jó apodreceria como seu esterco (20.6-7) e acusa Jó de ter enriquecido de forma ilícita (20.15-29). O sentimento de Jó, em cada uma de suas defesas, é de que seus amigos o maltratam e que toda sua desgraça é culpa do Senhor: “saibam que Deus foi injusto comigo” (19.6). Uma terceira rodada se inicia. Elifaz acusa através

de uma pergunta retórica: “Não é fato que é grande a sua maldade e incalculável a sua iniquidade?” (22.5), e Jó continua se defendendo das acusações específicas sobre o modo como tratava os pobres. Bildade faz uma brevíssima confrontação (25.1-6), e, por fim, Jó começa a recobrar sua consciência, parando de responder diretamente seus acusadores e lamentando diretamente ao Senhor, com confiança em sua justiça (27.1-31.40). Então, no capítulo 32, Eliú, filho de Baraquel, o buzita, da família de Rão, “ficou indignado contra Jó, porque este pretendia ser mais justo do que Deus”, e “também ficou irado com os três amigos de Jó, porque, mesmo não tendo o que responder, eles o condenavam” (32.1-5). Eles não tinham de que acusar Jó, mas, ainda assim, o condenavam por causa dos seus sofrimentos. Tanto Jó quanto seus amigos falaram bobagens e eles são repreendidos por um jovem que estava contemplando todo aquele triste debate.

Por mais que Jó se defendesse, as acusações de seus amigos abalaram suas crenças na bondade e justiça de Deus. Jó não tinha plena convicção de que seus amigos estavam errados porque ele não conseguia ler o fim da história enquanto a vivia. Jó não sabia o que estava por vir. Jó não conhecia o julgamento de Deus acerca de cada evento.

Ao lermos o livro de Jó, nós podemos saber o que ele não sabia sobre sua própria situação. E nós, à semelhança daquilo que nos é representado no livro, também devemos entender que muitas vezes os consolos que recebemos estão errados, que as declarações que jogam contra nós nem sempre são verdade, que, diante do sofrimento e da dor, podem nos acusar de muitas coisas. Podem dizer que a nossa miséria é falta de fé. Podem dizer que nossa igreja não é forte e poderosa o bastante. Podem dizer até mesmo que a nossa postura de isolamento nesta pandemia é falta de confiança no Senhor e desonra os mártires da igreja (ou que é estatismo, que é dar poder ao anticristo ou qualquer outra bobagem que as pessoas dizem nas redes sociais para condenar aqueles que manifestam amor nesta época). Nós devemos tomar cuidado com o consolo dos ímpios.

Veja, a Bíblia condena o conselho dos ímpios; e esse conselho muitas vezes se manifesta como um consolo dos ímpios.

Eles tentam nos consolar, tentam dizer que vai ficar tudo bem, tentam nos fazer pensar a respeito das nossas circunstâncias e muitas vezes nos colocam contra Deus. Nós devemos entender que, por trás de boa teologia, pode existir falta de compaixão e que, por trás de muita compaixão, pode existir má teologia. Às vezes pessoas que demonstram compaixão por nós podem ter uma visão de Deus completamente deturpada e atrapalhar a nossa batalha de permanecermos fiéis em tempos de dificuldade; e, por outro lado, muitas pessoas que têm uma boa teologia, que falam coisas corretas como os amigos de Jó falaram em vários momentos, podem não ter a mínima compaixão diante da nossa miséria. Como irmãos de pessoas em sofrimento, devemos seguir o que Tiago manda: chorarmos com quem chora e, ao invés de julgarmos os nossos companheiros em sofrimento, sermos um apoio, um consolo. Ao invés de torturarmos, devemos ser um bálsamo para aqueles que sofrem. E nós, no sofrimento, devemos tomar cuidado para não ouvirmos aquilo que nos colocará contra o nosso Senhor para que, uma vez que tenhamos permanecido até certo ponto, não acabemos dando ouvido a mentiras.

Devemos lembrar que a teologia certa pode ser aplicada às pessoas erradas. Alguém pode pensar: “Ah, mas lemos na Bíblia que Deus também pune através do sofrimento pessoas em pecado”. E nós realmente vemos isso na Escritura (tratamos disso quando falamos sobre o livro de Lamentações), mas nem todo sofrimento é punição de Deus por causa do pecado. Uma teologia certa pode se tornar falsa quando é universalizada e, então, particularizada na vida de qualquer um que esteja em sofrimento. Temos que saber que muitas vezes vamos receber conselhos falsos, que pessoas com uma teologia melhor que a nossa vão nos acusar de modo ímpio, sem amor, e que podemos cair nas ciladas do maligno através de conselhos que não são oriundos dos céus, que não representam uma verdadeira compaixão que vem de Deus. Muitos amigos de Jó podem se colocar à nossa volta nesses momentos. Nós podemos ter esposas que, diante do nosso sofrimento, não nos apoiam. Podemos ter maridos que, diante de nossa dificuldade, simplesmente se demonstram insensíveis. Podemos ter colegas que, diante da nossa doença, jogam contra nós alguma postura

política ou alguma ideia acerca de respostas sociais ao problema da pandemia. Muitos amigos de Jó podem surgir, e esse é o momento em que precisamos saber o que Jó não sabia. Precisamos ter convicção de que os nossos valores representam os valores de Deus, uma vez que estejamos seguindo aquilo que a Palavra de Deus nos diz acerca do nosso sofrimento e da fidelidade no meio das provações. Jó não tinha o fim da história (a condenação de Deus aos seus amigos), mas nós temos a realidade de que Deus está fazendo a sua Palavra permanecer e que os ímpios não durarão em seus conselhos diante da congregação dos justos. Podemos permanecer mesmo que a cultura, a mídia, os intelectuais, os amigos e os familiares se coloquem contra nós durante este período de aflição. Ainda que estejamos sozinhos, acusados por todos, podemos saber disto por fé: Deus está ao nosso lado e continuará conosco mesmo que todos nos abandonem ou, pior do que nos abandonem, estejam ao nosso lado sendo uma tortura pior que a morte.

Jó não sabia que Deus ouvia seu lamento Existem duas grandes seções de lamento no livro. Na primeira seção, antes do debate com os amigos, Jó apenas declara sua tristeza por ter nascido, deixando claro que seria melhor nunca ter vindo à existência, em profunda dor e lamento (3.1-26). A segunda seção é maior e mais rica (27.1-31.40). Nela, Jó lembra dos dias passados, quando vivia debaixo das bênçãos de Deus, e chora as desgraças do presente. Entendendo que Deus não está dando ouvidos aos seus lamentos e orações, ele exclama: “Clamo a ti, ó Deus, e não me respondes; estou em pé, mas apenas olhas para mim. Tu foste cruel comigo; e, com a força da tua mão, me atacas” (30.20-21).

Seria um engano acreditar que Jó só falou bobagens durante duas defesas e lamentos. Jó disse muitas verdades, reconheceu sua pequenez diante de Deus e realmente clamou pela misericórdia do Senhor, propagando sua grandeza e majestade. No entanto, suas falas tolas não passaram impunes diante de Deus. Jó acreditava que Deus não o ouvia, mas o Senhor estava ouvindo, e ouvindo atentamente. Foi do meio de um redemoinho que o Senhor respondeu a Jó (38.1). Se os amigos de Jó o humilharam com

injustiça, Deus humilhou Jó em justiça, questionando onde Jó estava enquanto ele reinava e se Jó tinha conhecimento de tudo o que Deus operava na criação (38.1-41.34). É claro que Jó não podia responder a Deus e expressa arrependimento pelas suas palavras (40.1-6), mas Deus o continua questionando sobre a justiça divina. É aí que Jó manifesta, de modo ainda mais claro, seu arrependimento:

> Então Jó respondeu ao Senhor e disse: 'Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado. Tu perguntaste: 'Quem é este que, sem conhecimento, encobre os meus planos?' Na verdade, falei do que eu não entendia, coisas que são maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia. Disseste: 'Escute, porque eu vou falar; farei perguntas, e você me responderá.' Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza. (42.1-6)

Jó reconhece que Deus pode tudo, que ele tem autoridade sobre cada detalhe da existência, que os planos dele são dele e que Deus não erra, nada que Deus tenta se frustra. Jó disse que Deus o perguntou: "Quem é esse que tenta se levantar contra mim sem saber de nada?". E Jó sabe de quem se trata; ele diz algo como: "Eu achava que o Senhor havia me abandonado, eu falei de coisas que eu não sabia. Oh, Senhor, eu só ouvi falar ao teu respeito. Tomei decisões e agi de acordo com aquilo que eu ouvi, mas agora eu te vejo e, ao te ver, eu respondo com arrependimento, eu olho para mim e vejo miséria e pequenez, por isso eu me lanço ao pó do chão e me sujo com as cinzas da rua, arrependido do meu próprio comportamento".

Note, Jó teve a experiência de conhecer a Deus de forma muito mais íntima durante a provação, porque Jó não sabia que, durante as dificuldades, Deus ainda estava ouvindo seu lamento. Jó achava que, porque Deus não havia mudado as circunstâncias, estava ignorando-o, mas Deus surge e mostra que ele não estava ignorando nada e ainda estava cumprindo o seu plano. Então Jó entende que não estava sendo ignorado, porque o Deus soberano

cumpria os seus propósitos. Assim como nós muitas vezes, Jó não entendia; mas, lendo o livro de Jó, podemos saber o que Jó não sabia e podemos saber que, ainda que as nossas circunstâncias não mudem mesmo após muito tempo de oração, devemos continuar submissos, insistindo com o Senhor, porque ele não está nos ignorando, ele não nos abandonou, ele está nos dando a oportunidade de conhecê-lo com os nossos próprios olhos. Deus se manifesta mais visivelmente durante os períodos de provação do que durante os períodos de bondade.

Quando Jó era rico, ele ouvia como um sussurro, uma fofoca, uma notícia. Quando Jó está doente, ferido, humilhado, criticado, zombado e pobre, é que os olhos dele conseguem contemplar a pessoa de Deus. Jó não sabia disso, mas nós sabemos ao ler o livro sobre a sua história. Podemos saber que Deus nos ouve mesmo quando as circunstâncias não mudam na provação. A doença está piorando? Os sintomas ainda estão aí? O parente ainda não foi curado? A poupança está indo embora? As dívidas se acumulam? O auxílio emergencial do governo não chega? Você ora, você pede, e as coisas parecem não mudar? Será que Deus não se importa? Ao lermos o livro de Jó, sabemos que Deus ouve as nossas orações, que Deus está ciente de nossa situação, mas ele tudo pode e os seus planos não se frustram. Aquilo que Deus está fazendo conosco é maravilhoso demais para que entendamos; são coisas que nós não conhecemos, porque Deus está cuidando de nós soberanamente. Nós sabemos que a sombra do tempo presente não muda o caráter daquele que é o criador dos astros, o Pai das luzes que não varia, que não possui sombra de mudança. Podemos confiar que Deus está revelando o seu caráter, a sua pessoa, ao nos fazer perseverar durante a provação.

Jó não sabia que Deus o restauraria No meio das acusações, Jó tem um lapso de confiança. Porém, voltamos a encontrar, no final, o homem firme do início do livro:

> Quem dera fossem agora escritas as minhas palavras! Quem dera fossem gravadas em livro! Que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!

> Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Eu o verei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade o meu coração desfalece dentro de mim. (19.23-27)

Jó entendeu que o seu redentor não estava morto, que ele não adorava um ídolo mudo, incapaz de fazer qualquer bem. Ele cria que suas palavras fossem escritas, e foram. Ele tinha convicção de que o seu redentor estava vivo. Ele tinha convicção de que o seu Senhor não havia desaparecido, e essa convicção apareceu como um lampejo no capítulo 19. Ela ficou nublada em outros momentos do livro, mas o Jó guiado pelo Espírito Santo, sujeito a Deus, é o Jó que devemos imitar. É o Jó que sabia. É o Jó que tinha convicção de que veria a Deus e, de fato, viu com seus próprios olhos quem é o Deus vivo. Ele sentia saudade de Deus, e essa saudade o fazia desfalecer. Às vezes, no momento de provação, nós sentimos falta de Deus, do tempo que Deus mostrava uma face mais sorridente, mas é por trás das amargas providências que podemos encontrar uma revelação de Deus que não encontraríamos em outro momento. Ele tinha confiança em seu redentor; ele cria que veria a Deus. E realmente o vê. Em 42.7-9, Deus repreende os amigos, que se arrependem, e, então, temos o relato da restauração de Jó:

> O Senhor restaurou a sorte de Jó, quando este orou pelos seus amigos, e o Senhor lhe deu o dobro de tudo o que tinha tido antes. Então vieram a ele todos os seus irmãos, todas as suas irmãs e todos os que o haviam conhecido antes, e comeram com ele em sua casa. E se condoeram dele, e o consolaram por todo o mal que o Senhor tinha enviado sobre ele. E cada um lhe deu dinheiro e um anel de ouro. O Senhor abençoou o último estado de Jó mais do que o primeiro. Ele veio a ter catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. Também teve outros sete filhos e três filhas. [...] Em toda aquela terra não havia mulheres tão bonitas como as filhas de Jó; e seu pai lhes deu herança entre seus irmãos. Depois disto, Jó viveu mais cento e quarenta anos; e

> viu os seus filhos e os filhos de seus filhos, até a quarta geração. E assim Jó morreu, após uma longa velhice. (42.10-17)

Veja, Jó não só tem de volta o que ele perdeu, mas ele recebe ainda muito mais, porque Deus restaura sua sorte. Deus aparece a Jó e seus amigos, os amigos se arrependem, Jó ora por eles e os amigos são perdoados por Deus. Os irmãos e irmãs de Jó ficam sabendo de todo o ocorrido e vão até ele. Então o Jó que antes era acusado por três amigos é acalentado pelos seus familiares, que se condoem ao invés de acusar o irmão. Eles levam comida, comem na casa de Jó, entregam ouro a ele, e Jó começa a se reerguer. O último estado de Jó é muito maior que o primeiro. Ele começa a ter de volta ovelhas, camelos, bois, jumentas; e, enfim, ele tem filhos considerados belos sobre a terra. Os primeiros filhos de Jó não sacrificavam por causa de seus pecados; era o pai que fazia sacrifícios pelos pecados dos filhos. Os primeiros filhos de Jó, que foram mortos, possivelmente não eram filhos fiéis, mas os filhos que nascem depois têm uma longa herança. Talvez esse seja um jeito de expressar que eles foram abençoados por Deus e fiéis ao Senhor. Até mesmo a família de Jó foi transformada, recebendo filhos fiéis a Deus. Jó teve uma vida longa, viu o fruto de seu trabalho, viu aquilo que Deus tinha reservado para ele.

Agora, convido você a pensar: se Jó tivesse acesso ao seu próprio livro e soubesse o seu destino, será que ele teria lamentado a jornada? Se Jó tivesse plena convicção daquilo que o esperava no final, será que ele teria lamentado tanto percorrendo o caminho? Nós precisamos da mesma confiança de Jó no capítulo 19. O mesmo lampejo que ele teve de que o seu redentor estava vivo tem que ser não simplesmente um lampejo para nós, mas uma luz constante em nossa vida para que possamos ter um coração fiel, para que o Jó de 19.23 não seja um momento, mas o que somos durante as mais variadas dificuldades. Precisamos de uma confiança genuína de que o nosso redentor está vivo e que há uma restauração profunda que receberemos do outro lado da caminhada. Não será simplesmente como receber de volta nossa saúde ou nossos bens terrenos, mas receber uma glória eterna ao lado de

Cristo Jesus. Sim, teremos outra vida ao lado dele para sempre se nós tivermos convicção de que o nosso redentor está vivo. Se nós pudéssemos ver o final da história, nós viveríamos com mais força, mais vigor, mais alegria durante os tempos de isolamento. Nós teríamos mais paz durante os períodos de provação financeira. Nós choraríamos a morte de entes queridos, mas permaneceríamos com esperança na bondade do nosso Senhor. Jó não sabia o fim da história enquanto caminhava pelo vale da provação, mas nós sabemos o fim da história de Jó e podemos ter confiança em um Deus que, mais cedo ou mais tarde, nesta vida ou na próxima, há de restaurar a nossa integridade com ele. Jó não sabia, mas nós podemos saber.

Conclusão

Se, por um lado, estamos no mesmo barco de Jó e não temos como ler a história de nossa própria vida em seus detalhes e particularidades, por outro lado, diferentemente de Jó, nós já sabemos o fim da nossa história como povo. Temos o *spoiler* do fim da série. Sabemos o destino de todos os personagens. Só estamos deixando o roteiro se desenrolar. Hebreus 11.39, 40 diz que os heróis da fé da antiga aliança contemplaram de longe a concretização das promessas. Cristo veio como o ápice da revelação de Deus que não foi alcançada pelos antigos homens (Hb 1.1-4). Jó não leu o livro de Jó, mas nós podemos ler o livro da igreja. Podemos ler o livro dos crentes. Podemos ler o livro da nossa vida através das revelações escatológicas de Daniel, dos sermões que encerram os evangelhos, das epístolas e do Apocalipse. Sabemos que Deus está no controle, sabemos que a morte não vai prevalecer contra a igreja, sabemos que nós não somos dos que retrocedem, sabemos que o sofrimento não nos separará do amor de Deus e sabemos que Satanás e seus anjos serão derrotados no final. Sabemos que um lar eterno com Cristo nos está reservado. Sabemos que a coroa da vida nos será destinada e que o próprio Deus limpará de nosso rosto toda lágrima. Jó não tinha o livro de Jó, e, mesmo assim, permaneceu firme em provações inimagináveis; nós temos a completude da revelação de Cristo e em Cristo. Podemos permanecer no meio desta pandemia. Jó falou de coisas

que não entendia e que não conhecia; nós podemos falar do que entendemos e conhecemos, mesmo que parcialmente, através do que nos foi legado nos *spoilers* da revelação. O mocinho vence no final. Os amigos do mocinho são salvos por ele, mesmo passando por maus bocados. O vilão é preso pela eternidade. Várias aventuras preenchem as páginas do roteiro, mas no final há um "felizes para sempre" que conto de fadas nenhum conseguiu tornar real. Podemos ter confiança naquilo que Jó não viu, mas contemplou pelos olhos da fé. Nós temos uma revelação ainda maior em Cristo Jesus e, assim como Jó, podemos proclamar que sabemos que o nosso redentor vive e que por fim ele se levantará sobre a terra.

Enquanto durou, [a epidemia] manteve o pensamento da morte e da eternidade constantemente diante do povo. Quando os jornais foram publicados, dia após dia, entre as primeiras coisas que todos procuraram ou perguntaram foi sobre o número de mortes. E assim o pensamento da morte nunca foi permitido ficar muito tempo fora da consciência dos vivos. E com o pensamento da morte, o grande pensamento também da eternidade, pois é através da morte que os portões da eternidade se abrem. Geralmente, não pensamos muito na morte ou na eternidade. Não são coisas agradáveis de se pensar e, portanto, evitamos pensar nelas o máximo possível. Somente quando somos forçados a isso, damos a eles alguma consideração e, mesmo assim, apenas por um momento. Ambos são assuntos de importância vital, no entanto, envolvendo as consequências mais importantes. Pois depois da morte é sempre o julgamento. O mensageiro sombrio é a convocação de Deus para prestarmos nossa conta. Que existe uma conta a ser prestada, estamos inclinados a perder de vista, a esquecer, mas vamos prestar contas mesmos assim. Os livros devem ser abertos, e devemos ser julgados pelos livros. Durante as semanas desta epidemia – na longa lista de mortes, no grande número de sepulturas recém-fabricadas, no número incomum de procissões fúnebres ao longo de nossas ruas, Deus tem nos lembrado dessa conta que devemos prestar em breve. Ele está lançando tudo isto diante de nós para nos alarmar com o pensamento sobre a eternidade. [10]

“Some reflections growing out of the recent epidemic of influenza that afflicted our city” [Algumas reflexões que surgem da recente epidemia de gripe que atingiu nossa cidade], sermão pregado pelo ministro presbiteriano Francis Grimke na Fifteenth Street Presbyterian Church, em Washington, D. C., em 3 de novembro de 1918, ao fim da pandemia de gripe espanhola.

oitavo sermão: O VÍRUS SÓ MATA O QUE TE PRENDE AQUI *2Coríntios 4.8-5.8*

Você já viajou de avião? Eu já viajei bastante. Já "andei" em muitas aeronaves e sempre ouvi os mesmos avisos antes de todo voo. Eu sou um legalista inveterado, então sempre tento cumprir as regras estabelecidas. O sistema de som dizia *"Ouça as instruções de segurança mesmo que seja um passageiro frequente".* Eu era um passageiro frequente, e o aviso estava dizendo que eu deveria ouvir mesmo assim. Então, eu sempre tentava prestar atenção no que o comissário ou a comissária de bordo dizia. E eles sempre diziam que, em caso de pouso forçado, deveríamos deixar nossas bagagens para trás. Eu sempre ficava me perguntando "o que eu perderia se eu sobrevivesse a um acidente?" e eu não conseguia deixar de pensar em como dar um jeitinho de descer com esse ou aquele item. Eu imaginava: "Bem, se eu sobreviver a uma queda de avião (o que é muito difícil e raro), eu vou ter que sobreviver sem isso, sem aquilo... Eu vou perder minha câmera, vou perder aquela roupa, vou perder o meu computador, vou perder aquele livro que eu estou lendo...". E eu me via num cenário hipotético um tanto absurdo, pensando: "Será que eu poderia, além de salvar a minha vida numa situação de extrema improbabilidade, salvar alguma outra coisinha de que eu gosto? Será que eu consigo quebrar as regras enquanto está todo mundo saindo da aeronave sem levar nenhum pertence?".

Nesses momentos, eu me enxergava como aquele personagem ganancioso das histórias de piratas, o marujo que morre afogado agarrado ao próprio tesouro enquanto o navio afunda. Ele vai ser puxado para dentro do oceano agarrado àquelas moedas de ouro que, na morte, não lhe servirão de nada. Se ele se desvencilhasse de seus bens, se ele abandonasse o tesouro, se ele soltasse a bagagem, ele sobreviveria.

2Coríntios 4-5 fala de uma bagagem, que é o nosso corpo, e de como esse corpo sofre nos tempos presentes, mas sofre diante da promessa de coisas muito superiores. Nosso corpo é uma

bagagem. Nós sabemos que, em algum momento, mais cedo ou mais tarde, o avião desta vida vai fazer um pouso forçado e nós seremos obrigados a deixar para trás esta existência terrena. Há um famoso ditado que diz que “caixão não tem gaveta”, ou seja, você não leva as suas riquezas quando morre. Mas a verdade é que nós não levamos nem o nosso corpo quando morremos. Nosso espírito (nossa parte imaterial) será assunto aos céus, encontraremos Cristo no alto e o nosso corpo ficará aqui. A diferença é que, nesse pouso forçado, nós não teremos a opção de segurar a bagagem. A alma pode tentar se agarrar ao corpo, mas o corpo volta ao pó de onde veio, e a alma volta a Deus. Em algum momento, o avião vai pousar, e nós não poderemos deixar de nos desvencilhar da nossa bagagem.

O que Paulo quer nos dizer é que, se isso é uma verdade, então vale a pena nós nos desapegarmos das bagagens enquanto o avião ainda voa. Não precisamos esperar os pousos forçados, ou fim de nossas viagens, ou o naufrágio de nosso navio cheio de caros tesouros; podemos nos livrar das moedas de ouro no curso da jornada. A diferença entre aqueles que se apegam aos próprios tesouros e nós, cristãos, é que nós podemos livremente abrir mão da bagagem e, por mais que passemos um tempo muito breve sem as nossas meias e cuecas, nós não estaremos despidos. Ainda que passemos um tempo muito breve sem os nossos tesouros e nossas honras, logo receberemos compensações muito superiores. Você não ficaria pensando muito naquilo que perdeu na queda do avião ou no tesouro que afundou junto do navio se você soubesse que o seguro-viagem será muito maior do que qualquer item que você tenha perdido.

Nós temos a certeza de que a bagagem da nossa própria vida, a bagagem do nosso corpo, pode ser deixada para trás se nós soubermos, com confiança, que existe algo muito mais grandioso que Deus preparou para nós para depois que o avião pousar, depois que o navio atracar. 2Coríntios 4.7 é um texto de contrastes: nós vemos constantes oposições entre o nosso corpo atual e o novo corpo que receberemos na glória. Paulo está chamando a atenção para o fato de que o nosso corpo nos prende aqui, de que ter um corpo físico no tempo presente é o que nos mantém longes de

Deus. Quando o naufrágio da vida vier, quando o pouso forçado da existência chegar, então nossa bagagem ficará para trás e encontraremos aquele que não vemos agora porque o nosso corpo nos prende aqui. De fato, Paulo adianta isso e nos lembra que, se o nosso corpo vai ser consumido, se existe um novo corpo prometido nos céus, nós podemos passar pelos sofrimentos no corpo com confiança diante de Deus. Em tempo de pandemia, de doença, de caos na saúde pública, podemos viver com segurança, com um pouco mais de tranquilidade, com uma coragem que o mundo nunca vai entender, se percebemos que o vírus só mata o que nos prende aqui. O vírus só acerta a nossa bagagem. O vírus afunda o nosso tesouro, mas a nossa vida está livre para continuar eternamente diante de Deus – a compensação é muito maior. No fim, o vírus não pode nos tocar, ele só pode deixar a nossa bagagem mais leve para que, desprendidos daquilo que nos encerra no tempo presente, possamos voar até os braços de Cristo. Os contrastes que surgem em 2Coríntios 4 são vários. Iremos olhar para cada um deles, verso a verso.

O corpo é frágil e inferior para que Deus seja glorificado A partir do versículo 7, Paulo começa a dizer que o nosso corpo presente é frágil e inferior, mas ele é assim para o projeto de Deus, e o objetivo é que Deus seja glorificado nisso: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja que a excelência do poder provém de Deus, não de nós”. Paulo fala sobre um tesouro, e esse tesouro é o evangelho, a proclamação das verdades que provêm de Cristo. Esse tesouro alcança as pessoas. Como isso acontece? Através de propagadores humanos, com corpo – esse corpo que transmite o evangelho através de um sistema fonador que fala, de pés que andam em direção às pessoas e de olhos que enxergam através de um fisicalidade; esse corpo que é chamado de vaso de barro. Paulo trata o próprio corpo como um vaso de barro, uma analogia sobre a fragilidade e o valor desse corpo. Por ser frágil, por ser de barro, nosso corpo quebra facilmente – um vírus é um ser microscópico, que você não consegue ver e é capaz de levar a sua vida. O corpo facilmente desfalece, você precisa apenas continuar existindo para que ele enfraqueça ano após ano.

Esse corpo, além de frágil como um vaso de barro, também é menos valioso que outros vasos. Você já deve ter lido várias vezes na Bíblia sobre vasos de honra e vasos de desonra. Os vasos de honra enfeitavam bem as casas, geralmente eram feitos de ouro; vasos de barro muitas vezes eram vasos de desonra, serviam para carregar excremento de humanos ou de animais, ou seja, alguns vasos de barro eram usados como penicos naquele período. Paulo está dizendo que Deus colocou o tesouro do seu evangelho em vasilhas que carregam fezes e urina. Ele está tratando seu corpo como menos valioso, como um corpo que, comparado com o corpo que receberemos, não vale muita coisa.

Veja, Paulo está chamando a atenção para nossa fraqueza física e para a pequenez de valor deste corpo. Você pode dizer "Ah, mas meu corpo até que é bem forte!" ou "Meu corpo até que tem um valor!", mas, entenda, Paulo está falando isso em comparação com algo que receberemos: um novo corpo que fará com que este pareça débil, desonroso. Nossa fraqueza física e as situações onde o nosso corpo é posto em risco ou prejuízo existem para mostrar que nós somos fracos e que Deus é poderoso – é o que o verso 7 diz: "[...] para que se veja que a excelência do poder provém de Deus, não de nós". Deus nos dá um corpo de fraqueza sujeito a doenças (um corpo que, comparado com o que receberemos, é desonroso e frágil) justamente para que o Senhor receba toda a glória resultante daquilo que acontece com nosso corpo terreno. Deus quer nos dizer que tudo que nós fazemos, as palavras que proferimos, os locais por onde andamos, as coisas que carregamos e as cargas que suportamos são nada mais do que a atuação da excelência do poder que provém de Deus.

Pense como o Senhor fez tantas coisas incríveis através de homens e mulheres tão fisicamente prejudicados. Calvino era completamente doente, possuía gota, tinha as mais variadas doenças físicas, ficava por muito tempo inválido. Spurgeon lutava contra uma severa depressão clínica e tinha uma saúde fragilizada. John Piper lutou contra o câncer e problemas pulmonares e enfrenta vários desafios agora na velhice. Paul Washer possui degeneração nos seus ossos e tem próteses no quadril, no pulso e na coluna para se manter vivo. E quantos outros homens carregam as mais

variadas fraquezas físicas durante o ministério. Quantos sermões são pregados em momentos de profunda fraqueza física. A fraqueza do nosso corpo existe para exaltar a força do poder de Deus. É quando nós nos encontramos doentes, fragilizados, sintomáticos, que a excelência do poder de Deus é mais exaltada em nós. Os períodos de doença acabam por se tornar períodos em que nós podemos perceber mais claramente o quanto Deus é poderoso e o quanto nós somos fracos e precisamos dele. Deus recebe, portanto, mais glória durante as nossas doenças, porque elas nos permitem ver melhor quem nós realmente somos.

Podemos sofrer externamente, mas não somos destruídos pelo sofrimento Em segundo lugar, Paulo chama a nossa atenção para o fato de que nós podemos sofrer externamente neste corpo, mas nós não seremos destruídos por esse sofrimento que alcança o corpo: “Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; ficamos perplexos, porém não desanimados; somos perseguidos, porém não abandonados; somos derrubados, porém não destruídos” (2Co 4.8-9). Por um lado, nosso corpo físico está sujeito aos mais variados sofrimentos, tanto externos quanto internos; mas Deus nos protege para que, nessas circunstâncias, nós nunca nos entreguemos às últimas consequências do sofrimento. Tribulação, sim, angústia, não. Perplexidade, sim, desânimo, não. Perseguição, sim, abandono, não. Queda, sim, mas destruição, não. Existem duas formas de o crente se interpretar no meio das circunstâncias. Uma delas é acreditar que o crente passa pelo mesmo que todo mundo: o descrente adoece, o crente adoece; o descrente tem depressão, o crente também tem depressão; o descrente pega covid-19, o crente pega covid-19. Todo e qualquer mal que alcança o descrente alcança também o crente.

Uma segunda forma é interpretar que o crente nunca vai passar pelas mesmas circunstâncias, então o descrente pega covid-19, mas o crente não será atingido. O descrente tem depressão, mas eu, cristão, nunca terei, porque eu tenho a alegria que vem de Cristo Jesus. Nessa visão, seguimos interpretando o que vivemos à parte das circunstâncias deste mundo. A verdade é que o cristão não vive em nenhuma dessas duas perspectivas. Vivemos em um

caminho diferente; entendemos que podemos receber muitas das tribulações que o descrente recebe pelo simples fato de termos um corpo. Esse corpo está habitando o mesmo mundo caído que o descrente habita. Esse corpo pode passar pelas mesmas disfunções em nível cerebral, hormonal e, às vezes, psicológico que o descrente também passa. Mas nós temos uma promessa clara de que, em algum nível – cuja linha clara e específica talvez não saibamos traçar – nós não recebemos as últimas consequências do sofrimento deste mundo. Nós encontramos tribulações como todo mundo encontra, mas a angústia que a tribulação causa não é a mesma em nós porque o Espírito protege os nossos corações. Nós encontramos um grau de perplexidade diante do sofrimento, assim como os homens sem Deus podem encontrar, mas o nosso ânimo é espiritual, não é afetado pela perplexidade como o homem natural é. Nós passamos por decepções como todos os homens, mas não enfrentamos o abandono, porque Deus continua conosco a todo momento. Os homens podem nos derrubar, mas eles não podem nos destruir. O coronavírus pode nos deixar prostrados em uma cama, mas ele não tem o poder de destruir quem somos, porque nós somos muito mais do que algo que um vírus pode tocar. Nossa essência precede a nossa existência, e a nossa alma consegue existir para além do nosso corpo. Podemos sofrer externamente, mas não seremos destruídos por esse sofrimento, porque há um Deus cuidando de cada um de nós.

Recebemos morte física, mas recebemos e transmitimos vida espiritual Em terceiro lugar, nós podemos receber morte física neste corpo, mas nós recebemos e transmitimos vida espiritual através deste corpo também. Encontramos isso nos versículos 10-12:

> Levamos sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a vida dele se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que em nós opera a morte; em vocês, a vida.

Nosso modo cristão de viver traz um preço físico, já que levamos sempre no corpo o morrer desse Jesus. O ministério mata nosso corpo, os jejuns matam nosso corpo, as vigílias matam nosso corpo, os sacrifícios missionários matam nosso corpo. O serviço do evangelho nos prejudica fisicamente, cobra muito. No entanto, há uma vida espiritual que se manifesta em nós. O mesmo corpo que sofre o serviço do evangelho e sofre as intempéries da existência como um cristão é o corpo que recebe, de forma sobrenatural, uma vida em Cristo Jesus. O nosso corpo se mortifica cada vez mais no nível natural, mas o nosso corpo, cada vez mais, se vivifica em um nível espiritual. Estamos vivos, mas estamos sempre sendo entregues à morte por causa de Jesus. Todos os dias, a morte que nos é prometida nos evangelhos é consumada na vida cristã. Esse não é o próprio chamado do discipulado? “Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, dia a dia tome a sua cruz e siga-me!” (Lc 9.23). Somos convidados por Cristo a dizermos não para nós mesmos, colocarmos em nossas costas um instrumento de mortificação, e, então, seguir aquele que foi assassinado em nosso lugar. Diariamente somos entregues à morte por causa de Jesus, mas a vida dele se manifesta em nossa carne mortal. Esse mesmo corpo que morre por Jesus é o corpo que vive por ele. Há um efeito nisso: a morte opera em nós para que a vida opere nos outros. A nossa morte, o nosso sofrimento, comunica alguma coisa quando sofremos dando testemunho do evangelho aos que estão à nossa volta, quando sofremos firmes na nossa fé para transmitir as verdades em que nós acreditamos. Recebemos morte, sim, mas transmitimos vida aos outros. A igreja é edificada pela morte dos seus santos. Uma igreja é motivada quando, no meio do sofrimento, aqueles que sofrem permanecem fiéis, quando os testemunhos são de que Jesus é soberano e bom. É maravilhoso quando nós nos colocamos na posição de encorajar e saímos encorajados ou quando vemos um olhar de esperança em um membro da igreja que perdeu a mãe porque ela sabe que sua mãe está, agora, diante de Deus, ou quando alguém doente simplesmente consola os que estão desfalecidos por causa da iminência da perda de quem ama. Nossa carne mortal recebe da morte de Jesus todos os dias, mas

nossa carne mortal, todos os dias, também recebe e comunica da vida em Cristo Jesus.

O que nós sabemos é que, quando o evangelho começa a trabalhar em nós, ele mortifica nosso corpo, mas também começa a produzir vida em nós e através de nós, ou seja, a morte que recebemos não passa aos outros, mas a vida que recebemos através dessa morte passa aos nossos irmãos. A vida em Jesus é muito mais contagiosa que qualquer vírus, ela alcança as pessoas mais rapidamente que qualquer doença. Se nós permanecemos fiéis, mesmo na mortificação do corpo, nós transmitimos vida e fidelidade àqueles que estão à nossa volta. O sofrimento do nosso corpo é uma oportunidade da vivificação daqueles que nos acompanham.

Ainda não vemos, mas cremos na ressurreição Em quarto lugar, nós podemos ter certeza de que, ainda que não vejamos, haverá uma ressurreição do corpo:

> Tendo, porém, o mesmo espírito de fé, como está escrito: 'Eu cri, por isso falei', também nós cremos e, por isso, também falamos, sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará juntamente com vocês. Porque tudo isso é para o bem de vocês, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para a glória de Deus. (2Co 4.13-15)

Paulo diz que ele creu e, por isso, falou. Isso é uma citação do Salmo 116.10, no qual Davi fala sobre Deus o livrando da morte várias vezes, em meio a diversas perseguições. Paulo relaciona isso com a ressurreição de Jesus: "Tendo, porém, o mesmo espírito de fé, como está escrito: 'Eu cri, por isso falei', também nós cremos e, por isso, também falamos, sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus [...]". Veja a correlação que Paulo faz: Davi falou acerca de Deus porque creu que Deus o livrava; Paulo fala a respeito de Deus porque crê que Deus o livrará, mas a forma como ele crê que será livrado é através

de uma ressurreição que há em Cristo. Paulo conseguia ser um pregador porque ele cria que Deus o livraria da morte, não simplesmente da morte nesta vida, mas, mesmo que ele encontrasse a morte do seu corpo físico, viveria eternamente em Cristo Jesus.

Muitas vezes nos sentimos motivados a acalmar irmãos em dificuldades dizendo, por exemplo, “Vai ficar tudo bem, ele vai se recuperar!” e, de fato, há momentos em que precisamos tranquilizar os outros ajudando-os a analisar a situação mais logicamente. Às vezes, há irmãos amedrontados, pressentindo a morte de alguém que está saudável e sendo cuidado, e o que eles precisam ouvir é “fica calmo, ele não está em risco, não há motivo para ter medo”. Mas a verdade é que, ao cabo, a promessa de Deus não é que vamos escapar das situações de morte aqui; a promessa de Deus não é que, se eu for infectado pelo coronavírus, eu certamente vou ficar bem. A promessa de Deus é que, ainda que eu não fique bem no corpo presente, eu viverei eternamente em Cristo Jesus. “Eu cri, por isso falei” – se crermos nisso, podemos falar sobre isso. Se crermos piamente no livramento que vem através da ressurreição de Cristo, nós teremos força para pregar o evangelho e para viver de acordo com aquilo que nós acreditamos de fato. Nós pregaremos quando crermos de fato no poder da ressurreição. E, como Paulo, poderemos pregar o evangelho com força e com vigor mesmo que isso custe o nosso corpo físico. Temos que ter o mesmo espírito de fé que Davi e Paulo tiveram, o mesmo espírito de fé de que seremos ressuscitados em Cristo, apresentados juntos em Cristo, e que essa certeza causa uma multiplicação de graça que torna a glória de Deus abundante por meio de muitos. Deus será mais glorificado em nós quanto mais estivermos dispostos a morrer por ele, quanto mais estivermos dispostos a crer que qualquer morte nesta vida significa muito pouco – e falarmos e vivermos isso.

Então Paulo cita o Salmos 116.10: “eu cri, por isso falei”. O que essa citação significa neste contexto? Paulo está dizendo que nós ainda não vemos, mas cremos mesmo sem ver. Quem de nós está vendo a ressurreição final dos justos? Quem de nós está vendo o novo corpo? Na verdade, tudo se dá na esfera da fé: ainda não vemos a ressurreição, o novo corpo, mas falamos daquilo que

cremos em nosso coração, pela revelação no Espírito Santo e da Palavra de Deus. Irmão, alimente a sua fé quando seu corpo está sendo posto à prova. Creia. Creia em algo para além daquilo que pode ser visto. Davi creu dessa forma, Paulo creu dessa forma, e eles foram homens que viveram de acordo com o que creram. Nós podemos crer da mesma forma e falar daquilo que cremos se, de forma sobrenatural, encontrarmos uma fé para além de qualquer circunstância.

Sofremos por fora; somos renovados por dentro Paulo explica, em quinto lugar, que nós sofremos por fora, mas somos renovados por dentro. O verso 16 diz: “Por isso não desanimamos. Pelo contrário, mesmo que o nosso ser exterior se desgaste, o nosso ser interior se renova dia a dia”. Há um ânimo, por isso não desanimamos! Existe ânimo no meio da degradação do corpo. Às vezes uma simples dor nas costas acaba com a nossa disposição e uma dor de cabeça tira nossas forças para o trabalho, mas nós não desanimamos da vida ou do ministério por causa do preço físico da existência em Cristo. Nós continuamos firmes mesmo com a degradação do corpo – somos renovados por dentro todos os dias mesmo que o nosso corpo definhe. Todo dia há uma promessa de renovação do nosso coração. Cristo não prometeu que tudo ficaria bem por fora, mas ele prometeu renovo diário do nosso ser interior. Todo dia há uma graça nova, uma vida nova, uma manifestação nova da poderosa obra de Cristo Jesus. Encontramos ânimo em saber que existe um novo corpo, que existe uma ressurreição, que o vírus só mata aquilo que nos prende aqui e que existe algo muito maior quando deixamos a bagagem para trás, quando não nos apegamos às nossas roupas, meias, cuecas e bugigangas. Quando vivemos desapegados, ainda que o corpo chore, existe uma alegria, para além deste tempo presente, que nos traz um ânimo sobrenatural. Por isso que, na velhice, quando a juntas começam a endurecer, quando os olhos começam a enfraquecer, quando a saúde já não é a mesma, há um ânimo que os homens sem Deus não podem encontrar. Por esse motivo, quando, na doença, a saturação baixa, os olhos ardem, a respiração falha, há um ânimo que o mundo nunca vai entender. Por isso, nos dias mais sombrios,

nos tempos mais difíceis, nós podemos olhar para cima, desgastados externamente – magros, fracos e pálidos –, mas com o interior mais vivo do que jamais experimentamos na nossa vida.

O sofrimento físico é leve e momentâneo comparado com o galardão eterno Em sexto lugar, Paulo vai dizer que o sofrimento físico é leve e momentâneo se comparado com o galardão eterno que nos está prometido em Cristo Jesus:

> Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um eterno peso de glória, acima de toda comparação, na medida em que não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem. Porque as coisas que se veem são temporais, mas as que não se veem são eternas. (2Co 4.17, 18)

Responda: há quanto tempo você está trancado em casa? Eu estou isolado há mais de cinquenta dias, sem sair de casa para qualquer entretenimento. Você pode estar trancado em casa pela mesma quantidade de tempo. Está parecendo uma eternidade para você? Paulo chama de leve e momentânea tribulação. Você que precisou ficar internado por causa da doença, que precisou ser entubado, passou por maus bocados, ficou longe da família, saiba que Paulo chama essa aflição de leve e momentânea. Paulo não está fazendo pouco caso do sofrimento, porque ele mesmo passou por momentos terríveis de dor. Eu duvido que Paulo tenha achado leve e rápido as cinco vezes que recebeu dos judeus uma quarentena de açoites menos um, as três vezes que foi golpeado com varas, a vez que foi apedrejado ou as três vezes que sofreu como náufrago (2Co 11.24-25). No entanto, Paulo sabe que isso é um espirro diante da grandeza do que está por vir. Durante a dor, quando o tempo se estende e parece durar uma eternidade, precisamos voltar a lembrar que todo sofrimento é leve e momentâneo, que é muito pouco comparado com toda a eternidade de glória que nos está prometida.

Está difícil passar dois meses em casa? Seu psicológico e emocional estão sofrendo muito? As finanças estão indo para o

buraco? A situação se tornou insustentável? É leve! É pouco, é curto, é rápido. É momentâneo. Não ouça isso como falta de empatia, ouça isso como uma certeza de que, mesmo uma vida inteira de sofrimento e desgraça não é nada se comparada com a maravilha que nos será entregue na eternidade com Cristo Jesus. É por isso que não olhamos para o que se vê. O que conseguimos ver é o nosso corpo em sofrimento: a doença, a fome, os efeitos psicológicos do isolamento. Não olhamos para o que vemos, olhamos para o que não pode ser visto.

Deitados numa maca, olhando para o teto branco do hospital, ainda podemos ver além das paredes, além do consultório, além do nosso próprio corpo; enxergamos algo que é pesado, que é incomparável, que é um peso de glória. Este corpo é, por enquanto, o peso de glória é eterno. Este corpo dura um tempo, mas existe algo muito pesado que vai durar para sempre. Aquilo que se vê é temporal, mas aquilo que não se vê é eterno. Por que nós nos apegaríamos à bagagem se nos é prometido um tesouro? Por que consideraríamos como verdadeiro tesouro aquilo que o ladrão rouba, aquilo que a traça come ou aquilo que o vírus mata? O nosso tesouro está guardado em Cristo. As coisas que se veem são temporais, o nosso corpo em dor é temporal, mas o que não se vê, o novo corpo de glória eterno em Cristo, dura para sempre. Nós temos que passar menos tempo olhando para aquilo que pode ser visto e devemos orar com vigor, pedindo a Deus que ponha a eternidade diante de nossos olhos. Nós precisamos pedir a Deus que lentes de eternidade estejam diante de nossa visão e que nós possamos olhar para cada pequeno detalhe da existência com a perspectiva daquilo que é eterno, percebendo o tempo curto de cada situação para que nossa vida represente uma vida vivida à luz da eternidade.

Em um sermão chamado *O Peso da Glória*, C. S. Lewis nos lembra que não devemos ficar com vergonha das promessas que nos são dadas no evangelho. Ateus nos acusam de só sermos bons por causa da recompensa futura, mas os nossos desejos pelos céus nunca serão muito fortes (como se estivéssemos sendo gananciosos); de fato, os nossos desejos pelo céu não são muito fortes, são muito fracos.

> A verdade é que somos criaturas medíocres, brincando com bebida, sexo e ambição, quando a alegria infinita nos é oferecida. Como uma criança ignorante que prefere fazer castelos na lama em meio à insalubridade por não imaginar o que significa o convite de passar o feriado na praia. Nos contentamos com muito pouco; quando perdemos a eternidade de vista, nós simplesmente nos contentamos com a vida que pode ser vista, e aquilo que se vê é curto, é transitório, e é passível de morte; aquilo que não se vê é o galardão eterno que está depositado em Cristo Jesus.

Para termos esse ânimo espiritual precisamos ter olhos espirituais e fixar a nossa vista não no que pode ser visto, mas naquilo que não podemos ver, que está além desta vida – fixar os nossos olhos no que é muito maior.

Teremos um novo corpo de glória Em sétimo lugar, Paulo diz que nós teremos um novo corpo eterno de glória e que isso nos motiva a viver nesta terra: "Pois sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos humanas, eterna, nos céus" (2Co 5.1). Podemos perder este corpo porque nós acharemos outro. Este corpo é um tabernáculo, uma tenda pronta para ser montada e desmontada de acordo com as nossas viagens, mas lá há um edifício, uma construção sólida e eterna, que não foi feita por mãos humanas. Este corpo é uma oca de palha, uma casa de pau a pique; lá é o *Empire State Building* da fisicalidade, uma Grande Muralha corpórea. Nosso corpo físico vem dos nossos pais, é sujeito à temporalidade, às influências genéticas, aos problemas de saúde; lá, o próprio Deus nos dará um corpo. "E, por isso, neste tabernáculo gememos, desejando muito ser revestidos da nossa habitação celestial" (v.2). Este é um corpo de gemido, de sofrimento, de dor, e nós ansiamos por um revestimento.

Sabemos, de acordo com 1Coríntios 15, que o nosso novo corpo será uma transformação do corpo atual: "Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em

glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual” (v.42-44). Paulo desenvolve a mesma ideia de que perderemos este corpo por um tempo, mas receberemos um revestimento deste corpo (seremos revestidos da nossa habitação celestial) em 2Coríntios 5.3: “Se de fato [essa é uma tradução um pouco ruim; uma tradução melhor seria “Já que de fato”] seremos encontrados vestidos e não nus”. Ser achado nu, dentro do contexto, traz a ideia de estar sem corpo. A ideia é que, quando morremos, nós perdemos nosso corpo – ele é enterrado, volta para o pó. Nossa parte imaterial vai para Cristo eternamente. Estamos nus por um momento, mas nós não seremos achados nus, nós não ficaremos nus, seremos vestidos, receberemos esse revestimento da nossa habitação celestial. Ficaremos sem corpo por um momento, mas, então, haverá ressurreição dos justos e o novo corpo nos será dado: “Pois nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida” (5.4).

Nós gememos não porque queremos morrer. O cristão é aquele que está disposto a passar pela morte como se fosse nada. A piada é que todo mundo quer ir para o céu, mas ninguém quer morrer. E é verdade. Nós gememos, e não estamos ansiosos por sermos despidos, ou seja, nós não estamos ansiosos por perdermos este corpo. Nós estamos ansiosos é por receber um novo corpo. Nós não temos nenhum fetiche pela morte, o que nós temos é uma ansiedade pela verdadeira vida. Não queremos morrer, mas estamos ansiosos por aquilo que vem depois da morte, porque o que vem depois da morte é uma vida que fará esta vida parecer muito pouco. O que há depois da morte é uma existência com Cristo, o revestimento de uma habitação real que faz com que este corpo pareça muito pouco. Gememos porque temos doenças. Gememos porque envelhecemos. Gememos porque adoecemos. Gememos porque morremos. Mas seremos absorvidos: o que é mortal será consumido por uma vida que nunca nos deixará.

O Espírito Santo é a prova do novo corpo Em oitavo lugar, Paulo diz que o Espírito Santo é a prova do novo corpo: “Ora, foi o

próprio Deus quem nos preparou para isto, dando-nos o penhor do Espírito” (2Co 5.5). O Espírito Santo é a garantia, o penhor, o contrato, de que fomos preparados para o novo corpo. Deus prometeu e nos deu uma garantia, ao nos dar o Espírito Santo, de que esse novo corpo existe. Não somos crédulos, pessoas que acreditam baseadas em nada. O próprio Espírito já veio e já está em nosso corpo. Já somos habitados pelo próprio Deus, e esse próprio Deus, no nosso corpo, nos alcançará para si: “Por isso, temos sempre confiança e sabemos que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor. Porque andamos por fé e não pelo que vemos. Sim, temos tal confiança e preferimos deixar o corpo e habitar com o Senhor” (5.6-8). Podemos continuar confiantes no meio do que causa desespero. Podemos continuar confiantes mesmo ausentes, mesmo longe, porque, enquanto estamos aqui, ainda não vemos face a face, ainda vemos como que por meio de um material polido – ainda olhamos para Deus como que por um espelho –, mas um dia a nossa vida, que é guiada pela fé (já que não vemos a Deus diretamente), será guiada pelo fato visível diante dos nossos olhos.

Com essa confiança, nós preferimos perder este corpo para ter habitações celestiais. Com essa fé, nós sabemos que o vírus só mata o que nos prende aqui, porque o vírus só mata aquilo que nos impede de ver Deus face a face neste momento. O vírus só tira de nós aquilo que nos mantêm ausentes do Senhor. Isso significa que, quando a morte chegar, seja hoje, amanhã, em uma semana, em um mês, em um ano ou em setenta anos, só estaremos deixando a bagagem para trás, estaremos deixando o gemido para trás. Estaremos “deixando a fé para trás” porque a fé não vai ser mais ser necessária quando estivermos face a face, encontrando e vendo o alvo da esperança e sendo restituídos de um novo corpo que transborda vida.

Agradamos a Deus no corpo porque seremos julgados pelo modo como usamos o corpo Em último lugar, Paulo afirma que lutamos para agradar a Deus por meio do corpo porque, quando chegarmos lá, seremos julgados pela forma como usamos o corpo mortal. É o que lemos em 2Coríntios 5.9, 10: “É por isso que também nos esforçamos para ser agradáveis a ele, quer presentes,

quer ausentes. Porque é necessário que todos nós compareçamos diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo."

Nossa vida não se baseia na preservação do corpo mortal, mas em glorificar a Deus e sermos agradáveis a ele, quer na vida deste corpo, quer em sua morte. É um esforço constante, quer estejamos ausentes ou presentes neste corpo; quer estejamos presentes com o Senhor ou ausente do Senhor por causa da separação que o corpo nos traz hoje. Nós lutamos para sermos sacrifícios agradáveis. A ideia de ser agradável evoca os sacrifícios no Antigo Testamento; é a ideia de que a morte do nosso corpo é um sacrifício agradável entregue a ele. Assim como um animal que é morto por louvor a Deus, o nosso corpo morre dia a dia para o louvor de Deus. As nossas doenças, o desfalecimento das nossas juntas, a dificuldade da nossa respiração sobem a Deus como um louvor, como oferta de sacrifício de um corpo que gemeu, sofreu e morreu por ele, para ele, em fidelidade a ele; e vai ser enterrado como um sacrifício agradável, porque todos nós estaremos diante de Cristo e este corpo servirá de louvor e testemunho. Tudo de bem ou de mal que o homem tiver feito com seu corpo será retribuído, e a fidelidade não vai ser ignorada, o amor não vai passar em branco, a permanência e a fé não vão passar desapercebidas. Cristo trará recompensa justa da própria fé que ele incutiu em nossos corações. Permaneça, continue, tenha forças. Tenha firmeza no meio do sofrimento do corpo, porque cada respiração difícil, cada uma das dores, das lágrimas e das angústias será recompensada pelo próprio Cristo quando permanecemos fiéis no corpo. Tudo que fizermos no nosso corpo será devolvido em Cristo.

Conclusão

São tempos difíceis. O que vemos às vezes pode ser aterrador. Acontece de passarmos o tempo livre conferindo notícias, vendo reportagens, comparando os artigos acadêmicos para fugir das *fake news*. O que se vê neste momento não nos agrada. Tememos a morte. Eu mesmo não posso sentir uma dor nas costas ou ter uma coceira no olho que eu já me imagino no leito do hospital. Todos estamos um pouco hipocondríacos. Todo mundo está um tanto

assustado. O que se vê é difícil, mas o que não se vê é maravilhoso. O que não se vê é lindo. O que ainda não estamos vendo faz com que tudo isso seja rápido, leve, momentâneo. O mundo parou, todas as lentes estão apontadas para o coronavírus. Isso é muito pouco ao longo da história do mundo. Os livros de História falarão disso, contaremos aos nossos netos como passamos por tudo isso, mas, ao olharmos para o que não pode ser visto, não terá sido nada. Pelo contrário, terá sido muito pouco. Talvez precisemos gastar mais tempo olhando para o que agora ainda é invisível, talvez devamos ler um pouco menos as notícias e um pouco mais as verdades eternas da Palavra. Passar menos tempo discutindo e mais tempo encorajando e sendo encorajados. Passar menos tempo olhando os números e mais tempo orando ao Deus vivo. Mais tempo meditando dia e noite na Palavra, orando para que Deus ponha a eternidade diante de nossos olhos, para que nós possamos enxergar aquilo que agora ainda é invisível. Se o vírus nos matar, tudo bem. Nos encontramos do outro lado.

No fim das contas todo mundo sabia que os tempos de cólera não haviam terminado, apesar dos alegres informes das autoridades sanitárias.[11]

El amor en los tiempos del cólera [O amor nos tempos da cólera], publicado em 1985 pelo escritor colombiano Gabriel García Márquez.

epílogo: A PÁSCOA EM TEMPOS DE CÓLERA

Meu livro favorito do escritor colombiano Gabriel García Márquez é um romance escrito em 1985, chamado O amor nos tempos do cólera. Assim como em português, no espanhol, idioma original da obra, há um trocadilho claro. Cólera tem dois sentidos, o de peste e o de ódio. No livro, a cólera fala tanto da famosa doença intestinal quanto das guerras civis que assolaram a Colômbia ao longo do século 19. O romance registra a procura do amor em um tempo tanto de peste quanto de raiva, tanto de guerra quanto de doença.

A pandemia causada pelo novo coronavírus fez com que várias igrejas estivessem impedidas de se reunirem durante a Páscoa, uma das datas mais importantes para o cristianismo – se não for a data mais importante. Em 2020, celebramos a Páscoa em tempos de cólera, e cólera em ambos os sentidos. Era um tempo tanto de doença, onde nós fomos obrigados a celebrar nossos cultos de Páscoa separados uns dos outros, quanto um tempo de muito ódio, um tempo em que as pessoas se polarizaram em torno de certas respostas políticas e problemas sociais, em um tipo de guerra santa em nome daquilo que elas julgam o bem maior.

Celebrando o domingo de Páscoa em tempos de cólera, as igrejas se encontraram em uma situação próxima da dos judeus que celebraram a primeira Páscoa da história – separados uns dos outros, trancados em suas casas, de onde Deus disse que eles não deveriam sair. Eles estavam protegidos dentro de seus lares pelo sangue que era aspergido sobre os umbrais das portas para que o anjo não matasse seus filhos. Nesse contexto, eles celebraram a Páscoa em suas casas com cordeiro e pão.

Sabemos que Jesus ressignificou a Páscoa. Ele deu outro significado para aquele ritual na ceia cristã, na qual comemos o pão e bebemos do cálice, relembrando a morte do Senhor, propagando sua obra até que ele venha. Geralmente, a ceia se manifesta na unidade da igreja. Os irmãos estão reunidos, juntos, nesse novo

significado da páscoa. Nós estamos congregados durante a verdadeira prática da comunhão. Em 1 Coríntios 11, que fala acerca da ceia, a ideia de estarmos reunidos como igreja é uma coisa central, é um elemento fundacional. Por isso, várias igrejas decidiram não ter culto de Páscoa no ano da pandemia, já que os irmãos não conseguiam estar unidos.

Nestes tempos de cólera, de ira e pandemia, estamos separados nos dois sentidos. A separação causada pelo isolamento social é certamente o menor dos nossos desafios. A separação física não é suficiente para nos separar de fato. Não estarmos unidos fisicamente não destrói a grandeza de estarmos unidos espiritualmente. Mesmo impedidos quanto à ceia de Páscoa, ansiávamos pela próxima reunião que nós teríamos como igreja, onde celebraríamos juntos, novamente, o sangue e o corpo do Senhor, unidos de toda forma. Separados fisicamente e unidos espiritualmente em volta daquele sacrifício perfeito do Cordeiro, do sangue que nos protege, do sangue que nos une em Cristo Jesus, podemos ter confiança. Quer seja celebrando ou não um momento de ceia, estamos certamente unidos debaixo do sangue de Jesus que foi derramado por cada um de nós.

Mas, sim, estamos em tempos de cólera, em um tempo de ira, em um tempo de raiva. Em um tempo de separação não simplesmente por estarmos cada um em nossas próprias casas, mas separados pelas ideias que assumimos. Separados pelos políticos que votamos, separados pelos projetos de governo que preferimos, separados pelas ideologias políticas com as quais nos afeiçoamos, separados pelas aplicações teológicas aos papéis do Estado e do mercado nas relações humanas. Acaba que essas posições políticas diferentes geram cólera, raiva, separação, irmãos excomungando uns aos outros, irmãos levantando o dedo em riste uns aos outros, irmãos cancelando e se separando uns dos outros. Em tempos de cólera, em tempos de raiva, é importante lembrar da Páscoa. É importante lembrar do sangue que foi derramado por nós. É importante lembrar que se todos temos o mesmo sangue do Cordeiro sobre nós não há como vivermos separadamente, não há como a cólera definir e moldar a forma como nós interpretamos os nossos relacionamentos uns com os outros. Celebrar a Páscoa em

tempos de cólera é relembrar uma unidade e um amor sacrificial que está acima de tudo.

O ódio é natural. O sobrenatural se manifesta em um amor a quem pensa, vive ou vota de maneira diferente. O que é sobrenatural nesse tempo de Páscoa se manifesta ao manifestarmos o amor de Cristo para além da separação de políticas, para além de qualquer separação humana, para além de qualquer resposta a temporal que se tente dar a problemas temporais. Em tempos de cólera, a igreja precisa ser marcada pelo amor daquele que morreu e que é relembrado no domingo de Páscoa porque ressuscitou e, ressuscitando, uniu para si cada um de nós para honra e glória do seu nome. Celebrar a Páscoa em tempos de cólera é celebrar a unidade e o amor de Jesus em um tempo em que o ódio divide todos os homens. Jesus ressuscitou. Que isso nos una em torno da verdadeira Páscoa – que pandemia nenhuma pode impedir.

> Vocês se lembram, muitos de vocês, de tempos de enfermidade, quando a cólera estava nas suas ruas. Vocês podem ter esquecido daquela época de pestilência, mas eu nunca consegui esquecer; quando os deveres do meu pastorado me chamavam continuamente para caminhar entre suas famílias afligidas pelo terror e para ver os moribundos e os mortos. Gravado em meu jovem coração deve sempre permanecer algumas daquelas cenas tristes que eu testemunhei quando cheguei pela primeira vez a esta metrópole, quando eu trabalhava mais para enterrar os mortos do que abençoar os vivos. Alguns de vocês passaram não apenas por uma temporada de cólera, mas por muitas, e talvez estiveram presentes, também, em ambientes onde a febre prostrou suas centenas, e onde a praga e outras doenças terríveis esvaziaram suas aljavas, e toda flecha encontrou seu alvo no coração de algum de seus companheiros. Ainda assim, você foi deixado. Você andou entre os túmulos, mas você não caiu em um deles. Doenças ferozes e fatais espreitavam em seu caminho, mas elas não tinham permissão para devorá-lo. As balas da morte zumbiram em seus ouvidos, e mesmo assim

você permaneceu vivo, pois sua bala não tinha por destino o seu coração. Vocês podem olhar para trás; alguns de vocês, por cinquenta, sessenta ou setenta anos. Suas cabeças calvas e grisalhas contam a história de que vocês não são mais recrutas inexperientes na guerra da vida. Vocês se tornaram veteranos, se não inválidos, no exército. Vocês estão prontos para se aposentar, retirar suas armaduras e dar lugar a outros. Eu digo: olhem para trás, irmãos, vocês que entraram na folha murcha e amarelada; lembrem-se das muitas estações em que vocês viram a morte saudando multidões a seu redor e pense: "eu fui deixado". E também nós, que somos mais jovens, em quem as veias continuam pulsando sangue vigorosamente, podemos relembrar de tempos de perigo, quando milhares caíram ao nosso redor, e mesmo assim podemos dizer, na casa de Deus, com grande ênfase: "eu fui deixado" – fui preservado, ó grande Deus, quando muitos outros pereceram; fui sustentado, de pé sobre a rocha da vida, quando as ondas da morte deram contra mim, o seu borrifo caiu pesadamente sobre mim, e meu corpo estava saturado de doenças e dores, mas ainda sim estou vivo – ainda permitido a se misturar com as agitadas tribos de homens.[12]

"Spared!" [Poupado!], sermão pregado pelo pregador batista britânico Charles Haddon Spurgeon em 11 de dezembro de 1860 no último ano da terceira pandemia de Cólera.

AGRADECIMENTOS

Este projeto não existiria sem o trabalho incessante de João Guilherme Anjos, que encabeçou as publicações do Dois Dedos de Teologia e do RE:VIEW Clube. Seu tino literário é invejável, e tem sido responsável não apenas por fornecer traduções de peso, trazendo obras de referência ao português, mas também por lançar novos autores dentre os especialistas mais capacitados e por vezes ainda não descobertos do Brasil. Creio que, com o passar dos anos, João Guilherme estará no *hall* de grandes homens aos quais todos teremos dívida de gratidão pelo serviço editorial à nação. Felipe Araújo fez um excelente trabalho de transcrição dos sermões, que passaram por três fases de tratamento textual. Alana Lins fez jus ao seu treinamento acadêmico e profissional como jornalista no copidesque profundo de todo o texto. Boa parte do belo estilo aqui impresso é dela, quase coautora da obra, pelo esforço competente em transformar um discurso profundamente marcado pelo estilo oral em um texto fluído e agradável – parte do trabalho desempenhado enquanto estava sintomática para Covid-19. Foi após esta etapa que passei por toda a obra, fazendo mudanças menores, corrigindo e desenvolvendo algumas ideias, clarificando determinados argumentos e dando mais um toque pessoal ao texto. João Guilherme, como editor, foi responsável pela última leitura e melhorias no escrito. Obviamente, as opiniões aqui expressas ou eventuais imprecisões são de minha inteira responsabilidade. O trabalho gráfico pelo qual o Dois Dedos de Teologia é conhecido vem da mão de Caio Duarte, já consagrado capista e diagramador entre nossos assinantes, quem tem dado aos autores as melhores molduras para seus quadros. Agradeço a todos pelo intenso interesse e trabalho na produção deste livro.

Fora das tarefas diretas com o livro, tenho outras dívidas importantes. Estes sermões foram entregues à Igreja Batista Maanaim, minha família de fé. Sou grato aos irmãos por permanecerem firmes no cuidado uns aos outros durante o tempo

de pandemia e separação. Há uma unidade espiritual que nenhum decreto humano pode impedir. Eu ainda não tinha percebido de fato a diferença que faz pregar olhando para seu povo, de ver os rostos, os olhos. O público faz o sermão. Você vai mudando o tom, a forma, a ênfase, a força, às vezes até algo do conteúdo em resposta a como os irmãos vão reagindo. Você não está pregando diante da igreja, mas está pregando para a igreja ali reunida. Quando alguém falta o culto, afeta o sermão que será pregado. Ele não está mais no campo de visão do pregador que talvez tivesse feito uma aplicação ou explicação por tê-lo visto lá. Pregar à igreja sem olhar em seus olhos foi doloroso, mas reconfortante diante das mensagens e ligações de irmãos abençoados pela Palavra de Deus.

Valberth Veras e Davi Madureira são amigos próximos, e eles me dão força para continuar no ministério. Agradeço a eles e a todo o presbitério que me acompanha no pastoreio da igreja. Há pouco que um homem pode dar fora de honráveis companhias. Alguns amigos têm sido fundamentais pelo simples fato de estarem disponíveis: Ana Flávia Lino, André Venâncio, Guilherme Lino, Guilherme Nunes, Larissa Lima, Miguel Soares, Milca Magalhães, Norma Braga, Pedro Pamplona, Renata Veras e Tiago Albuquerque. Vocês sabem por que estão sendo citados. Deus os abençoe. Matheus Fernandes tem sido um assistente dedicado e tornado muito da minha vida mais simples para que eu possa focar no trabalho do Reino. Não posso deixar de agradecê-lo. Tiago Cavaco me convenceu que o sermão é um estilo literário a ser resgatado, e talvez este livro só exista por sua influência. *Bem haja!* Isa é a “mulher da [minha] mocidade”, um “manancial bendito” onde me alegro (Pv 5.18). Sem ela e sem o fruto de seu ventre, eu não sei se teria suportado o isolamento causado pela pandemia. Ela é coautora de todo texto e sermão, porque forma em mim as verdades que me esforço por pregar. Nunca poderei expressar suficientemente a gratidão por uma parceira tão bondosa. Agradeço a Deus em cada um destes agradecimentos, por ter nos preservado com vida e saúde até aqui. Que ele seja a cura para nossas almas. Amém.

SOBRE O AUTOR

Yago Martins é bacharel em teologia pela Faculdade Teológica Sul-Americana (Londrina/PR), formado na primeira turma de pós-graduação em Escola Austríaca de Economia do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro (São Paulo/SP) e mestre em teologia sistemática pelo *Sacrae Theologiae Magister* (Th.M) do Instituto Aubrey Clark (Fortaleza/CE). É autor de *Pecados Aceitáveis* (2020, Dois Dedos de Teologia), *A Máfia dos Mendigos* (2019, Record), *Os Sermões dos Maricas* (2019, Concílio), *O cristão reformado* (2018, Editora 371), *Faça discípulos ou morra tentando* (2017, Concílio), *Dois dedos de teologia* (2017, Concílio) e *Você não precisa de um chamado missionário* (2016, Concílio). Em 2017, seu artigo *Escatologia e utopia: as origens religiosas da esperança socialista* foi premiado como melhor artigo na categoria Ciência Política, na quinta edição da Conferência de Escola Austríaca no Brasil. Em 2018, foi homenageado pela Câmara Municipal de Fortaleza por seu protagonismo na luta por liberdade religiosa. Em 2019, interpretou o pastor Ali no curta-metragem *Sepâh: O Exército de Guardiões da Revolução Islâmica no Irã*, produzido por Luz em Ação em parceria com *Iran Alive Ministries*. É professor residente no Seminário e Instituto Bíblico Maranata (SIBIMA), onde coordena o Núcleo de Estudos em Cosmovisão Cristã, é membro do corpo de especialistas do Instituto Ludwig von Mises Brasil e pastor titular na Igreja Batista Maanaim. Trabalha desde 2009 com evangelismo de estudantes secundaristas e universitários na Missão GAP, sendo presidente do conselho diretor desde 2016. Atuante na popularização da teologia na internet, fez parte do blog *Voltemos ao Evangelho* e fundou o ministério *Cante as Escrituras*, ambos atualmente integrantes do Ministério Fiel. Além disso, apresenta o canal *Dois Dedos de Teologia* no YouTube, preside o Instituto Schaeffer de Teologia e Cultura e organiza anualmente o Fórum Nordestino de Cosmovisão Cristã. É casado com Isa Martins e pai de Catarina.

[1] CAMUS, Albert. *A Peste.* Rio de Janeiro, RJ: Record, 2017, p. 92-98.

[2] Patativa do Assaré. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 181.

[3] LUTHER, Martin. "*Ob man vor dem Sterben fliehen möge*", In: Ausgewählte Schriften: Erneuerung von Frömmigkeit und Theologie. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1983, p. 225-250.

[4] VENNING, Ralph*. Sin, the plague of plagues*: or, Sinful sin the worst of evils. London, England: John Hancock and T. Parkhurst, 1669.

[5] GRIMKE, Francis. *Some reflections growing out of the recent epidemic of influenza that afflicted our city*: A discourse delivered in the Fifteenth Street Presbyterian Church. Ann Arbor, Michigan: Michigan Publishing, University Library, University of Michigan, p. 10-11.

[6] CALVIN, John "To Farel: New efforts of the ministers of Strasbourg to attract Calvin thither, the plague at Basle, detail of the death of a nephew of Farel", In: BONNET, Jules (Ed.). *Letters of John Calvin* (Vol. I): Compiled from the Original Manuscripts and Edited with Historical Notes. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 2014, xxiii.

[7] RYLE, J. C. *Home Truths*: being miscellaneous addresses and tracts. London: William Hunt and Company, 1866.

[8] SPURGEON, Charles Haddon. *Metropolitan Tabernacle Pulpit* (Vol. 12). Pilgrim Publications, 1980, Sermão 705.

[9] PIPER, John. *Coronavírus e Cristo*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2020, p. 39-40.

[10] GRIMKE, Francis. *Some reflections growing out of the recent epidemic of influenza that afflicted our city*: A discourse delivered in the Fifteenth Street Presbyterian Church. Ann Arbor, Michigan: Michigan Publishing, University Library, University of Michigan, p. 9-10.

[11] MÁRQUEZ, Gabriel García. *El amor en los tiempos del cólera*. Literatura Random House, 2019.

[12] SPURGEON, Charles Haddon. *Metropolitan Tabernacle Pulpit* (Vol. 48). Pilgrim Publications, 1980, Sermão 705.